

A. P. E. F. A.

Outra Escola na América Latina

- M E P E S -

VITÓRIA - ESPÍRITO SANTO



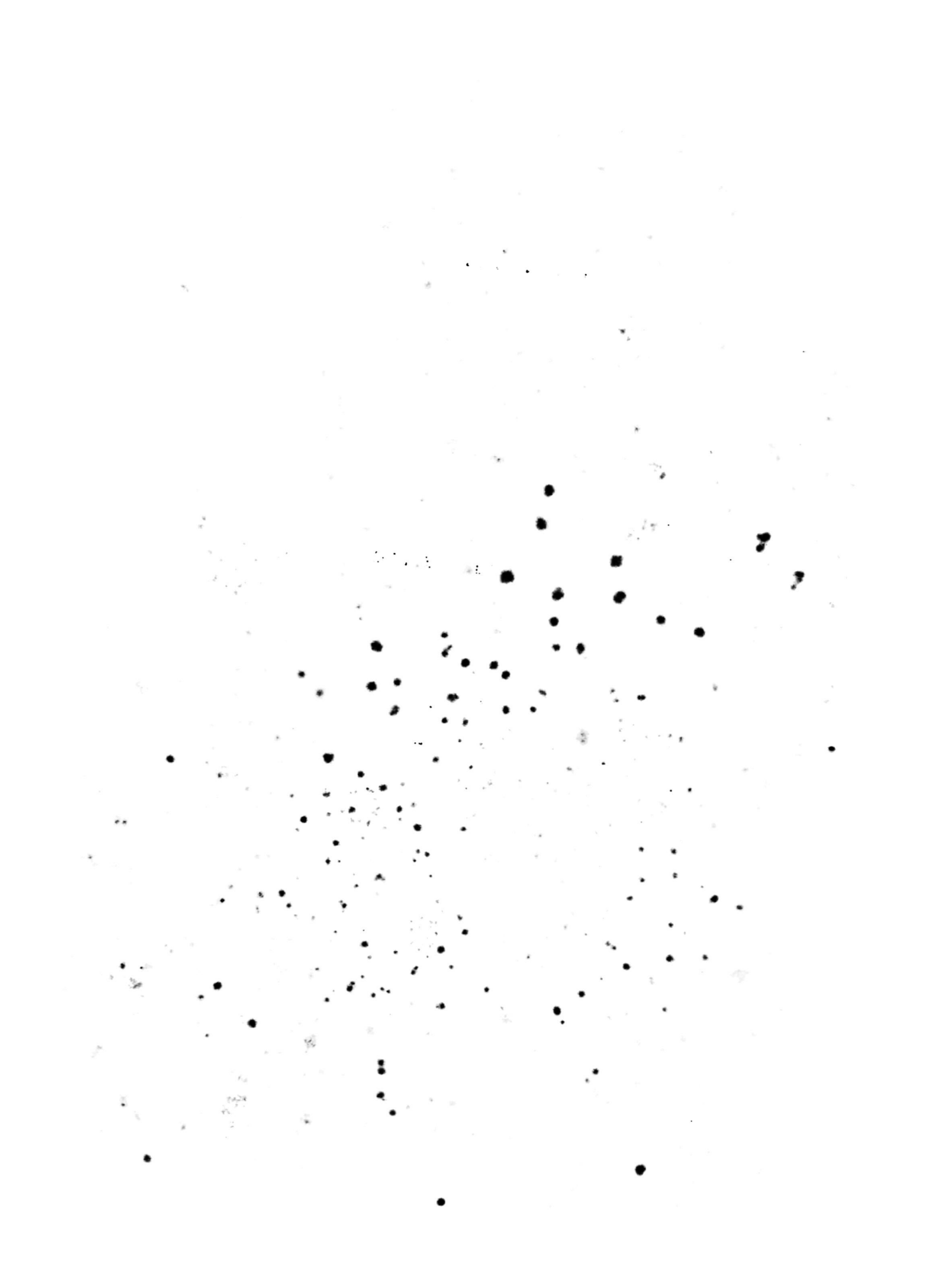
A. P. E. F. A.

OUTRA ESCOLA
NA
AMÉRICA LATINA

(trad. para uso interno)

- M E P E S -

VITÓRIA — ESPÍRITO SANTO



PREZADOS MONITORES,

A Equipe do Centro de Formação e Reflexão tem o imenso prazer de apresentar a tradução do livro "OTRA ESCUELA PARA A AMERICA LATINA", publicado pelas Escolas Família Agrícola da Argentina.

É um texto nascido dentro da América Latina; por isso, ele nos fala mais de perto e se aproxima muito de nossa realidade. Um dos problemas das nossas Escolas-Família Agrícolas é tornar essa experiência sempre mais brasileira e nossa intenção é publicar - quanto antes - o texto das EFAs do MEPES.

Este texto, no entanto, poderá ser de grande ajuda para consultas, análises e estudos. Seria interessante que as equipes o estudassem, capítulo por capítulo, refletindo juntos, fazendo comparações, avaliações e, desta forma, além de ajudar nossas escolas a funcionarem sempre melhor, preparemos o terreno para dentro de pouco tempo publicarmos o nosso texto.

A presente tradução é um auxílio e um certo caminho andado, mas o caminho que nos resta percorrer ainda é longo.

A EQUIPE DO C.F.R.



A presente tradução pretende ser um instrumento de acessoria didática para os Monitores das Escolas-Família Agrícola do Brasil, no Estado do Espírito Santo.

Porisso tomamos certa liberdade na tradução, a fim de que certa linguagem específica da experiência argentina pudesse ser entendida melhor na situação de nossa experiência brasileira.

N. do Trad.



A. P. E. F. A.

OUTRA ESCOLA

NA AMÉRICA LATINA

Plano de Formação das Escolas-
Família Agrícola da Argentina.

Handwritten text, possibly a title or header, located in the upper left quadrant of the page.

Handwritten text, possibly a date or a specific reference, located in the middle left area.

Handwritten text, possibly a name or a subject, located in the lower middle area.

Handwritten text, possibly a signature or a footer, located in the bottom left corner.

A vertical sequence of handwritten marks or characters on the right side of the page.

A small cluster of handwritten marks or characters on the right side of the page.

A single handwritten mark or character.

A single handwritten mark or character.

A single handwritten mark or character.

A single handwritten mark or character.

A single handwritten mark or character.

A single handwritten mark or character.

OUTRA ESCOLA NA AMÉRICA LATINA

Plano de Formação das Escolas da Família Agrícola da Argentina.

Este novo Plano de Formação para as E.F.A. é o fruto de um trabalho educativo começado há seis anos por algumas pessoas e da experiência sobre o plano anterior, desenvolvido com grande esforço e sem alardes por mais de setecentos jovens do meio rural, umas mil famílias camponesas, setenta e cinco monitores e as equipes técnicas do I.C.A.M. (Instituto de Capacitação de Monitores — equivale ao nosso C.F.R., Centro de Formação e Reflexão), e A.P.E.F.A. (Associação de Promoção das Escolas-Família Argentina), mas também em cada chácara e em cada lar.

Colaboraram também neste esforço educativo organizações de base do meio rural, como Movimento Rural, Grêmios, Cooperativas, grupos C.R.E.A. de pequenos produtores e grupos de extensão do I.N.T.A., quer diretamente nas E.F.A., quer assessorando ou informando a alunos e Monitores. Resta apenas acrescentar a decidida e eficaz colaboração que prestaram a esta tarefa o pessoal administrativo do I.C.A.M. e da A.P.E.F.A.

Embora sempre se refira a uma experiência vivida, este Plano é um instrumento técnico: não expressa a riqueza e os problemas da existência de uma E.F.A., nem do Movimento A.P.E.F.A. Tal como está apresentado, pensamos que pode contribuir à reflexão e ação educativa.

REFERÊNCIAS

— Sede da A.P.E.F.A. e I.C.A.M. - Reconquista (Santa Fé)

— EFA funcionando em 1974:

1. Vila Ocampo (Santa Fé)
2. Arroio Ceibal (Santa Fé)
3. Moussy (Santa Fé)
4. Colmena (Santa Fé)
5. Tostado (Santa Fé)

6. Margarita (Santa Fé)
7. San Martin Norte (Santa Fé)
8. Rafaela (Santa Fé)
9. Vila Cañas (Santa Fé)
10. Sarasa (Buenos Aires)
11. Colonia Caroya (Córdoba)
12. Firovano (Buenos Aires)
13. Forres (Santiago del Estero).

— Futuras E.F.A.:

- a) La Sarita (Santa Fé)
- b) Coronel Du Graty (Chaco)
- c) Vila Elisa (Entre Rios)
- d) Alcorta (Santa Fé)
- e) Comunidades Campesinas de Misiones y Formosa.

— ESCOLAS-FAMÍLIA AGRÍCOLA NO BRASII (E.S.):

- 1) Rio Novo do Sul
- 2) Campinho—Iconha
- 3) Iconha
- 4) Alfredo Chaves
- 5) Olivânia—Anchieta
- 6) Jaguaré—São Mateus
- 7) Km. 41—São Mateus
- 8) Jaguaré—Nova Veneza

C.F.R. (Centro de Formação e Reflexão): Vitória (ES)
Sede Central do Movimento: Anchieta (ES).

Responsável:

A. P. E. F. A.

Redatores:

Equipes do Serviço Técnico da
A. P. E. F. A. e do Instituto
de Capacitação de Moniotes
(I. C. A. M.)

Redação e Administração:

Mitre 956
C.C. nº 21 - Santa Fé - Argentina

Publicação do:

"Departamento de Relações Nacio-
nais e Internacionais da A.P.E.F.A."

- fevereiro de 1974.

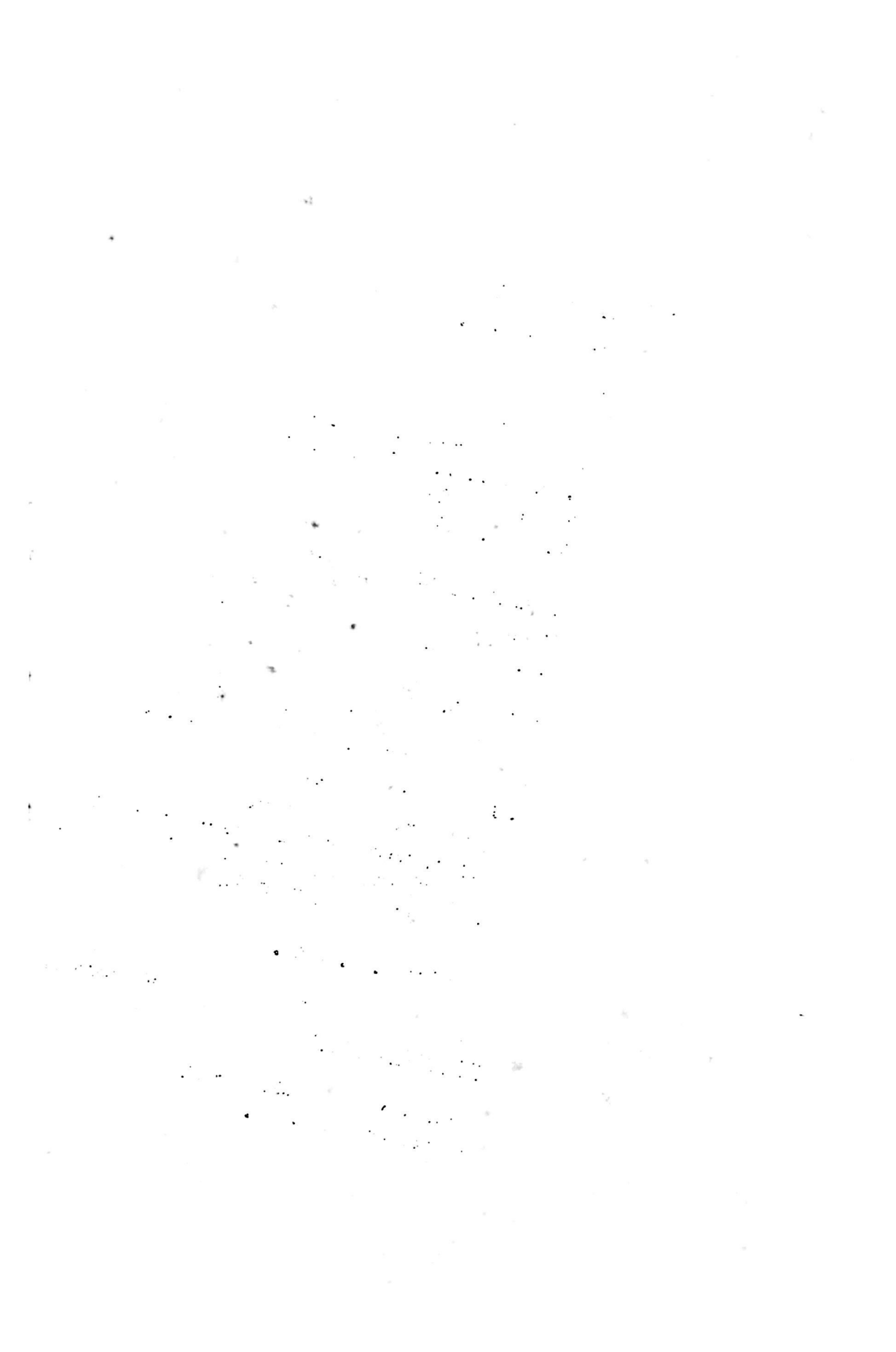
a publicação em castelhano é do:

EDITORIAL BONUM, Maipu, 859 - Buenos Aires - Argentina,
na Coleção "Enfoques Latinoamericanos", n. 8,
Seção: CULTURA Y EDUCACIÓN.

tradução: j. a. ruiz.

A presente tradução é patrocinada pelo C.F.R. do MEPES,
PARA USO INTERNO.

A revisão é de Paolo Nosella,
Coordenador do C.F.R.



Í N D I C E

APRESENTAÇÃO AOS MONITORES BRASILEIROS	1
APRESENTAÇÃO	7
PRÓLOGO	10
I - SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA E EDUCACIONAL DO CAMPO DE AÇÃO DAS EFA	13
II - CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO NA EFA	22
III - OBJETIVOS GERAIS DA EFA	24
IV - PERFIL DO MATRICULADO	27
V - OBJETIVOS DA METODOLOGIA	40
VI - BASES ESTRUTURAIS E METODOLÓGICAS DAS EFA	42
VII - O PROCESSO DE FORMAÇÃO CORRELATIVO AO PROCESSO EVOLUTIVO DOS ALUNOS	53
7.1. A formação no primeiro ano	54
7.2. A formação no segundo ano	56
7.3. A formação no terceiro ano	59
VIII - O PROCESSO DE APRENDIZAGEM A PARTIR DAS ÁREAS DE ESTUDO..	62
8.1. - Área Instrumental (Comunicação e Expressão e Matemática)	64
8.2. - Área de Estudos Sociais	81
8.3. - Área das Ciências Físicas e Biológicas	92
8.4. - Área das Ciências Aplicadas	98
8.5. - Horário	115
IX - SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO EDUCATIVO	117
9.1. - Introdução	117
9.2. - Objetivos do sistema de avaliação e qualificação ..	124
9.3. - Campo que abrange a avaliação	126
9.4. - Critérios, modelos de referência e objetivos operacionais	126
9.5. - Os agentes da avaliação	128
9.6. - Avaliação de educação e aprendizagem de cada aluno, e sistema de qualificação e promoção	128
9.7. - Avaliação das características do ambiente educativo.	133
X - REFLEXÕES DE SÍNTESE: DINÂMICA DO PROCESSO EDUCATIVO NA APEFA	135
XI - A FORMAÇÃO DE MONITORES PARA A EFA	142
XII - EFA E CULTURA POPULAR	148
XIII - UMA EDUCAÇÃO PARA A REFLEXÃO E O COMPROMISSO	150
13.1. - A pessoa humana	150
13.2. - Que é Educar?	151
13.3. - Os meios de Educação	152
13.4. - Sobre o que refletir?	153
13.5. - Como refletir? Elementos para uma metodologia....	154



A P R E S E N T A Ç Ã O

O interesse pelo homem e por tudo o que de algum modo lhe' diz respeito, constitui uma inegável característica de nosso momento histórico. Isto se acentua quando os países, como o nosso, embarcam-se decididamente pelo caminho de um processo de libertação.

A EDUCAÇÃO é uma dessas realidades que se referem ao homem, e por isso mesmo está entre aquelas que ocupam um lugar privilegiado no campo de nossa atenção e de nosso interesse.

Multiplicam-se os escritos. Métodos e ensaios se acumulam.

As críticas se radicalizam. Esquentam-se as polêmicas... E a desorientação aumenta a cada dia!

Psicólogos, pedagogos, professores, pais, políticos, funcionários ... e hoje também os educandos, intervêm com sua voz e com sua presença ativa no complicado campo de debate.

Os autores deste livro também fazer ouvir sua voz. Mas é a voz carregada do realismo próprio daqueles que usam a palavra como expressão para comunicar uma experiência vivida, e não o verbalismo dos que teorizam longe da vida.

Os autores apelam a uma "pedagogia do sentido comum". Sustentam que "a vida educa". Mostram que é possível uma "comunidade educativa" integrada por todos os membros da comunidade. O diálogo se constitui numa ferramenta de trabalho, para um processo educativo no qual todos contribuem e onde todos crescem, para um amadurecimento que todos anseiam e ninguém ainda plenamente alcançou.

"OUTRA ESCOLA NA AMÉRICA LATINA" talvez seja um título que não consiga expressar a totalidade do conteúdo deste livro.

Porque não se trata, na realidade, de "melhorar a escola", a "instituição escolar", como qualquer leitor poderia de imediato pensar.

O propósito vai mais longe. É uma tentativa de re-situar a escola em todo um contexto educacional, no qual ela desempenha um papel limitado e instrumental. A ALTERNÂNCIA, essa "continuidade na

formação numa descontinuidade de atividades" é, sem dúvida, a chave do método, que re-situa a escola e conduz ao descobrimento e à realização de uma possibilidade educacional fora da aula e ao ritmo da vida.

O PLANO DE ESTUDO, esse remeter à vida ao educando, para que ele aprenda a descobrir com novos olhos as realidades trilhadas e desgastadas pelo dia-a-dia, encarna o princípio sustentado pelos autores: "A Vida educa". Porque por trás daquilo que cada dia vemos, mas nunca "olhamos", está oculta a face da realidade que nos interpela.

Não vamos tentar aqui uma síntese que se tornaria incompreensível, daquilo que o leitor descobrirá com clareza na leitura do livro.

"OUTRA ESCOLA NA AMÉRICA LATINA" é uma contribuição real e concreta para o nascimento de uma Nova Pedagogia ao serviço de um Homem Novo.

Os autores não vendem idéias, mas comunicam experiências.

A E.F.A. entrega neste livro uma valiosa e inegável contribuição para todos os que verdadeiramente procuram uma educação conscientizadora e libertadora.

Sobre o caminho dos métodos ainda se terá muito a percorrer, e os autores não o ignoram, porque estão caminhando ao ritmo da experiência. Falam de seu trabalho como de um "movimento pedagógico".

Neste livro se mostra a experiência daqueles que iniciaram a caminhada com os pés na terra. A simples leitura do índice o manifesta, porque os autores exigem como ponto de partida o conhecimento da "situação sócio-econômica e educacional do campo de ação das E.F.A." (Capítulo 1), expõem uma "concepção da educação" (Cap. 2), e traçam o "perfil do formado" (Cap. 4), para assim ajustar "as bases estruturais e metodológicas" (Cap. 6) e definir os critérios e os modos de "avaliação" (Cap. 9).

Se ainda devemos acrescentar e destacar algo nesta apresentação, é que a E.F.A. pretende superar um "enciclopedismo" teorizante que desenraizou não poucas gerações de jovens. Reage contra uma pseudo-cultura livresca, que ignorou ou menosprezou a cultura do povo, especialmente dos setores marginalizados, e reintegra "a ação"

como ingrediente necessário de um real processo educativo.

A E.F.A. se fixou como meta a competência científico-técnica de uma nova geração de jovens, estreitamente vinculados à sua pátria, com vocação especial de servidores, identificados com um meio do qual nunca estão deslocados, comprometidos com seu grupo e com o processo nacional e latino-americano.

Oxalá este livro consiga acender em muitos rincões da Grande Pátria o fogo do espírito que move as pessoas concretas que desaparecem por trás de uma sigla fria, quando dizemos A. P. E. F. A.!

Em meio do desconcerto no qual vivem nossos povos a segurança de saber que há um fermento que prepara o futuro é verdadeiramente reconfortante.

Enquanto sofremos a dor que nos causam os que de uma ou outra maneira destróem cada dia, alenta a alegria saber que outros constróem em silêncio.

Quando o vozerio dos que profetizam sobre o desconcerto no campo educacional nos inquieta, tranquiliza-nos o fato de que outros estejam abrindo, com seu trabalho, os caminhos de uma pedagogia renovada, para a educação de um Homem Novo e para a reconstrução e libertação que o país empreendeu.

Fevereiro, 1974.

ARGENTINO MOYANO

Diretor Nacional da
Superintendência Nacional
do Ensino Privado.

PRÓLOGO

A pedagogia das Escolas da Família Agrícola (E.F.A.) conseguiu abrir uma forte brecha no excessivo conformismo em que vinha dominando a tradição educacional. Essa brecha, ainda pequena, mas gura, teve um nascimento argentino feliz. Não nasceu nos escritórios dos funcionários, não foi obra de um professor ou de um técnico, tampouco apareceu acompanhada de estridente fanfarra com grandes anúncios. Nasceu, cresceu e se está multiplicando a partir de duas pequenas experiências camponesas: uma em 1969 em Rafaela, vale leiteiro do Oeste de Santa Fé, terra de agricultores, "tamberos" (1) meeiros; e a outra em 1970, em Moussy, zona algodoeira do norte mesma província, terra de agricultores, criadores de gado e esforço dos trabalhadores braçais.

Sim, apareceu aqui da mesma maneira que na França. Diz-se que no ano de 1935, agricultores desse país idealizaram a Pedagogia da Alternância, ou da "MAISON FAMILIALE", ou das E.F.A., como a denominamos os argentinos. Depois foram os italianos e alguns países africanos que a adaptaram a suas realidades.

Bem, os argentinos não são os criadores. Talvez tenha sido um mestre, ou um sacerdote, ou um agricultor que, em passagem pela Europa, teve oportunidade de conhecer tais movimentos pedagógicos captou-os e, com senso comum, aqui os transmitiu, em sua terra, outros homens também possuidores de senso comum.

A experiência estava em marcha. Chamava-se Rafaela e Moussy. Ela tinha, entretanto, que ser apontada. Com esse fim se reuniram agricultores, técnicos e professores que decidiram em 1970 constituir uma associação civil denominada A.P.E.F.A. (Associação para a Promoção das Escolas da Família Agrícola), cujos objetivos primordiais são os aspectos promoção, formação e assessoria das E.F.A.

(1) - Não existindo um termo que traduza "tamberos", conservamo-lo em castelhano. Seu significado se aproxima do nosso "mutirão" assim, "tamberos" seriam: "aqueles que trabalham em mutirão"

dos Institutos de nível superior que se criaram em nosso país e nos países latino-americanos.

Rapidamente, junto ao entusiasmo apareceram as dificuldades, em especial as apresentadas para a formação de professores e as atitudes de funcionários resistentes à mudança, aferroados a rotinas, aspirações e noções culturais obstaculizadoras, e muitas vezes inúteis. A A.P.E.F.A. toma consciência de que, para se salvar desses escolhos, como também para suas escolas, necessita de pessoal formado na sua pedagogia e em sua filosofia. Nasceu assim, em 1971, o Instituto de Capacitação de Monitores (I.C.A.M.), encarregado de formar os professores para as E.F.A. Esse Instituto, assim como as escolas, assenta-se sobre uma premissa fundamental: é a realidade, a vida que ensina e educa. O edifício escolar é algo artificial, portanto e, por isso, deve ser substituído e recolocado no lugar que lhe corresponde no processo educativo. Por isso os Monitores efetuam sua capacitação em permanente contato com o meio rural, aplicando-se assim à pedagogia da alternância numa formação de nível correspondente ao superior.

As duas primeiras E.F.A. e ao I.C.A.M. somam-se até o presente outras E.F.A., verdadeiras comunidades educativas, originadas de um sentido comum da base camponesa, nos seguintes lugares: Arroyo Ceibal, Colmena, Villa Ocampo, Villa Cañás, Margarita, Tostado e San Martin Norte, todas na província de Santa Fé; Sarasa e Pirovano, em Buenos Aires; Colonia Caroya, em Córdoba e, por fim, Forres, em Santiago del Estero. Além disso, convencidos de que o processo de unidade latino-americana é irreversível, se desejamos de fato a libertação, a E.F.A., em humilde trabalho, mantém contatos com organizações de base camponesa do Equador e do Brasil. Hoje, a E.F.A., verdadeiro movimento pedagógico, que reflete constantemente em todos os níveis sobre uma formação para o meio rural e popular, assenta seu trabalho sobre as seguintes premissas:

- a) A necessidade de uma participação da base sobre seu próprio processo educativo, mediante a responsabilidade na definição, elaboração, gestão e avaliação, sempre dentro do marco geral fixado pelo Estado.
- b) A realidade dos que participam em todos os níveis de processo produtivo educa e ensina, dentro de uma ação dinâmica na qual a escola deve subscrever-se a seu serviço e como meio para objetivar e refletir sobre as necessidades e expectativas que as comunidades têm sobre todo o processo educativo. Tudo isto, por um lado à luz das pautas que sobre política educativa fixa o país e, por outro, à luz das exigências que nos assinala o mundo moderno.

- c) As manifestações da cultura popular e sua elaboração
gem hoje mais do que nunca uma escola ao serviço, inte-
grada com a comunidade à qual pertence.
- d) A escola é um instrumento, um serviço comprometido, p:
proporcionar os meios que permitam a formação e a cris-
vidade.

Em síntese, cremos que este movimento conseguiu instrumen-
tar uma pedagogia do sentido comum, como vocês poderão ler mais
diante. A este respeito concordamos com Celestin Freinet, quando
" ... digo-lhes que se fôssemos procurar na tradição popular as
ticas milenares do comportamento dos homens na educação dos animais
estariamos em condições de escrever o mais simples e o mais seguro
dos tratados de pedagogia".

Conselho Diretivo da A.P.E.F.A

Reconquista — Santa Fé — 197

I. SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA E EDUCACIONAL

DO CAMPO DE AÇÃO DAS E.F.A.

1.1. A zona compreende diretamente:

1.1.1. As zonas de pequenas e médias propriedades, que constituem, no tocante ao número das mesmas e ao das pessoas ocupadas, aproximadamente 50% da agricultura argentina.

1.1.2. Todas as zonas nitidamente sub-desenvolvidas do Norte da Argentina, compostas em sua maior parte por:

a) Muito pequenas propriedades (43% das propriedades argentinas);

b) Operários temporários, peões instáveis, etc., que estão também muito frequentemente na categoria dos produtores mínimos.

1.1.3. As regiões de grandes propriedades que empregam os peões podem ter E.F.A., desde que a situação social destes lhes permita assumir plenamente a educação dos seus filhos.

1.2. A agricultura representa uma parte preponderante no contexto das atividades econômicas da Argentina. Ela provê, por exemplo, 90% das exportações e alimenta quase 50% das indústrias nacionais em matéria prima. O mundo rural, onde as taxas de natalidade são elevadas, ajuda à industrialização em função de seus recursos humanos.

As condições técnicas e econômicas da região de pequenas e médias empresas (ao falar de pequenas e médias empresas referimo-nos não precisamente à superfície, que é um elemento muito relativo segundo a riqueza da terra, mas à renda que pode obter o grupo humano que o trabalha) são aquelas que correspondem a uma agricultura pioneira, extensiva, sobre as terras que no começo eram bastante ricas, mas que se empobreceram rapidamente por falta de técnicas adequadas. Os produtores vivem, às vezes, bastante bem, outras vezes mal. Mas a situação técnica'

e econômica tende a piorar. Tem-se então uma agricultura que apesar das reais possibilidades humanas e físicas, não se ta a condições que impõem o trabalho e a economia moderna.

As condições das regiões de muito pequenas propriedades evidentemente piores. Subsiste-se, e nada mais.

A difusão de técnicas, no conjunto, é fraca ou nula. A tensão oficial, que dispõe de meios reduzidos, trabalha com todos pouco eficazes, baseados numa fundamentação psico-sológica inadequada. Fora dela existem várias experiências interessantes, em particular os grupos C.R.E.A. de pequenas e dias propriedades. Tais experiências são, no entanto, muito mitadas.

No econômico, a organização dos mercados é débil e, frequentemente, anárquica. Os centros de decisão estão sempre longe dos médios e pequenos produtores. O cooperativismo, que desenvolveu um importante papel nos seus primórdios, carece de verdadeira participação de seus integrantes, como também do dinamismo econômico atualmente necessário. Também neste setor encontram algumas realizações exemplares que mostram possíveis caminhos, sem realmente influir sobre o conjunto.

No setor gremial as organizações profissionais, frequentemente maiores grupos de dirigentes, sem bases reais, defendem idéias conservadoras, antes orientadas para a defesa do já querido que para as necessárias e profundas mudanças.

1.3. O conjunto de infra-estrutura e serviços necessários para o desenvolvimento se concentra sobre os centros urbanos. Quanto mais se afasta da Capital Federal, mais raros são estes serviços. Sendo insuficientes na zona de pequenas e médias propriedades agro-pecuárias, são frequentemente inexistentes em regiões mais pobres. Referimo-nos particularmente a:

— estradas, serviços de transporte, correios, telefones, de a raridade e a ausência destes provoca um grande isolamento.

— os serviços sanitários;

— a rede de informação: diários, rádio, televisão;

— os serviços administrativos;

— a rede educacional.

A baixa densidade de tais serviços se acompanha, evidentemente, de uma diminuição considerável de qualidade dos mesmos

1.4. A situação social:

1.4.1. A população rural está muito dispersa (6 habitantes por km² no Nordeste). Junto à ausência de comunicações que já se assinalou, esta baixa densidade de população é um fator de isolamento que desfavorece o intercâmbio e que não estimula a vida em grupo.

As taxas de natalidade são elevadas em todas as regiões do Nordeste e do Norte do país (regiões de minifúndios), e médias propriedades.

Existe, contudo, uma migração constante para Buenos Aires e outros centros industriais que anulam os efeitos dinamizantes que a presença dos jovens poderia produzir na região. No conjunto das províncias do Norte do país as taxas de mortalidade infantil, menos de 40 por 1.000 nas regiões bem equipadas, chegam a 65 a 120 por 1.000 nas regiões sub-equipadas. Em regiões mais ricas, como no Sul da Província de Santa Fé ou na Província de Buenos Aires, pode-se observar outro tipo de des-povoamento do campo; por um lado, uma natalidade muito reduzida nas famílias de pequenos ou médios proprietários, sem dúvida por reflexo malthusiano; por outro lado, as próprias famílias, desde que possam, mudam-se para a cidade mais próxima, tanto por comodidade como por uma certa "imagem". Os dois fenômenos provocam diretamente uma marcante deterioração do "tecido humano" destas zonas rurais. Têm, contudo, outro efeito indireto: os jovens destas famílias, criados num ambiente de pequena burguesia urbana, encontram pouco interesse na agricultura: escolhem outra profissão, ou consideram o campo como fonte de rendas, não como atividade profissional.

Assim, o despovoamento toma o aspecto de um progressivo esvaziamento sociológico, que traz como consequência outros esvaziamentos (tecnológicos e econômicos).

1.4.2. No Norte e no Nordeste há uma ruptura muito marcada entre dois grupos de culturas distintas: por um lado crioulos, que vivem conforme uma velha tradição sul-americana; e por outro, os colonos, descendentes de migrantes, que vivem baseados numa tradição européia pouco modificada.

A estas diferenças culturais, que poderiam ser ma fonte de enriquecimento, superpõe-se uma questão econômica: os colonos são pequenos e médios proprietários; os crioulos, mínimos proprietários, leiloadores "cosecheros" (quem faz um pouco de tudo), diaristas

Os colonos, particularmente, ocupam aos crioulo como mão-de-obra temporária, para o algodão e para cana-de-açúcar.

Nasce, deste fato, um racismo pouco aparente, real, baseado na ignorância e nas estruturas econômicas deficientes.

1.4.3. As tradições familiares ou grupais são muito fortes conjunto do mundo rural; na medida em que elas não assumidas e dinamizadas por um trabalho de educação constituem um freio muito importante à mudança, e ace- tuam o fenômeno do êxodo da juventude. Algumas experi- cias atuais: C.R.E.A., Movimento Rural, E.F.A., most- que é possível se realizar, e de modo rápido, uma evo- lução.

As tradições religiosas são ainda fortes na gera- ção adulta: com mais religiosidade em regiões pouco desenvolvidas, mais formalismo em regiões colonizada. Mas, em conjunto, sobretudo nas regiões povoadas colonos, passam por uma crise de gerações aguda, sim- taneamente familiar e religiosa. Os jovens, que sofr- pesadamente a tutela dos mais velhos, têm tendência rejeitar globalmente toda manifestação da autoridade. Na medida em que a Igreja tomou as mesmas estruturas que a sociedade, esta se encontra questionada. É as- sim que frequentemente se escuta falar, em relação Argentina, de um catolicismo fortemente vivo e enrai- zado. A realidade demonstra, entretanto, por parte dos jovens, indiferença ou hostilidade para uma problemá- tica que não é a deles.

1.4.4. Uma das características mais salientes deste mundo rural, em conjunto, e de acordo a nosso ponto de vista, está no vazio institucional, político e cultural. As pequenas povoações não têm nenhuma organização, nenhuma representação legal. Os pequenos povoados têm alguma coisa, mas é um pequeno grupo separado do resto da população. Os sindicatos e cooperativas são, no geral, organismos de cúpula — não de base — dirigidos por técnicos.

A debilidade ou a ausência de comunicações (estradas, ônibus, telefones, etc.) contribui, evidentemente, para manter este vazio: uma percentagem ínfima de pessoas lêem um jornal diário ou uma revista; estes não chegam regularmente, não há nenhum estímulo e pouco a pouco se perde o hábito de ler. Em lugar de analfabetismo teórico (aqueles que não sabem ler nem escrever) teríamos que falar de analfabetismo prático: aqueles que na prática nunca escrevem ou lêem.

• 1.5. Situação da educação e formação:

1.5.1. Cifras e dados:

- a) A não-matriculação e os abandonos escolares, que no conjunto das regiões rurais chega à metade dos alunos em idade escolar, chegam a uma média de 70% nas províncias do Norte e do Oeste (cifras do Ministério de Educação de 1970).
- b) A percentagem oficial de analfabetos nas mesmas províncias é de 20%. Sérias estimativas, contudo, chegaram a cifras muito mais elevadas. Teríamos que estudar, entre outras coisas, o caso da população que, por falta de prática, volta a ser analfabeta pouco tempo depois de ter deixado a escola primária. Além disso, por falta de estímulo e de assessoria, os níveis teóricos, previstos pelos programas, baixam consideravelmente, à medida em que se afasta da Capital Federal e dos grandes centros urbanos.

São raríssimos os jovens, filhos de pequenos e médios produtores, que têm possibilidade econômica para continuar estudando depois do mário.

O ensino agrícola de nível médio representa ao redor de 0,7% do ensino secundário da Argentina. É sugestivo comparar estas cifras com as anteriormente citadas a respeito da importância da agricultura na economia. Supondo que todos os alunos terminem o curso das escolas profissionais agrícolas se consagrem à agricultura, dever-se-ia — como base — ter quarenta vezes mais para preencher as necessidades. Mas esta formação, recebida por dirigentes e professores de nível médio e superior, e não por produtores, mostra fracasso generalizado. Uma pesquisa efetuada em fins de 1970 pelo Ministério de Cultura e Pecuária de Santa Fé, dirigida aos ex-alunos da escola de agrônomos mais importante — e também mais antiga — da província, mostra estas cifras sobre a situação atual dos alunos que nela se formaram:

- Produtores agropecuários: 8%
- Continuando estudos superiores: 33%
- De várias profissões (não agropecuárias)
- Em profissões para-agropecuárias: 25%.

Devemos supor, portanto, que a formação recebida não está geralmente em relação ao mundo camponês e à agricultura concreta do país. Nestes termos a escola prepara muito mal aos jovens para as tarefas de desenvolvimento rural.

1,5.2. Educação e Sociedade:

- As famílias e comunidades constituem células muito sólidas, com conteúdos geralmente tradicionais, mas capazes de evolução, como o demonstram as experiências de grupos já existentes: Movimento Rural, C.R.E.A., etc. Sofrem, entretanto, de modo crescente, um conflito de gerações: os jovens

cebem informações do mundo exterior, mas sem as bases que lhes permitam um juízo crítico; os pais não têm elementos para evoluir. Comunidades e famílias sofrem de um grande isolamento, devido sobretudo à falta de estruturas de encontro que às condições físicas.

- As condições econômicas das famílias e a situação geográfica — afastamento dos centros urbanos — dificilmente permitem aos jovens prosseguir estudos depois do ciclo primário, quando conseguem terminá-lo.
- A maioria dos jovens que continuam estudos secundários depois do primário, raras vezes voltam ao campo. Este fato, consideramos, é consequência de um ensino inadequado em relação ao campo sócio-cultural e profissional. Analizaremos esta inadequação do ponto de vista profissional e cultural.

1.5.3. - Educação, Técnica e Economia:

- Os economistas modernos estimam que a formação é um dos mais importantes fatores no desenvolvimento. A falta de cultura geral e de formação profissional constitui o principal obstáculo para a integração dos agricultores no processo de desenvolvimento técnico-econômico.
- Por falta de tal formação, os meios técnicos e econômicos com que contam os agricultores têm uma eficiência muito limitada.
- Além de sua escassez, as escolas agro-pecuárias em sua situação atual não parecem adequadas para a preparação dos agricultores em sua profissão. Com efeito, a conduta destes deve ser a de um administrador de empresa, não somente as de um técnico. O princípio unificador desta formação não seria tanto o conjunto de conhecimentos a adquirir, como as funções a cumprir.

Assim, a aprendizagem necessária para analisar uma situação, informar-se, tomar decisões, organizar-se, levando sempre em conta os aspectos técnicos, econômicos e humanos, deverá orientar aquisições de conhecimento.

1.5.4. — Educação e Cultura:

- O mundo do campo tem, por suas condições gráficas, econômicas e sociais, grandes dificuldades para compreender o mundo atual e nele se localizar. Encontra-se com particular dificuldades para expressar-se.
- Muitas vezes se interpretam estas dificuldades como um sinal de pobreza cultural. Quem conhece este mundo sabe que ele possui grandes valores humanos e conhecimentos nascidos da observação e da experiência.
- A escola atual traz em si, poderíamos dizer outro tipo de humanismo, outra concepção do mundo. Assim explicamos o desenraizamento que se produz pela ruptura do diálogo entre pais e filhos, e a falta do diálogo entre o próprio campo e outros setores: administrativos, técnicos, docentes, etc. Acreditamos que se deve pesquisar para e com o mundo rural as mudanças que permitam valorizar sua própria cultura e estabelecer meios de comunicação e intercâmbio entre esta e as outras formas.

1.6. — Acreditamos que o desenvolvimento rural está expressamente ligado à organização de uma base camponesa capaz de inventar suas próprias soluções, de assegurar a gestão de seus assuntos, de controlar e participar em escalas de poder superior. É assim que falta de informação, de formação e de organização tal que este poder não existe. Além disso, o antigo hábito que este mundo rural tem de ter sido governado de cima, às vezes esquecido, outras vezes assistido, criou o que nós chamamos de uma "consciência

marginal", ou seja, a aceitação desta dependência' ou o abandono como um estado normal. Ao contrário, a constituição de grupos centrados, baseados na or ganização de seu próprio desenvolvimento, choca ' desde cedo com a incredulidade. As experiências de responsabilidade de base, porém, se bem conduzidas, dão resultados notáveis. Mas um elemento essencial que falta em todas as experiências é a formação; ig to é, as bases necessárias para:

- buscar informação, entendê-la e utilizá-la;
- transmiti-la;
- raciocinar.

II - CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO NA E. F. A.

Desde a criação das E. F. A., sua prática pedagógica é guiada por idéias diretrizes que poderiam ser assim caracterizadas:

- respeito à personalidade de cada um;
- a vida social, fator de desenvolvimento;
- primazia da vida sobre a escola;
- papel da ação na educação;
- necessidade de coerência e unidade na formação;
- necessidade de reflexão e explicitação de valores.

2.1. - Cada personalidade não pode desenvolver-se em harmonia fora de suas características próprias, o que poderíamos denominar, em termos dinâmicos, sua vocação.

Localiza-se simultaneamente como ser condicionado por suas características físicas e mentais, sua situação histórica e geográfica e, como ser livre, devendo escolher seu futuro. Seus pais, seus mestres, a sociedade, não podem escolher sua personalidade (o que seria fabricar uma pseudo-personalidade), nem seu futuro.

O primeiro passo de toda educação será, portanto, ajudar cada um a descobrir-se e assumir-se a si mesmo.

2.2. - A sociedade constitui, entretanto, o lugar onde o jovem pode tomar consciência de si mesmo, escolher, desenvolver-se. Assim, a relação e o diálogo são condições essenciais do jovem com sua família, seu grupo, sua comunidade.

O Ser Humano se torna PESSOA por sua inserção na Sociedade Reciprocamente, constroi uma Sociedade à sua imagem.

2.3. - Quando a escola quer cumprir, por si mesma, de modo único ou principal, este conjunto de funções, apresenta ao jovem uma realidade artificial e empobrecida. Consideramos a escola não como uma proprietária do saber, mas como serviço, devendo pôr em ação as estruturas, métodos e meios que permitem à vida cumprir seu papel de educadora.

2.4. - A AÇÃO constitui o motor da aprendizagem; desperta o interesse, promove a responsabilidade, facilita as experiências, obriga a relação e o diálogo, permite o desenvolvimento integral de toda a personalidade. A E. F. A. aproveita ao máximo todas as atividades que requerem atitudes ativas, dentro e fora da escola.

2.5. O jovem necessita descobrir uma ordem, uma coerência em si mesmo e no mundo que o rodeia; constituir sua própria UNIDADE. Geralmente, no ensino, tal meta se encontra contrariada ou desvirtuada por quatro fatores:

- o caráter demasiadamente analítico e dividido dos programas;
- A especialização demasiadamente estreita dos professores;
- O caráter quase exclusivamente intelectual da formação;
- A escassez da relação escola-vida.

A E. F. A. deve encontrar soluções ante estas deficiências para ajudar a cada aluno a realizar sua integração pessoal.

2.6. - A pessoa e o grupo necessitam tomar consciência dos valores implícitos em sua vida e em sua vivência. Para isso é necessário distanciar-se. E esta tomada de distância é proporcionada pela reflexão pessoal e grupal, respeitando a cada um, já que se trata de um processo pessoal ou grupal, não de uma doutrinação.

III. OBJETIVOS GERAIS DA E. F. A.

O OBJETIVO FUNDAMENTAL pode ser definido como: uma preparação para a vida adulta e a orientação profissional dos adolescentes da vida rural e camponesa, para assumir os papéis de uma sociedade democrática.

Empregam-se os termos de preparação e orientação, no sentido de um pôr-se em marcha de um processo, que não se pode acabar três anos escolares.

3.1. — No campo dos conhecimentos:

- 3.1.1. - No pessoal: conhecimentos que permitam ao jovem calizar-se na sociedade.
- 3.1.2. - No profissional: conhecimentos que permitam escolher uma profissão e iniciar um trabalho profissional;
- 3.1.3. - Para cumprir com as duas primeiras condições, tais conhecimentos deverão:
 - apresentar relações e respostas, com a problemática da região e do meio sócio-econômico aluno, sem se fechar em tal ou qual região meio;
 - apresentar um panorama amplo, sem enciclopedismo;
 - permitir níveis intelectuais iguais aos dos jovens que estudam em outras formas de ensino.

3.2. — No campo das aptidões:

— Aptidões profissionais:

- 3.2.1. - Para informar-se sobre problemas e técnicas novas no campo profissional.
- 3.2.2. - Para transmitir tais informações à sua própria comunidade, a outras comunidades, organizações profissionais, autoridades, etc.

3.2.3. - Para raciocinar em sua profissão: analisar situações e dados, comparar com outras, relacionar com dados técnicos e científicos, avaliar práticas e resultados, elaborar sínteses.

3.2.4. - Para planificar, dirigir e executar suas tarefas profissionais.

3.2.5. - Para adaptar-se a situações novas e criar soluções adequadas.

— Aptidões pessoais:

3.2.6. - Para informar-se nos campos cultural, social e político.

3.2.7. - Para informar sua comunidade, outras comunidades, organizações e autoridades a respeito dos mesmos assuntos.

3.2.8. - Para raciocinar sobre sua vida de cidadão argentino: analisar situações e fatos, integrá-los numa visão de conjunto, avaliar fontes de informações, situações, fatos e atitudes.

3.2.9. - Para agir nas estruturas culturais, sociais e políticas que estiverem a seu alcance.

3.2.10. - Para criar soluções novas nos âmbitos cultural, social e econômico.

3.2.11. - Em geral, para manter e desenvolver seu potencial físico, intelectual e afetivo.

3.3. - No campo das atitudes:

3.3.1. - Abertura: atitude desperta e reflexiva.

3.3.2. - Valorização e compromisso:

— Respeito à verdade e procura da verdade numa atitude científica.

3.3.3. - Aceitação e valorização de si mesmo e de suas características físicas e intelectuais.

- Enraizamento no âmbito social, cultural, religioso, profissional, regional e nacional.
- Universalidade no cultural, social e político.
- Amor à vida e ao trabalho em equipe.
- Sentido de responsabilidade nos âmbitos profissional, cultural, social e político.

IV - PERFIL DO MATRICULADO

4.1. - Classificação dos objetivos:

As definições e classificações variam muito conforme os autores, as escolas e as práticas educacionais.

A pedagogia das E.F.A. apresenta um caráter original que dificulta a integração estrita de suas definições e classificações nos sistemas clássicos: a relação estreita que existe entre a escola e a realidade não escolar. Por exemplo: uma aptidão, na pedagogia das E.F.A., será sempre a capacidade para realizar uma dada operação na própria vida real e não apenas na escola. Definiremos, portanto, no presente capítulo, o sentido de cada termo.

A maioria dos novos sistemas apresentam outro problema: para definir e avaliar ao ser humano em seu crescimento, realidade complexa, multiplicam-se categorias e divisões. Mas a complexidade destes sistemas traz novas dificuldades:

- tal complexidade faz que o sistema possa ser manejado unicamente por especialistas, com um material e um tempo consideráveis. O sistema pode ser perfeito, mas não é OPERACIONAL;
- A psicologia moderna faz aparecer novamente a unidade da pessoa em sua complexidade; um sistema complexo tenta adaptar-se a tal complexidade, mas esquece o aspecto "unidade". Temos assim, frequentemente, definições muito sutis, às vezes confusas, que repetem o mesmo em várias categorias. Levando em conta estes riscos, a E.F.A. escolheu um sistema:
 - bastante simples, para que seja operacional;
 - baseado em conceitos globais, que devem permitir descrever a pessoa em ação;
 - adaptado à especificidade da E.F.A.

a) Decidimos classificar os objetivos em:

- conhecimentos,
- aptidões,
- atitudes.

1. - Conhecimentos: Armazenagem de informações, que possam corresponder a idéias, materiais ou fenômenos.

Implicam:

- a recordação direta.
- a memória operacional, isto é, saber que tal informação existe e pode ser encontrada em determinado lugar.

2. Aptidões: Capacidades para agir num determinado campo para realizar uma ampla operação. Uma aptidão incluirá um conjunto integrado de conhecimentos, habilidades e hábitos.

Encontramos dois níveis de aptidões:

- Um nível "intelectual" que se poderia classificar sob o título geral de inteligência;
- Um nível "integrado", no qual participam a inteligência, o sistema psico-motor e, de modo mais velado, a afetividade.

3. Atitudes: Formas espontâneas e generalizadas de reagir ante situações.

b) Definição dos objetivos:

O número de classificação que se dá a cada objetivo é o "número de código" ao qual referiremo-nos de modo permanente nos instrumentos de avaliação.

1. - CONHECIMENTOS:

1.1. - Conhecimentos de terminologia e convenções:

- Empregar com propriedade, distinguir, definir palavras (numa língua), ou termos específicos (de uma ciência ou técnica)

- Conhecer as palavras, sinais, símbolos, que se usam para apresentar e tratar as idéias, fenômenos, técnicas, materiais.

1.2. - Conhecimentos de fatos específicos, tendências e sequências:

- fatos específicos: datas, acontecimentos, lugares, fontes de informação, etc.
- Sequências: uma série de fatos, dados e acontecimentos relacionados entre si.
- Tendências: os acontecimentos ou fenômenos que se possam prever ou deduzir a partir de uma dada situação.

1.3. - Conhecimento de metodologia, critérios, classificações:

- Métodos e processos utilizados num determinado campo.
- Critérios que permitem comprovar.
- Classificações: divisões e ordenação em categorias que permitem o estudo.

1.4. - Conhecimento dos princípios, leis, teorias num determinado campo, fenômeno ou problema.

2. APTIDÕES:

2.1. - Informar-se:

Aptidão para pesquisar, registrar, classificar informações no campo, em livros, documentos, etc.

Requer simultaneamente aptidões intelectuais, psico-motoras e interesse.

Pode-se avaliar:

- 2.1.1. A riqueza.
- 2.1.2. A exatidão.
- 2.1.3. A adequação com o tema investigado.
- 2.1.4. As possibilidades de utilização (qualidade do registro ou "armazenamento", especialmente a classificação).

2.2. - Informar:

Aptidões para transmitir uma mensagem.

Pode-se distinguir:

— qualidades externas da mensagem:

2.2.1. - apresentação, estética;

2.2.2. - clareza;

2.2.3. - volume.

— qualidades internas:

2.2.4. transcrição: resumo e adaptação dos termos de enunciado (problema, lei, texto...) sem alterá-lo em seus fundamentos, para traduzir duma ou outra forma verbal, de uma forma simbólica a outra em expressão oral ou escrita.

2.3. Analisar: distribuir, classificar, selecionar, relacionar.

2.3.1. - Distribuir e classificar os dados, fenômenos, problemas, idéias, palavras, etc., que pertencem a uma mesma categoria num determinado campo.

2.3.2. - Selecionar: saber escolher o essencial, o significativo.

2.3.3. - Relacionar: saber relacionar dois ou vários dados, fenômenos e problemas, para uma melhor compreensão do conjunto, ou de um deles.

2.3.4. Interpretar: saber, numa dada comunicação, identificar e compreender as idéias incluídas.

2.4. - Sintetizar:

Entram nesta categoria as operações que reúnem elementos ou partes para formar um todo, ou seja, uma idéia, um esquema, um plano, uma estrutura que antes não estava presente com clareza. Supõe uma análise prévia.

2.4.1. - Organizar: encontrar ou elaborar um plano numa obra, a colocação ou a solução de um problema e um processo.

2.4.2. - Extrair: num determinado tema, explicitar idéias que não são expressas, mas que se podem perceber ou deduzir.

2.4.3. - Generalizar ou conceitualizar: formular exatamente ou de modo conciso as constantes que se deduzem de uma série de idéias ou fenômenos.

2.5. - Aplicação:

As operações descritas até agora pertencem ao domínio intelectual, inclusive quando necessitam suportes materiais. Nas E.F.A. damos ao termo APLICAÇÃO a significação limitada de: realização material e em condições reais de execução.

Distinguimos:

2.5.1. - Planificação: previsão do lugar, tempo, material, pessoas, fases, etc.

2.5.2. - Realização: habilidades, seguimento do Plano, resultados práticos, estéticos.

2.6. - Avaliação:

É a formulação de juízos sobre o valor das idéias, das obras, soluções, métodos, materiais, etc.

Teoricamente, é uma operação intelectual, diferente da valoração (Ver 3.2.) que pertence mais ao domínio afetivo. Tem sempre, porém, um colorido afetivo, e um dos critérios de medição será justamente a objetividade nos juízos.

Pode-se distinguir:

2.6.1. - Avaliação em termos de evidência interna: coerência, exatidão lógica, etc.

2.6.2. - Avaliação em termos de exatidão externa: comparação com outros dados, averiguação do valor das informações, etc.

2.7. - Criatividade:

Pode utilizar a totalidade ou parte das atitudes descritas mais acima. Distingue-se de cada uma no caso que traga algo novo, expressão de uma personalidade singular, e não uma cópia. Pode-se encontrar quer numa obra literária ou estética (aspectos mais clássicos), como na solução original a um problema, um modo inédito de colocá-lo, um enfoque novo numa qualquer (referências menos clássicas).

3. ATITUDES:

3.1. - Receptividade: é a atitude de atenção, abertura, que condiciona todas as outras operações do processo educativo. Pode variar entre a não-receptividade habitual até um estado de permanente receptividade, passando pela receptividade parcial; está relacionada com o interesse por uma atividade, área, pessoa, etc.

3.2. - Consciência: Atitude reflexiva sobre si mesmo, sobre os acontecimentos ou problemas, sobre problemas e fenômenos que se apresentam. É uma operação intelectual mas os fatores que permitem, aceleram, dificultam ou impedem a tomada de consciência são, sobretudo, afetivos.

3.3. - Valoração: atitude de adesão MENTAL a um sistema de valores, que se manifesta pela expressão de juízos. Tal expressão pode variar:

- qualitativamente, desde o juízo sem fundamentação até um sistema fundamentado e coerente;
- quantitativamente, desde preferências ou juízos isolados, até um sistema completo.

O recusar a julgar pode ter dois valores opostos:

- um negativo: o recusar-se a comprometer-se;
- um positivo: prudência, honestidade, respeito aos outros.

3.4. - Compromisso:

É a valoração em atos. A pessoa conforma sua vida com seu sistema de valores.

Os graus do compromisso podem ser:

- Uma desconformidade total ou notável entre o que se afirma e as condutas,
- a procura de uma "neutralidade" (não intrrometer-se) que expressa a atitude de recusar-se a ter problemas,
- uma conformidade parcial ou esporádica entre o sistema de valores expresso e as condutas.

Receptividade e consciência não se aplicam propriamente a um conteúdo elaborado: são receptividade à realidade vivida, consciência da realidade vivida. Ao contrário, valoração e compromisso referem-se a um sistema de valores, o que se expressa, no essencial, nos planos das E.F.A.

4,2. - Enfoque do Perfil:

Na classificação geralmente admitida para uma formação profissional, distingue-se:

- a formação pessoal ou bases de cultura geral;
- as disposições inatas, as vezes chamadas aptidões;
- as habilidades e destrezas, relacionadas com a profissão;
- a capacidade ou competência profissional, que às vezes é assimilada aos conhecimentos.

O estado atual das ciências do homem — psicologia, sociologia, pedagogia — mostram a necessidade de rever esta classificação:

- Em primeiro lugar, a fronteira entre o inato e o adquirido se torna cada vez menos definida. Além disso, em relação à operacionalidade, o importante é a APTIDÃO PARA UMA CONDUTA INTEGRADA E DENTRO DE UM CONTEXTO CONCRETO. O que chamamos aptidão neste Plano responde a esta definição.
- Deve-se sublinhar também o novo enfoque em relação à unidade: cultura geral—formação profissional. Este enfoque pode ser expresso em três pontos:

- A cultura geral, enquanto permite a cada homem localizar-se, proporciona uma capacidade profissional muito superior a que resultaria de uma alta especialização. Com efeito, atividade profissional hoje necessita de localização, comunicação, equipe, reflexão, que são contribuições da cultura geral. Além disso, uma cultura geral assim concebida é condição de adaptabilidade que permite a mudança.
- A profissão, com suas técnicas, condutas, normas, valores constitui um setor importante da cultura. É por tê-lo esquecido que hoje se procura como inventar uma "cultura popular".
- Uma cultura autêntica pode perfeitamente construir-se a partir de uma profissão — que é, para o meio popular, uma das vivências de maior amplitude — se se entende por profissão não somente uma coleção de técnicas ou habilidades mas, antes, uma concepção universal, técnica, científica, econômica, social e psicológica.

A capacidade profissional, que se confunde muito frequentemente com uma coleção de conhecimentos, é, na realidade, um conjunto integrado por:

- cultura geral;
- aptidões, desenvolvidas e a desenvolver;
- conhecimentos utilizáveis, isto é, integrados e operacionais;
- atitudes, das quais geralmente nunca se fala durante a formação, sendo que desempenham no exercício da profissão um papel decisivo;
- pretende integrar e unificar singularmente ao homem total individual e socialmente; em ação e reflexão, ante um passado, um presente e um futuro, em seus aspectos biológicos, impulsivo e intelectual; situado e transcendente, como sujeito e objeto;
- Põe seu acento sobre a vida popular: sua organização, trabalho, vida econômica e social, conforme seu enraizamento cultural, como fonte de expressão privilegiada, rejeitando a noção de uma cultura elitista;
- Postula a criatividade, "contemplação ativa", em lugar do consumo, produto de uma cultura recebida e passiva.

O Perfil que apresentamos se localiza dentro deste enfoque. Para que seja operacional, não o fizemos exaustivo, mas procuramos apenas destacar os aspectos que parecem mais importantes.

OBSERVAÇÃO: EM TODO PLANO DE FORMAÇÃO, OS NÚMEROS QUE FIGURAM ENTRE PARÊNTESES CORRESPONDEM À CLASSIFICAÇÃO DOS OBJETIVOS ,
4.1.

4.3. — PERFIL DO MATRICULADO:

DIAGNÓSTICO	FUNDAMENTAÇÃO	PERFIL
<p>O isolamento, a escassez de comunicação, a vergonha de falar seu idioma local, provoca geralmente dificuldade de comunicação.</p> <p>O mundo moderno necessita de uma capacidade de comunicar-se cada vez maior.</p>	<p>Pensamos que o homem se desenvolve por meio da comunicação.</p>	<p>Capacidade para expressar-se, em sua própria região, com sua própria língua—gen, nas organizações gremiais, com a administração. (2.2.).</p>
<p>A fonte quase exclusiva de informação se localiza nos intercâmbios dentro da região, por falta de:</p> <ul style="list-style-type: none">-- motivação;-- capacitação;-- adequação da informação. <p>No mundo moderno, a informação passou de um nível regional, a nacional e mundial. O avanço tecnológico atual exige uma permanente informação.</p>	<p>A pessoa não necessita apenas de receber e dar informações durante seu período de formação, mas de modo permanente.</p>	<p>Capacidade para informar-se, com sentido crítico, nos aspectos:</p> <ul style="list-style-type: none">-- profissional;-- cultural;-- político;-- econômico, <p>em tudo o que está relacionado com a localização humana e profissional.</p>
<p>Numa formação tradicional predomina a armazenagem de conhecimentos teóricos.</p> <ul style="list-style-type: none">-- Falta de métodos para a investigação e reflexão.-- Tendência a seguir as idéias ou moldes, por temor ao desconhecido.	<p>A pessoa se forma, cresce como pessoa, num processo dinâmico com o meio que a rodeia.</p> <p>Passando por um estado de assimilação, pelo qual o sujeito se prende ao seu meio, a pessoa se integra no meio, interiorizando o recebido.</p>	<p>Capacidade de análise, reflexão e valoração pessoal, sobre atitudes vividas:</p> <ul style="list-style-type: none">-- no profissional;-- no cultural;-- no político;-- no econômico. <p>(2.3.; 3.2.;3.3).</p>

DIAGNÓSTICO	FUNDAMENTAÇÃO	PERFIL
Falta de racionalidade na organização e falta de planificação, especialmente na vida pessoal e nos trabalhos do lar.	Pensamos que a organização e planificação racionais, são elementos determinantes para o aperfeiçoamento da vida pessoal, social, cultural, profissional e econômica. Fazem crescer ao homem no campo do racional.	Capacidade para organizar e planificar racionalmente - sua própria vida - suas tarefas profissionais; - as estruturas atividades da comunidade (2.5.)
Devido às condições geográficas existe a tendência ao isolamento, especialmente: - no político, desde a organização da comunidade local à nacional; - No avanço do mundo moderno. A estrutura da família rural (de tipo patriarcal) provoca: . De modo crescente, isolamento e desintegração entre seus membros. A complexidade crescente, que se dá no mundo moderno, exige: - distribuição das responsabilidades. - trabalho em equipe.	O homem, como ser social, necessita conviver e participar, para desenvolver-se. A família é o ponto de partida da participação.	Capacidade para conviver e trabalhar em equipe: - no familiar; - no profissional - na comunidade. (3.1.; 3.2; 3.4.)
Deficiente formação cultural a nível primário: - predomina o ensino da cultura imperialista (européia e norte-americana) sobre o local, nacional e latino-americano. - Desconhecimento e desvalorização: . do âmbito natural; . das atividades e das condutas do homem; a nível local, nacional e latino-americano, como também universal.	Consideramos a cultura como a localização histórica (passado, presente e futuro) e geográfica da pessoa em sua situação e a partir dela.	Integração cultural como conhecimento e apreço: - do âmbito natural; - das atividades e condutas do homem; - dos valores; a nível local, nacional, latino-americano e universal

DIAGNÓSTICO	FUNDAMENTAÇÃO	PERFIL
<p>O camponês, cuja experiência de vida é concreta, tem geralmente dificuldades para abstrair, generalizar e conceitualizar.</p> <p>Falta de bases científicas que dificultam parcialmente a adoção de técnicas novas. Dependência demasiadamente grande do produtor e da dona de casa em relação ao comerciante e ao técnico.</p>	<p>A pessoa se realiza e cresce, dominando paulatinamente o universo concreto, tornando-o cada vez mais inteligível. Abstração, generalização e conceitualização, são os instrumentos que permitem esta operação.</p> <p>O homem, como ser racional, necessita ir mais longe do simples conhecimento das receitas; deve entender os processos científicos que maneja.</p>	<p>Capacidade para abstrair, generalizar e conceitualizar (2.4.).</p> <p>Domínio das bases científicas que permite compreender as técnicas (1.2.; 1.3.; 1.4.).</p>
<p>As técnicas e práticas que os agricultores inventam, resultado de suas observações e experimentos, constituem bases valiosas, mas limitadas por sua falta de fundamentação científica (ou sua escassa flexibilidade) e sua falta de adaptação às condições da economia moderna.</p> <p>As técnicas difundidas pelo ensino agropecuario-técnico atual carecem também de bases científicas e de adequação à economia moderna. Além disso, no geral, não são operacionais na realidade do médio e pequeno agricultor.</p>	<p>As técnicas não são receitas, nas traduções das contribuições das ciências e não podem ser algo rígido. Deve ser uma permanente adaptação no tempo e no espaço.</p> <p>Além das técnicas elaboradas pelos agricultores, os técnicos esquecem ou frequentemente ignoram a conservação do equilíbrio ecológico.</p>	<p>- Aptidão para buscar, elaborar e aplicar técnicas adequadas a uma dada situação, levando em consideração as condições da economia moderna e o equilíbrio ecológico (2.3.; 2.4.; 2.5.).</p>
<p>A escola não integrou ainda as aptidões físicas, especialmente profissionais, como parte indispensável da cultura. Ao contrário, os meios populares, especialmente os camponeses, valorizam-nas sempre, tendo-as como base da aprendizagem.</p>	<p>Integração total da pessoa. Acentuação sobre as aptidões físicas, especialmente profissionais, como aspecto imprescindível da cultura.</p>	<p>- Aptidão para utilizar seu corpo como um instrumento adequado e adaptável.</p> <p>- Habilidades para tarefas manuais em geral.</p> <p>- Habilidades para os trabalhos manuais relacionados com a profissão do agricultor (2.5.).</p>

DIAGNÓSTICO	FUNDAMENTAÇÃO	PERFIL
<p>O mundo camponês, ao lado dos outros setores sociais, vive submerso em seu agir, e raras vezes realiza a "tonada de distância" que constitui uma verdadeira avaliação.</p>	<p>Assim como a pessoa ou a equipe encontram sua dinâmica em valores, fins e objetivos refletidos, também necessitam possuir e usar permanentemente instrumentos e métodos que permitam avaliar a força, a direção e os resultados de seus esforços.</p>	<ul style="list-style-type: none">- Aptidão para auto-avaliar-se individualmente e em equipe, a respeito de valores, fins e objetivos escolhidos.- Aptidão para avaliar situações ou ações com os mesmos critérios (2.6.).
<p>Os sistemas atuais de avaliação escolar não permitem uma formação para a avaliação, nas ainda transitentes sistemas reformados.</p>	<p>As decisões do agricultor, qualquer que seja o tamanho e a natureza de sua exploração, são sínteses entre diversos elementos, como físicos, biológicos, técnicos, econômicos, psico-sociológicos e culturais. O agricultor tradicional realiza estas sínteses de modo intuitivo. O ensino agro-pecuário ignora geralmente a complexidade dos elementos que devem entrar numa decisão.</p>	<ul style="list-style-type: none">- Aptidão para realizar as complexas operações que constituem o manejo da propriedade.- Capacidade para utilizar tais aptidões em outros setores da realidade (2.5.)
<p>A educação familiar e escolar tem ainda a tendência a reproduzir esquemas e modelos de agir ultrapassados. A pessoa educada pode sofrer de uma rigidez que lhe dificulta a adaptação e a invenção.</p>	<p>O mundo moderno é "mundo em transformação"; a pessoa e o grupo devem ter capacidade para assumir e dominar a mudança em função dos valores descobertos. O primeiro passo que permite tal capacidade se situa na análise e assunção do presente.</p>	<ul style="list-style-type: none">- Capacidade para analisar sua própria situação;- Capacidade para assumir a mesma.- Capacidade para assumir a mudança e analisá-la (3.1.; 3.3.; 3.4.).

DIAGNÓSTICO	FUNDAMENTAÇÃO	PERFIL
A estrutura familiar e social ainda vigentes criam situações de dependência quanto a decisões e condutas. O fenômeno moderno da massificação acentua esta tendência.	A pessoa tem dois polos: não só é ser social, mas também autônomo.	Autonomia nas decisões e condutas, assumindo as responsabilidades (3.4.).
O camponês conserva alguns valores recebidos por tradição, considerados como absolutos e que atualmente os vê em insegurança. Isto lhe produz desconcerto e angústia, e às vezes ele se aferra a esses valores.	Um aspecto importante da pessoa é o impulsivo ou tendencial. A ação explícita ou implícita responde à captação de um valor como tal. O amadurecimento pessoal leva ao descobrimento de novos valores.	Capacidade de descobrimento, integração e hierarquização de valores (3.3.).
Entre os valores tradicionais do camponês encontramos os religiosos, notizados na maioria dos casos por ritualismo e às vezes por magia.	O aspecto transcendente do homem se manifesta fundamentalmente ao questionar-se o sentido de sua vida, a razão de sua existência, etc.	Coerência de vida com os valores descobertos e aceitos.

V — OBJETIVOS DA METODOLOGIA

5.1. — Capacitar o aluno para que adquira as bases científicas que lhe permitam compreender as técnicas utilizadas (1.2.; 1.3.; 1.4.).

5.2. - Capacitar ao aluno para que adquira:

- a aptidão de informar-se com sentido crítico (2.1.);
- a aptidão de informar expressando-se com sua própria linguagem (2.2.);
- a aptidão para a análise, reflexão e valoração pessoal sobre situações vividas (2.3.; 3.2.; 3.3.).
- a aptidão para generalizar e conceitualizar;
- a aptidão para organizar e planificar racionalmente;
- a aptidão para pesquisar, elaborar e aplicar técnicas adequadas a uma determinada situação (2.3.; 2.4.; 2.5.);
- A aptidão para utilizar seu corpo como instrumento adequado e adaptável (2.5.);
- habilidade para as tarefas manuais em geral e relacionadas com a profissão de agricultor (2.5.);
- a aptidão de auto-avaliar-se individualmente e em equipe a respeito de valores, fins, e objetivos escolhidos (2.6.);
- A aptidão para avaliar situações ou ações a respeito de valores, fins e objetivos escolhidos (2.6.).

5.3. - Capacitar ao aluno para que adquira:

- a atitude de abertura para analisar sua própria situação, assumi-la e analisar e assumir a mudança (3.1.; 3.3.; 3.4.);
- A atitude de abertura necessária para conviver e trabalhar em equipe (3.2.; 3.1.; 3.4.);

- A atitude de apreço do âmbito natural das atividades e do modo de agir do homem e seus valores (3.3.);
- Autonomia nas decisões e condutas, assumindo as responsabilidades;
- Uma integração e hierarquização de valores e coerência de vida com eles (3.3.; 3.4.).

VI — BASES ESTRUTURAIS E METODOLÓGICAS DAS E. F. A.

Para responder à problemática das regiões rurais descrita no capítulo I, e continuar as concepções e objetivos expostos (caps 2, 3, 4 e 5), as E.F.A. agem conforme estas bases estruturais e metodológicas.

6.1. - A idade de formação se situa na adolescência: período que permite simultaneamente um compromisso real com a profissão dos pais, uma abertura e uma suficiente liberdade para permitir a mudança.

A matrícula nas E.F.A. não pode ser feita antes dos treze anos; mais cedo, o jovem ainda não tem suficiente maturidade para aproveitar plenamente tal tipo de pedagogia. Por outro lado, a matrícula se faz após o ciclo primário. Assim são adquiridas as bases escolares essenciais; as atuais experiências, porém, revelam uma alta percentagem de níveis que não correspondem ao nível final do ciclo. As E.F.A., que querem trabalhar a partir da realidade atual do campo, devem levar em consideração este problema e prover, no primeiro ano, avaliação e complementação de nível.

6.2. - O ciclo de formação é de três anos, podendo-se completar, depois de uma suficiente experiência, por uma formação sistemática ou a-sistemática concorde às necessidades canalizadas (NOTA: Já se estão preparando projetos para o curso secundário e formação permanente aplicando o mesmo sistema).

6.3. As bases de formação são as seguintes:

- Quanto aos conhecimentos, trata-se de levar os alunos a um nível de cultura geral, e de formação científico-técnica que lhes permitam localizar-se no mundo moderno como chefes de pequenas ou médias propriedades agrícolas. Este nível não deverá ser inferior, no conjunto das matérias básicas, ao terceiro ano do ciclo básico comum.

Deve-se, porém, notar que:

- Em Geografia e História se insistirá mais na compreensão dos fenômenos que na memorização dos fatos. Superar-se-á este nível nas matérias ligadas às técnicas agrícolas, particularmente em biologia animal e vegetal.
- Pelo mesmo motivo, dar-se-á uma iniciação em matérias que geralmente se iniciam em níveis mais elevados: Física, Química, Estatística.
- Nas matérias técnico-agropecuárias, o nível a alcançar pelos alunos não será inferior ao estudo de Perito Agropecuário (Dec. 4.121 da Nação).

O princípio unificador dos conhecimentos técnicos será, entretanto, a propriedade agrícola e suas necessidades.

Consideramos este objetivo apenas como um indicador. O aproveitamento de um certo volume de conhecimentos para a formação varia notavelmente conforme os métodos educativos.

6.4. - A vida de família e da comunidade de cada aluno representa o ponto de partida da educação nas E.F.A. Entende-se por VIDA o conjunto de situações culturais, sociais, políticas, econômicas, profissionais, diariamente experimentadas por famílias e comunidades, física, intelectual e afetivamente. Tal vida, para seu aproveitamento máximo na educação, deve ser:

- compartilhada plenamente pelo aluno;
- bem conhecida e parcialmente compartilhada pelos professores;
- objeto de uma constante reflexão pelos alunos, pais e monitores.

6.5. - A ALTERNÂNCIA constitui a estrutura pedagógica que permite a relação vida—escola.

Pode-se definir como continuidade da formação numa descontinuidade de atividades. O jovem permanece uma semana na escola e quinze dias com sua família, continuando, assim, a alternância durante todo o ano de formação.

Assim se procura uma programação formativa em três fases:

- Uma fase de PESQUISA, FEITA NA VIDA, QUE DESPERTA O INTERESSE. O jovem descobre sua experiência e progressivamente chega a uma tomada de consciência.
- UMA FASE DE AQUISIÇÃO, FEITA NA ESCOLA, utilizando o descoberto pelo jovem; esclarecendo-o e ampliando-lhe seus horizontes com explicações científicas e técnicas, oferecendo aos alunos a base de uma Cultura Geral que mais adiante lhe permitirá pesquisar, classificar, sintetizar e expressar o descoberto e já adquirido.
- Uma fase de ASSIMILAÇÃO, na vida e na escola, que visa que cada aluno estabeleça relações e faça sínteses entre as experiências da vida e as aquisições escolares.

6.6. - O PLANO DE ESTUDO:

- 6.6.1. - Definição do Plano de Estudo: Dentro do método da alternância utilizamos uma atividade que nos permite tornar real o lema "a vida educa e ensina". Trata-se do Plano de Estudo, que é um guia elaborado com o aluno no fim de uma semana de aula, para investigar, com seus pais, um aspecto da realidade cotidiana da família, seu meio e suas vivências. As respostas ao Plano de Estudo que o aluno anota em seu caderno de propriedade ou do lar, são postas em comum ao voltar à E.F.A. entre os vários alunos

Para entender o profundo sentido de tal atividade, temos que deixar bem claro:

- O que entendemos por "vivência do meio", objeto da investigação da família.
- Por que damos importância ao Plano de Formação como expressão vivencial de um meio.
- Que lugar lhe damos.

- 6.6.2. - Definição e sentido do conceito "Vivências": O meio físico e social que rodeia o homem condiciona suas condutas que, produtos da vida biológica, impulsiva e intelectual, respondem também às normas e inq

gens elaboradas pelo grupo. Vivências são aqueles comportamentos habituais dos membros da comunidade.

Podemos precisar melhor partindo de um exemplo. É uma vivência bastante conhecida dos meios de imigrantes italianos, onde se localizam algumas de nossas E.F.A., comer grande quantidade de carne bovina; frequentemente aparece na mesa, às vezes no almoço e no jantar. Em cada reunião de família ou acontecimento social, o churrasco reúne parentes e amigos.

Analisando tal vivência podemos chegar a interpretá-la. A ecologia e a geografia dessas regiões permite a criação de gado (umidade, calor, fauna, espécie, vias de comunicação), ou seja, o meio físico permite a produção de carne para o consumo. Se revisarmos a história do grupo friulano, por exemplo, entenderemos também' donde vêm as imagens, normas e valores que se dão à carne.

Os tataravós vieram da Itália, deixando essa terra onde só quase podiam comer polenta. A produção de milho custava muito esforço; havia pouca terra para cultivar. O pessoal vinha faminto e descobriu, à sua chegada, uma espécie de terra prometida, uma planície com pasto, sem pedras, fácil de trabalhar; as vacas vêm naturalmente; o trabalho de criar é tão reduzido, que se transforma em festa (como a "yerra"). Pode-se matar uma vaca em família; quando se tem dinheiro pode-se aplicá-lo em vacas, etc. Assim se formam uma série de imagens que chamaremos "enraizadas", porque são produzidas pelo próprio meio. "A carne enche mais, dá força", "é sinal de riqueza", "quando há carne, há segurança". O meio elabora suas normas: "Para viver bem tem que se comer muita carne, e diariamente"; "Dá-se um valor de alimento rico, de segurança, de riqueza. Um valor religioso à carne"; o churrasco é a concelebração, a recordação da chegada dos pioneiros. O não-valor são as saladas, as hortaliças, porque não "enchem", dão trabalho para cultivá-las.

Uma vivência, entretanto, não é estática (uma série de fatores podem-na fazer evoluir). Continuando com o tema da carne e sua influência na conduta do agricultor, podemos ver a evolução de algumas normas na criação de novas imagens que chamaremos "projetadas", porque são produzidas pelos meios de comunicação. Muitas mulheres, pela influência das revistas femininas, por exemplo, mudam seus costumes em relação à carne em quantidade, consumida agora em

qualidade (menos gorduras, etc.). Isso nos mostra a dimensão com a qual devemos analisar a realidade cotidiana do aluno e seu meio.

6.6.3. - Importância da expressão vivencial na formação do aluno: Agora podemos entender a importância que tem o descobrimento e a expressão vivencial pelo aluno, dentro de sua formação. Numa primeira etapa ao descobrir que o cotidiano não é banal, comum, o aluno e sua família despertam e tomam uma atitude ativa. O fato de comer muita carne é um fato banal. Mas dedicando algum tempo ao redor de um guia para pensá-lo em família, o tema adquire interesse "A verdade é que comemos mais carne que verduras, mas a carne nos "enche", nos dá força, etc...". Pouco a pouco o pessoal expressa suas vivências com suas palavras, com seus valores, normas, imagens.

Submersos nos problemas da vida diária, eles não vêm a dimensão desses problemas; pondo-se, entretanto, em atitude de análise, de reflexão, dominam mais a situação e entram numa atitude de questionamento.

É uma segunda etapa no processo de formação. Do despertar, tem-se que passar ao questionamento, etapa muito importante se não quisermos fechar o aluno em seu mundo. Confrontar-se-ão diferentes pareceres: o do pai, que não se satisfaz sem carne; o da mãe ou da irmã, que não querem engordar; as épocas de abstinência e outras, etc... Assim nascem perguntas: É verdade que a carne "enche"? Há outros alimentos que podem fazê-lo? Por que se pôs a abstinência? Por que os tataravós não tinham carne na Europa antes? Têm agora na Europa? ...

Essas duas fases se realizam durante a atividade Plano de Estudo.

Mas, como consequência da primeira etapa de estudo vivencial surge uma terceira: o aluno, em atitude de questionamento, torna-se exigente nos trabalhos que lhe são dados e questiona a respeito da educação, do ensino dos Monitores, obrigando-os a adaptar permanentemente seu conhecimento e sua maneira de fazer os alunos trabalhar.

Em Biologia, o Monitor terá que explicar o que significa "encher", passar deste termo ao de alimentar, digerir, etc... Ver o valor nutritivo da carne, dos outros alimentos, ver as equivalências entre os alimentos.

A história explicará a migração, as mudanças de costume, a colonização, etc... A geografia física e a ecologia explicarão por que o meio físico favorece ao gado. As Ciências Aplicadas abordam o problema da produção da carne, mas também os problemas econômicos e políticos auxiliados pelas Ciências Sociais.

Em resumo, podemos representar o processo da seguinte maneira:

ESTUDO COM A FAMÍLIA E A COMUNIDADE	COLOCAÇÃO EM COMUM DO ESTUDO	CONTRIBUIÇÕES E FUNDAMENTAÇÕES NA AULA
Análise da realidade	Comparação entre os casos particulares.	Perguntas
Comparação	Semelhanças.	
Reflexão.	Diferenças. Causas. Perguntas	Elementos para julgar

Vemos assim que o Plano de Estudo, suas respostas, seu pôr-se-em-comum, sua utilização, tem um valor específico: não é uma entrevista, uma monografia, uma pesquisa sobre o que o outro faz. É um compromisso do aluno e de sua família para analisar sua própria vida.

6.6.4. - Passos da atividade com seus objetivos respectivos.

Mais que de uma atividade, seria melhor falar de uma série de atividades, dado que desde a escolha do tema de estudo, até a utilização das respostas na educação do aluno, dão-se uma série de passos com diferentes objetivos, que poderíamos resumir conforme o quadro abaixo:

ALTERNÂNCIA	PASSOS	OBJETIVOS	PROTAGONISTAS.
Fin da estadia na E.F.A.	Escolha do tema e estudo de vivências do próprio meio.	Adequar o tema com as etapas da educação do aluno.	Toda a equipe de monitores, ajudada pelos pais quando o meio da EFA conhece e maneja tal atividade.
	Conversação do tema com os alunos	Motivar o aluno a investigar com seu pai.	Monitor com seus alunos.
	Elaboração do questionário a levar para casa.	A partir da motivação do aluno, preparar a motivação do pai e dirigir a investigação familiar.	Um monitor e seus alunos.
	Ditado ou entrega do questionário aos alunos.	Precisar o trabalho e a metodologia.	
Estadia em casa.	Leitura do plano de Estudo à família.	Fazer saber a todos os membros da família o que o aluno vai pesquisar.	O aluno com sua família e a comunidade.
	Pesquisa.	Recolher fatos, dados, anotações, opiniões, etc...	O aluno perguntando aos membros de sua família e de sua comunidade.
	Elaboração das respostas.	Reunir a pesquisa.	O aluno.

segue

ALTERNÂNCIA	PASSOS	OBJETIVOS	PROTAGONISTAS
Início da Estadia na E.F.A.	Acabamento.	Desenvolver a expressão do estudo pelo aluno.	Um monitor individualmente com um aluno.
	Por em comum.	Fazer os outros conhecer o que foi investigado.	Os monitores com os alunos.
		Relativizar, localizar seu próprio caso dentro do dos outros.	
	Busca de questionamentos.	Colocar e expressar problemas a partir do estudo na família.	O monitor, que anima e põe em comum, com os alunos.
		Classificar tais problemas.	
	Utilização na educação.	Responder aos problemas com as diferentes áreas da E.F.A.	Todos os monitores.

6.6.5. - Possíveis temas do Plano de Estudo:

PRIMEIRO ANO:

- A família à qual pertença (eu e minha família):
 - sua composição e suas características
 - sua história
 - sua localização numa comunidade e numa região
 - suas ATIVIDADES (chácara, lar). DISTRIBUIÇÃO no tempo, pessoa e tipo.
 - Estudo mais profundo de uma atividade (lar, chácara).

— A família e suas relações:

- meios de comunicação da família: transportes, caminhos, rádios, televisão, lugares de encontro, diversões, passeios.
- Cuidado sanitário.

SEGUNDO ANO:

— A profissão:

. Análise dos diferentes aspectos da profissão:

— as produções:

Técnica
Economia
Organização
Aspecto social

— Fatores externos:

Tempo, solo
Ferramentas e
maquinarias
Mão de obra

— Os serviços:

Alimentação
Saúde
Moradia
Habitat

Em cada um:

técnica, economia
organização e aspecto social.

TERCEIRO ANO:

No terceiro ano o estudo tem que ultrapassar o âmbito da família. Aquelas investigações extra-familiares tomarão o termo de "tema de pesquisa" para conservar no Plano de Estudo o valor de compromisso daqueles que analisam sua própria realidade.

PLANO DE ESTUDO E TEMA DE PESQUISA:

— A propriedade como uma empresa:

- As produções da chácara e seu destino.
- Os mercados.
- O crédito.
- Administração.
- Os organismos de assessoramento e organização da profissão: Cooperativismo, gremialismo, extensão (CREA, INTA).

— O lar como propriedade.

6.7. — O INTERNATO. Dentro da alternância o internato tem um papel particular. A fim de que a vida desenvolva o máximo de suas capacidades educadoras é necessário uma tomada de distância que permita refletir e ordenar. Por isso o aluno deve internar-se na escola. Este internamento constitui uma verdadeira tomada de distância em relação à vida, ajuda a descobrir melhor pessoas e fatos, tornando, assim, possível, por parte do aluno, uma tomada de consciência de si mesmo e do mundo que o rodeia.

Além disso, o internato permite:

- Uma ocupação máxima do tempo para o trabalho educativo: cada seção na escola representa uma unidade sem ruptura.
- a possibilidade de uma formação ativa para a convivência e o trabalho em equipe.

6.8. — O PEQUENO GRUPO (15-20 alunos): Permite simultaneamente a vida em equipe, o intercâmbio entre alunos e educadores e a possibilidade para estes de um acompanhamento pessoal de cada aluno. É também uma exigência no regime da alternância.

6.9. — O PAPEL DAS FAMÍLIAS: De tudo o que foi dito a respeito da alternância, pode-se facilmente deduzir que esta necessita de uma íntima participação das famílias, que se realiza em três níveis:

- Participação e responsabilidade de cada família individualmente; tal responsabilidade é completada durante o tempo que o jovem passa com sua família.
- Participação das famílias numa reflexão comum procurando constantemente melhorar a educação do jovem em cada família e na escola.
- Responsabilidade coletiva das famílias organizadas como pessoa jurídica. A Associação das Famílias tem os direitos e obrigações previstas para o "proprietário", segundo a lei 13.047 os direitos que se relaciona com tal lei.

6.10. — O PAPEL DA COMUNIDADE: A E.F.A., serviço da comunidade, tem nesta sua inserção, principalmente por intermédio do Conselho de Administração, que mantém relações com as entidades da região. As mais interessadas dentre elas podem assistir às seções deste Conselho, com voz e sem voto. Sua colaboração se desenvolverá nos seguintes setores:

- Informação aos professores e alunos sobre a problemática da região e sua própria atuação.
- Reflexão sobre formação e educação.
- Participação na vida material.

6.11. — RELAÇÃO E.F.A. — A.P.E.F.A.: Sendo a A.P.E.F.A. (Associação para a Promoção das Escolas da Família Agrícola) o organismo que reúne as EFA, sua função entre elas é de:

- Um serviço de assessoria e de controle pedagógico.
- Um serviço de animação e assessoria (formativa, jurídica, financeira) das associações responsáveis.
- Uma garantia para a formação dos Monitores do I.C.A.M. (Instituto de Capacitação de Monitores), orientado e controlado pela A.P.E.F.A.
- Uma representação a nível oficial junto a entidades provinciais e nacionais, cada vez que a E.F.A. o necessita.
- A garantia da autenticidade da fórmula pedagógica.

VII — O PROCESSO DE FORMAÇÃO

CORRELATIVO AO PROCESSO EVOLUTIVO DOS ALUNOS

Para uma melhor interpretação da Pedagogia na E.F.A. apresentamos o ciclo de formação em duas dimensões:

- Uma, a partir do desenvolvimento evolutivo dos alunos, dividindo o ciclo de formação em seus três anos e vendo em cada ano:
 - as características evolutivas dos alunos;
 - os objetivos do ano,
 - e os meios educativos que possam levar à consecução desses objetivos, sobre a base das características evolutivas.

- Outra, a partir das áreas de estudo, formulando, em cada uma:
 - os objetivos da área,
 - o enfoque educativo,
 - os conteúdos programáticos.

O período de formação na EFA coincide com o tempo de crise da adolescência. Consideramos que esta crise seja necessária como passagem da infância à juventude.

Os comportamentos próprios do adolescente são sinal e consequência de seu processo de amadurecimento nos diferentes aspectos: psicológico, afetivo, intelectual e social.

Para a seleção de objetivos e meios educativos em cada Ano de Formação se tem como critério imediato o momento evolutivo que o aluno está vivendo e vivenciando.

Daí que apresentamos em primeiro lugar as condutas significativas que descobrimos nos adolescentes rurais, e a partir delas selecionemos os objetivos e os meios educativos que consideramos prioritários, sem serem exclusivos, para cada ano de formação.

7.1. - A formação no Primeiro Ano:

7.1.1. - Características evolutivas:

O 1º ano — 13-14 anos de idade, em média, - é o tempo em que se prepara a crise do adolescente. Comportamentos significativos de:

7.1.1.1. - Evolução fisiológica:

- crescimento no tamanho;
- desenvolvimento dos órgãos sexuais;
- funcionamento inicial dos órgãos sexuais;
- sensação de cansaço;
- pouca resistência às infecções;
- mudança metabólica;
- agitação difusa interna.

7.1.1.2. - Evolução afetiva:

- grande vinculação com a família como continuação da infância;
- insegurança como consequência do desenvolvimento sexual e da inquietação produzida pelos novos descobrimentos pessoais;
- crise interior não muito consciente;
- momento e relacionamento crucial: eu—minha família.

7.1.1.3. - Evolução intelectual:

- Etapa essencialmente lógico-concreta;
- Necessidade de introjeção: reflexão sobre si mesmo e consigo mesmo.

7.1.1.4. - Evolução social:

- Passagem da necessidade da família à necessidade da amizade;
- Passagem da coexistência com companheiros (infância) à convivência com amigos (participação da intimidade).

A interpretação destes comportamentos nos mostra as necessidades e interesses do adolescente em cada período.

Consideramos como necessidades e interesses próprios do aluno do primeiro ano:

- O interesse pela ação e participação no meio familiar;
- a necessidade de interiorização e intimidade;
- a necessidade de compartilhar esta intimidade inicial com o grupo de jovens.

7.1.2. Objetivos do Primeiro Ano:

Lévando em consideração as características evolutivas do primeiro ano, os objetivos preferenciais serão:

7.1.2.1. Conhecimentos de fatos mais que de teorias (1.2.).

7.1.2.2. Aptidões:

- para informar (2.2.);
- para criar sobre o concreto como expressão do próprio eu (2.6.);
- para analisar dentro das formas de descrição (2.3.);
- para alcançar sínteses muito parciais (2.4.);
- para informar-se.

7.1.2.3. Atitudes de abertura e de compromisso com responsabilidades e situações delimitadas e concretas. (3.1.; 3.4.).

7.1.3. - Meios educativos no primeiro ano:

Consideramos como meios educativos:

- o âmbito educativo, resultado da organização e dinâmica do grupo de alunos e Monitores conforme as bases assinaladas no capítulo 6;

- O Plano de Estudo, instrumento de reflexão comum de cada aluno com sua família e do grupo de alunos sobre as vivências de seu meio;
- Os conteúdos agrupados e interrelacionados em áreas.

7.1.3.1. - Contexto educativo do Primeiro Ano:

As prioridades que devemos levar em consideração são as seguintes:

- campo (lugar, tempo, situação...) de expressão e criação;
- área de segurança (espírito de família);
- área para informar-se (rádio, biblioteca, jornais...);
- área de primeiras responsabilidades concretas;
- área da amizade.

7.1.3.2. Plano de Estudo:

A temática própria do 1º Ano gira em torno de:

"EU EM MINHA FAMÍLIA E RELAÇÕES DE MINHA FAMÍLIA".

- Características de minha família;
- atividades de minha família;
- história de minha família;
- localização de minha família;
- relações de minha família com o ambiente.

7.1.3.3. Conteúdos (VEJA-SE CAPÍTULO 8).

7.2. - A formação no Segundo Ano:

7.2.1. Características evolutivas: o 2º Ano é o tempo de culminação da crise de adolescência. Comportamentos significativos de:

7.2.1.1. Evolução fisiológica:

- amadurecimento do aparelho sexual;
- diminuição da sensação de cansaço;
- maior resistência física.

7.2.1.2. Evolução afetiva:

- excentrismo;
- desigualdade de caráter;
- emotividade excessiva;
- as reações não guardam relação nem proporção com as causas.

7.2.1.3. Evolução intelectual:

- a introjeção leva à possibilidade de reflexão;
- dá-se paulatinamente a passagem da lógica concreta à lógica formal;
- a afetividade proporciona à inteligência elementos imaginativos e fantásticos.

7.2.1.4. Evolução social:

- Oposição à família e a qualquer autoridade;
- diferentes manifestações de fuga: física, autismo (ensimesmar-se)...;
- procura da companheira (o outro como imagem do sexo oposto idealizado).

Necessidades e interesses correlativos às características assinaladas são:

- a ação, como expressão de iniciativa pessoal, sem dependência da autoridade;
- interesse pela crítica, a contribuição da opinião pessoal e a argumentação;

- ação de desarmar e descobrir;
- interesse por temas humanos: o sexo, o amor, a amizade, etc.

7.2.2. Objetivos do Segundo Ano:

Levando em conta as características do aluno de Segundo Ano, os objetivos preferenciais são:

7.2.2.1. Conhecimento de métodos (1.3.).

7.2.2.2. Aptidões:

- para informar-se (2.1.);
- para analisar, passando da descrição à relação e comparação (2.3.);
- para chegar a sínteses mais amplas (2.4.);
- para avaliar (2.6.).

7.2.2.3. Atitudes de:

- tomadas de consciência (3.2.);
- e compromisso com sua ação pessoal (3.4.);

7.2.3. - Meios educativos do Segundo Ano:

7.2.3.1. - Contexto Educativo: prioridades a prever e fomentar:

- área de responsabilidade pessoal e grupal (com avaliação dessas responsabilidades);
- mesas redondas ou círculos de estudo (oportunidades para criticar discutir, refletir);
- esportes (fonte de energias);

7.2.3.2. Plano de Estudo: O tema-eixo do Segundo ano:

"MINHA PROFISSÃO: DESCOBRI-LA E CONHECE-LA".

Sub-Temas: (optativos, em razão das características da região):

— a produção em seus aspectos:

- . técnico,
- . organizativo,
- . e de comercialização;

— as atividades do agricultor:

- . a produção de bens (atividade agropecuária);
- . produção de bens e serviços (manejo do lar);
- . compras
- . e vendas.

7.2.3.3. Conteúdos (VEJA-SE CAPÍTULO 8).

3. - A Formação no Terceiro Ano:

7.3.1. Características evolutivas: O Terceiro Ano de Formação é normalmente o tempo em que os adolescentes superam sua ' crise evolutiva:

Condutas significativas:

— equilíbrio fisiológico.

7.3.1.2. Evolução afetiva:

- maior estabilidade de caráter;
- equilíbrio afetivo;
- consolidação da amizade.

7.3.1.3. Evolução intelectual:

- esforço para aquisição de capacidade operativa lógico-formal dentro do campo de suas vivências.

7.3.1.4. Evolução social:

- independência pessoal a respeito da família, mas sem rejeição;
- maior inserção social;
- procura da companheira (o outro como pessoa).

As necessidades e interesses correlativos a tais características:

- toda ação construtiva
 - . de organização,
 - . reflexão
 - . e fundamentação.

7.3.2. Objetivos do Terceiro Ano:

Levando em consideração as características evolutivas dos alunos de terceiro ano, os objetivos preferenciais serão:

7.3.2.1. Conhecimentos de teorias e leis (1.4.)

7.3.2.2. Aptidões para:

- . analisar (2.3.),
- . fazer sínteses (2.4.),
- . avaliar (2.6.),
- . criar sem apoio do concreto (2.7.).

7.3.2.3. Atitudes:

- . de tomada de consciência (3.1.),
- . de valorização (3.3.),
- . e de compromisso (3.4.).

7.3.3. Meios educativos do Terceiro Ano:

7.3.3.1. Contexto educativo: Prioridades a prever e fomentar:

- . Âmbito de organização do grupo de alunos por eles mesmos;
- . Camis de participação em sua própria formação;

- . Canais de participação em atividades e de com promisso com o meio.

7.3.3.2. Plano de Estudo e Temas de Pesquisas:

O aluno do 3º Ano passa do mundo mais li mitado das vivências familiares ("Plano de Es- tudo") a outro mais amplo: as vivências do mun do agro-pecuário ("Temas de Pesquisas").

O tema-eixo do Terceiro Ano:

"A PROFISSÃO DO AGRICULTOR EM RELAÇÃO COM O MUNDO EXTERIOR".

Sub-temas:

— De Plano de Estudo:

- . Organização interna da propriedade:

- As terras,
- as melhorias,
- as ferramentas,
- a mão-de-obra...

— De Temas de Pesquisas:

- . Organização externa da Propriedade:

- mercado: produção da região
transformação
abastecimento
- crédito
- leis sociais
- organismos profissionais...

7.3.3.3. Conteúdos (VEJA-SE CAPÍTULO 8).

VIII — O PROCESSO DE APRENDIZAGEM A PARTIR DAS ÁREAS DE ESTUDO

O caráter instrumental das matérias de estudo se põe em relevo ao conceber os conteúdos programáticos como meios para a consecução dos objetivos no processo de formação.

O agrupamento de tais conteúdos em áreas responde ao enfoque integrador e vivencial que damos à educação.

Neste tipo de organização curricular agem fundamentalmente a integração através dos objetivos próprios da área de estudo, baseados na natureza de matérias culturais que reúne, e a correlação através dos conteúdos e atividades próprias dessas matérias. Do diagnóstico do campo de trabalho da EFA, da concepção da Educação, dos Objetivos Gerais e do Perfil do Matriculado (Capítulos 1, 2, 3 e 4 do Plano), devem-se deduzir as características das áreas de estudo. Sublinhamos alguns aspectos mais minuciosamente, assinalando suas consequências na elaboração do currículo.

ASPECTOS QUE FUNDAMENTAM

CONSEQUÊNCIAS CURRICULARES

- | | |
|--|---|
| - Unidade da pessoa, tendo como consequência o caráter integrador da educação. | - Repartição dos estudos por áreas, cuja unidade se encontra em sua relação com o homem. |
| - Caráter vivencial da educação; o descobrimento da realidade como base da formação. | |
| - Caráter evolutivo da pessoa e do grupo, com ritmos e modalidades diferentes. | - Adaptação dos conteúdos e métodos a partir do diagnóstico de cada aluno e do grupo. |
| - Importância da atividade produtiva como base para a formação. | - A profissão, experimentada, analisada, refletida, constitui uma base essencial para a formação. |
| - Caráter social da pessoa e da educação. | - Acentuação sobre os meios de comunicação. |
| | - Acentuação sobre o grupo humano em história e geografia. |

ASPECTOS QUE FUNDAMENTAM	CONSEQUÊNCIAS CURRICULARES
Caráter integrador da atividade humana.	- A área "Ciências Aplicadas" relacionada com as atividades de cada região, e tendo como eixo unificador o "mancjo da empresa".
Educação aberta, com característica de orientação.	- Bases culturais importantes, que permitem à pessoa localizar-se na mudança.
Educação como fator de mudança social e profissional.	- Formação científica e técnica abertas, relativizando o conhecimento. - Formação para a análise de situações. - Formação que insista mais sobre metodologia que conhecimento.
O enraizamento cultural.	- Acentuação sobre a localização histórica e geográfica do aluno e de sua comunidade, como ponto de base de sua cultura.

A organização de matérias em quatro áreas — Área Instrumental, Área de Ciências Sociais, Área de Ciências Físicas e Biológicas, Área de Ciências Aplicadas (Estudos especiais) — responde ao caráter do Perfil Humano e da Formação em EFA.

A Área Instrumental (Comunicação e Expressão e Matemática), com suas diferentes formas de expressão, quer ajudar aos alunos a descobrir os instrumentos de comunicação, análise, reflexão, base de sua integração e dinamismo profissional.

A Área Ciências Sociais deve fazer os alunos descobrir sua localização na História e no Espaço.

A Área Ciências Físicas e Biológicas proporciona aos alunos as bases científicas que lhe permitem simultaneamente entender o âmbito físico e biológico que rodeia o homem e o condiciona, a descobrir as técnicas como aplicações das Ciências em determinadas condições.

A Área Ciências Aplicadas (Estudos Especiais) promove o descobrimento ativo de uma profissão concreta, com suas técnicas, sua economia, sua organização e suas implicações psico-sociais.

Os conteúdos mínimos indicados neste Plano não seguirão obrigatoriamente, em seu desenvolvimento, a ordem em que eles são apresentados neste Plano. O encadeamento de tais conteúdos pode variar conforme a região, o interesse, a maturidade e o grau de assimilação dos alunos. O Plano Operacional anual se realiza cada ano antes do início dos cursos, e estará sujeito a revisões parciais em cada avaliação.

8.1. - Área Instrumental: (Comunicação e Expressão e Matemática):

A Área Instrumental compreende diferentes formas de expressão

- Expressão oral e escrita, ou Linguagem;
- Expressão plástica;
- Expressão dinâmica (ginástica, jogos e esportes, como educação do movimento; peças teatrais e dramatização, como expressão de gestos
- Expressão numérica ou matemática.

A razão mais profunda do agrupamento e integração da área instrumental, encontramos-na na pessoa situada numa comunidade.

As diferentes formas de expressão são fonte de manifestação das possibilidades que cada pessoa possui. Ao fazê-las — a essas formas — objeto de estudo e formação, as possibilidades de cada um se instrumentalizam, tendo como finalidade a realização pessoal e comunitária.

8.1.1. - Objetivos da Área Instrumental (Comunicação e Expressão e Matemática).

Conhecimentos:

Conhecimento do fenômeno da comunicação: existência de emissores, receptores, mensagem em códigos e canais de transmissão (1.2.).

Conhecimento do que é um código (relação entre sinais, símbolos, palavras) que se usa para se comunicar em Linguagem (sintaxe e morfologia) e Matemática (função) (1.3.; 1.4.).

Conhecimento dos sinais (significante) de cada tipo de linguagem: oral, escrita, plástica, dinâmica e matemática (1.1.).

Conhecimento do sentido (significado) desses sinais (semântica) (1.1.).

Aptidões:

- Aptidão para informar-se = entender a mensagem do outro (2.1.);
- Aptidão para analisar, relacionar e classificar os sinais do código (2.3.);
- Aptidão para encontrar o sentido dos códigos (2.4.). (Síntese).
- Aptidão para inventar mensagens, inteligíveis e utilizáveis na realidade (informar, 2.1.; criar, 2.7.).
- Aptidão para avaliar o realismo da mensagem dos códigos (2.6.).

Atitudes:

- Atitude de abertura às mensagens recebidas e aos diferentes modos de expressão (3.1.);
- Atitude de valorização da palavra como expressão cultural de uma comunidade (3.3.).

8.1.2. - Enfoque da Área Instrumental (Comunicação e Expressão e Matemática) (1).

(1) - A idéia de ENFOQUE que começa a aparecer em pedagogia, impôs-se na APEFA como procura de uma coerência: com efeito, cada realidade pode ser estudada de vários pontos de vista. Por não escolher, um estudo pode cair no enciclopédismo ou na confusão. Tomamos um exemplo: uma paisagem geográfica pode ser estudada sob vários ângulos, como: coleção de objetos, conjunto biológico, resultado de uma evolução, experiência de vida, utilidade econômica, resultado de uma cultura, aspecto estético, etc.

O enfoque é a escolha de um ponto de vista determinado, que pode ser reduzido (exemplo da paisagem: a ecologia) ou ampliado (mesmo exemplo: o Homem e sua experiência de vida). A grandeza depende do propósito: o enfoque que vê a Educação de um determinado grupo será evidentemente muito amplo, o enfoque de um tema de estudo muito reduzido.

A unidade desta área se baseia no caráter INSTRUMENTAL que se dá aos diversos conteúdos que integra.

O próprio corpo, os gestos, a realidade moldável, os sinais verbais, gráficos e numéricos são outros tantos instrumentos de expressão pessoal e comunicação social, cujo domínio não pode faltar no processo de formação.

O agricultor, como homem social, tem que comunicar-se com os outros, expressar sua vontade. Para comprar, vender, produzir, precisa compreender e ser compreendido por seus companheiros, pelos técnicos, pelo engenheiro, pelo gerente da cooperativa, pelo veterinário, pelo político, etc.

Para expressar a realidade — sua realidade — aos outros, contudo, tem que agir sobre ela, isto é, medir, contar, calcular, representá-la. Outros aspecto mais profundo da instrumentalidade é a realização da própria identidade dentro do mundo objetivo (real).

A identidade vai-se formando com o exercício da expressão, por que realmente nos encontramos a nós mesmos, nos outros (grupo social) e no outro (mundo).

Aquele que se expressa, se afirma, constrói ou manifesta sua presença frente ao grupo e frente a si mesmo. E não é só a expressão verbal ou o gesto corporal; também o trabalho, agir com (sobre) a realidade, tem valor expressivo, porque neste sentido o mundo oferece uma RESISTÊNCIA e me expesso na medida em que o penetro. Quando o jovem descobre o valor deste mecanismo, exige-lhe maior eficácia, maior coerência em seus meios expressivos, isto é, maior instrumentalidade; para ele é a conquista de saber quem ele é.

Embora pensemos que todas as formas de expressão estejam orientadas para uma melhor comunicação e uma mais profunda identidade pessoal, e é por esta razão que as incluímos no processo de formação e aprendizagem, destacamos de modo especial os campos de estudo da Linguagem e da Matemática.

A Linguagem, como instrumento de comunicação social, é múltipla: cada meio, cada cultura tem sua linguagem (conjunto de sinais utilizados para entender-se), cada pessoa de cada comunidade tem sua linguagem (uso que faz desses sinais).

Consideramos muito importante que o aluno aprofunde no conhecimento de sua própria linguagem: conhecendo sua origem (friulano, guarani, quechua, lunfardo, etc.) terá elementos para valorizá-la, apreciá-la, dominá-la.

Do processo de comunicação surge a necessidade de compreender' o outro e de ser entendido pelo outro. A partir disso, fazemos nossas todas as técnicas de Linguagem como instrumentos para uma melhor comu nicação social e incluímos os conceitos, termos e expressões técnicas vinculadas ao processo de comunicação.

A inclusão da Matemática nesta área, pelo que possa ter de no- vidade, requer maior explicitação de seu enfoque. A Matemática como ' expressão numérica nos permite quantificar a realidade. A linguagem ' matemática, entretanto, serve para quantificar a realidade só quando' bem se compreendeu essa sua função essencial, que é a economia de ter mos é de movimentos, as regras de sua sintaxe e se sabemos, a todo mo- mento, pô-las em jogo e combiná-las com conhecimento de causa. Daí que os conteúdos programáticos não incluam apenas o conhecimento dos ins- trumentos, mas também as técnicas para saber manejá-los.

A Matemática nos oferece instrumentais muito específicos, para

- Contar,
- Medir,
- Calcular {
operar
relacionar
- Representar.

Os instrumentos próprios de cada uma destas funções são:

- para contar: os sistemas de numeração.
- para medir: os sistemas de unidades de medida.
- para calcular: {
 - para operar: -operações com números
 - operações com segmentos e ângulos
 - operações algébricas.
 - para relacionar: - proporções
 - funções
 - equações.
- para representar: {
 - geometria
 - geometria analítica (representação das relações num sistema de coordenadas).

O tema referente à MEDIÇÃO inclui sistemas de unidades de medidas, mas entre os objetivos figura uma aptidão que implica saber medir; para isto não só é preciso conhecer as unidades com que se possa medir, mas também com que e como, isto é, os instrumentos e as técnicas que, embora sejam também estudados pela Física, devem ser aqui incluídos, para que o tema não fique só no plano teórico.

Os instrumentos que se dão para CALCULAR têm como objetivo último chegar a resolver problemas. Isto faz que devamos incluir no tema métodos para resolver problemas.

No de REPRESENTAR, o que se pretende é "visualizar" certas grandezas (medidas de um terreno; plano) ou relações entre grandezas' (gráficos de função). Para isso também é necessário conhecer técnicas que serão expostas dentro dos conteúdos. Sempre que se tem que resolver uma questão colocada, dão-se duas atividades de caráter bastante diferente, mas complementares; cada uma é necessária, mas não suficiente. Uma é de reflexão: implica a compreensão de fatos e situações, e percepção das relações que unem esses fatos, isto é, desenvolve o raciocínio, esclarece os passos que são dados pela inteligência e lhes assinala a ordem e o encadeamento necessários, mediante as operações' de análise, primeiro, e, em seguida, mediante as operações de síntese. Esta é sempre acompanhada da tradução unívoca desses passos com a ajuda de símbolos representativos' convencionais.

A outra atividade é a de aplicação de mecanismos: consiste em explorar essa expressão simbólica, servindo-se de um saber técnico de mecanismos e automatismos bem definidos. Exige só a atenção e estar alerta para perceber quando os automatismos começam a falhar.

Para cada objetivo encontrado, procuraremos: saber medir, saber calcular ou saber resolver problemas e saber representar — o que implica — que atividades devemos realizar? Vejamos em primeiro lugar "saber medir". Isto significa: ante uma questão que implica medir uma certa grandeza, que devemos fazer? Em primeiro lugar, devemos selecionar o sistema de unidades; em seguida, dentre elas, devemos escolher a unidade com a qual expressaremos a medida; depois, selecionaremos o instrumento, e, por fim, aplicaremos uma técnica para utilizar este instrumento e obter o resultado. Finalmente, não devemos nos esquecer de avaliar o resultado. Para resolver problemas, os passos seriam os seguintes: primeiro, percepção de fatos e situações, isto é, distinguir dados; em seguida, percepção de relações entre os mesmos, e simultaneamente, expressão simbólica. Estes passos podem incluir-se, na

análise. Logo, como síntese, a colocação dessa relação, e, por último, para encontrar o resultado, a aplicação do mecanismo de cálculo. Resta, enfim, conferir o resultado.

Para representar seria: primeiro, escolha de uma forma de representação (isto é, se é um plano, este estará dado pela escala; se é um gráfico de partes proporcionais, será a figura: um círculo, uma barra, etc.; se é uma função, o sistema de coordenadas e sua escala); segundo, o cálculo, quer seja de medidas ou de tábuas de valores; terceiro, a construção geométrica; e, por fim, a avaliação do resultado.

Estes diferentes passos que marcamos para chegar a alcançar o objetivo geral estabelecido, parecem suficientemente operativos para dá-los como métodos, isto é, como caminhos pedagógicos.

Como síntese, poderíamos dizer: fazer uso instrumental da Linguagem e da Matemática significa:

- Traduzir a realidade a elementos abstratos;
- Operar logicamente (conforme leis e regras lógicas) com eles;
- Converter o resultado abstrato à realidade (interpretá-lo corretamente).

8.1.3. - Conteúdos da área instrumental:

8.1.3.1. - Conteúdos da Linguagem. Expressão oral e escrita.

PRIMEIRO ANO:

Unidade 1: A comunicação. Conhecimento do fenômeno da Comunicação.

Unidade 2: A linguagem regional:

- idiomas que se falam na região.
- Origens dos mesmos.
- Sua influência no castelhano.
- A língua castelhana e sua expressão oral, escrita e artística.

Esta unidade exige uma adaptação conforme as regiões.

Nos lugares onde o castelhano é linguagem familiar, passar-se-á sobre esta unidade de modo rápido. Nos lugares onde é outra a linguagem familiar, exigir-se-á um maior tempo de estudo.

Unidade 3: A língua castelhana:

- Expressão oral:
 - . A emissão através da voz;
 - . os fonemas.

- Expressão escrita:
 - . o texto e suas divisões;
 - . a oração;
 - . a palavra;
 - . a sílaba;
 - . o abecedário;
 - . uso do dicionário.

Unidade 4: Ampliação e aperfeiçoamento da Linguagem para uma melhor comunicação:

- A narração (prosa e verso):
 - . leitura do texto;
 - . análise do conteúdo e do estilo.

- Os aspectos gramaticais em relação à narração:
 - . a oração: sujeito e predicado;
 - . núcleo do sujeito e do predicado verbal;
 - . o substantivo e o verbo (aspecto sintático, morfológico e semântico).

- Composição: a narração como elaboração pessoal.

- Ortografia:
 - . uso do b-v;
 - . uso do h;
 - . uso do c - s - z.

SEGUNDO ANO:

Unidade 5: Ampliação e aperfeiçoamento da Linguagem.

- A descrição (prosa e verso):
 - . Leitura do texto;
 - . Análise do conteúdo e do estilo.

- Os aspectos gramaticais em relação com a descrição:
 - . a oração: sujeito e predicado e suas modificações;
 - . a proposição: substantiva e adverbial;
 - . adjetivo, verbo, advérbio e pronome.
- Composição: a escrita como elaboração pessoal.
- Ortografia: confecção de séries ortográficas de acordo com as dificuldades que se apresentam com evidência.

TERCEIRO ANO:

Unidade 6: Economia da Linguagem.

- O resumo como técnica de elaboração pessoal.
- A síntese.
- A estrutura lógica da expressão.
- Técnica do parágrafo na leitura escrita.
- Técnica da confecção de uma informação.
- Estilo periodístico.
- Técnicas de Leitura Rápida.

Em cada tema, devem ser aplicados todos os aspectos gramaticais estudados. Em cada unidade, segue-se o seguinte processo:

- Estudo de minha linguagem própria (a partir das respostas dos Planos de Estudo e outras redações do aluno) e de minhas riquezas e dificuldades.
- Análise literária como comparação com o que sei realizar.
- Descobrimto das regras do tema (estilo, gramática, ortografia, etc...).
- Aperfeiçoamento de minha própria linguagem.

8.1.3.2. - Conteúdos de Expressão Plástica:

Dada a natureza desta matéria, incluem-se nos conteúdos programáticos sugestões e orientações para as atividades.

PRIMEIRO ANO:

Unidade 1: Forma: Ponto, Linha, Figura, Figura-fundo.

Atividades: Observações e aplicações livres do ponto e da linha, lisando sua forma, tamanho, localização, expressão e aplicação mediante diversas técnicas e materiais. Análise e aplicação do problema da figura e do fundo. Observação da realidade e exemplos em obras de arte.

Unidade 2: Cor: noções gerais sobre a percepção da cor. Luz. Espectro solar. Cromatismo. Acromatismo. Relação cor-valor.

Atividades: Observação dirigida e livre sobre luz e cor. Aplicação do cromatismo mediante uso do círculo cromático. Aplicação do acromatismo, escala de valores, aplicação livre. Experiências livres que permitam iniciar ao aluno no uso de utensílios e materiais.

Unidade 3: Noções fundamentais de composição. Simetria, assimetria, ritmo.

Atividades: Execução dirigida e livre de trabalhos segundo leis de simetria, assimetria, ritmo. Observação de simetria e ritmo na natureza. Diagramação de esboços.

Unidade 4: Representação objetiva: processos de representação artística, técnica e científica da realidade.

Atividades: Representação da realidade mediante o esboço. Representação em escala de objetos. Interpretação e execução de esboços técnicos.

Unidade 5: Expressão criadora: Trabalhos figurativos e não-figurativos

Atividades: Livre aplicação dos conhecimentos adquiridos nos diversos tópicos do programa, estimulando a atividade criadora. Ilustração de narrações. Representação da figura humana da paisagem mediante croquis e maquetes.

Segundo Ano:

Unidade 6: Forma tridimensional: volume, projeção, perspectiva.

Atividades: Observação do espaço tridimensional, sua interpretação em desenho. Observação do volume, sua interpretação em desenho, modelagem e talha. Estudo de projeção e perspectiva mediante a observação do natural; dedução e aplicação de elementos e leis. Aplicação ao esboço técnico. Observação de exemplos na História da Arte.

Unidade 7: Cor: Harmonias e contrastes tonais. Monocromia. Policromia. Mescla ótica. Mescla pigmentária. Proporção da cor. Qualidades expressivas da cor.

Atividades: Observação e execução em colagem de harmonias e contrastes tonais em composições figurativas e não-figurativas. Realização de trabalhos com tintas, misturas, colagem, aplicando princípios de monocromia e policromia, de mescla ótica e pigmentária. Exemplificação com obras de arte e do mundo sensível do aluno.

Unidade 8: Noções fundamentais de composição. Traçados harmônicos. Equilíbrio. Estática. Dinâmica.

Atividades: Observação e execução de trabalhos de equilíbrio. Análise e realização de trabalhos de composição estática e dinâmica.

Unidade 9: Noções de bom desenho para os utensílios de uso, casa e habitação e arredores.

Atividades: Análise do desenho das coisas que usamos. Uso de critérios de bom desenho para a ornamentação da casa, para equipá-la, para aproveitar seu terreno vazio. Uso de materiais para isso.

Unidade 10: Expressão criadora.

Atividades: Livre aplicação dos conhecimentos adquiridos. Tentativa de vinculação e aplicação com as outras formas de expressão, linguagem corporal, música, etc.

TERCEIRO ANO:

Unidade 11: Formas: funções espaciais. Morfologia.

Atividades: Observação e análise que permitam compreender as funções espaciais bi e tridimensionais dos elementos da plástica. Observação e análise de formas naturais para chegar à aplicação em trabalhos de morfologia.

Unidade 12: Morfologia e funcionalidade na natureza e nas construções humanas.

Atividades: Observação e análise da forma funcional (forma-função) natureza e nas construções humanas. Trabalhos de aplicação.

Unidade 13: Expressão criadora.

Atividades: Livre aplicação dos conhecimentos adquiridos.

8.1.3.3. Conteúdos de Expressão Dinâmica:

Não se dá um programa por ano nem por unidade para deixar bastante flexibilidade às E.F.A., a fim de adaptá-lo conforme as necessidades dos alunos e os recursos da região.

1. Educação do movimento: Domínio do corpo, instrumento de expressão e preparação para a comunicação.

1.1. - Educação Física: Far-se com os alunos o estudo sistemático de:

- respiração,
- relaxamento,
- coordenação dos movimentos,
- resistência,
- equilíbrio.

1.1.1. - Domínio corporal:

- Exercícios naturais de braços, pernas e tronco em diversos planos para desenvolver velocidade, agilidade, resistência e força.
- Controles para determinar a capacidade física.
- Saltos simples simétricos.
- Exercícios naturais e construídos para estruturar uma boa posição.

- Corridas recreativas em distâncias progressivas.
- Pequena volta à frente com e sem ajudante, de dificuldade progressiva.

1.1.2. Domínio do movimento:

- Jogos respiratórios;
- Jogos sensoriais de discriminação e reação ante estímulos, como cores, sons, etc.
- Caminhar, correr, saltar.
- Combinações e variação do anterior, em ritmos, planos, velocidade, direções;
- Exercício de equilíbrio em forma de jogos, parcerias, trios, etc.
- Corridas curtas saltando obstáculos variáveis; saltos livres.
- Exercício de trepar e suspensão em forma livre.
- Exercícios pré-esportivos de domínio da bola (passar, receber, driblar, golear, etc.).

1.2. - Para dar à educação física o caráter instrumental, ela será aplicada em:

- esportes, e em
- todas as atividades peculiares da E.F.A. e da chácara.

ESPORTES: Deve-se praticar nas E.F.A. e em sua propriedade, para descanso do trabalho intelectual o voleibol ou futebol. Insistir-se, utilizando a estadia dos alunos na chácara, contudo, em fazê-los participar em torneios regionais e juvenis.

ATIVIDADES PECULIARES DA E.F.A.: O internato e a vida na chácara proporciona várias ocasiões de exercícios de aplicação. Damos alguns exemplos: aprender a costurar, a cozinhar, a manejar o trator, são exercícios de coordenação de movimentos. Apresentar-se para uma entrevista, um painel, é saber dominar sua respiração, relaxar-se, conservar seu equilíbrio, etc...

2. Peças de teatro e dramatização: Os serões semanais, as festas da escola e da comunidade, são outras tantas ocasiões de expressar e comunicar aos demais o que se compreendeu e o que se sentiu. Se tais atividades são extraprogramáticas, podem ser utilizadas como atividades de curso.

A dramatização é também para o adolescente um bom exercício de integração de conhecimentos, sobretudo em Ciências Sociais e Linguagem, e poderia ser também em Ciências Aplicadas (Estudos Especiais).

8.1.3.4. Conteúdos de Matemática. Expressão Numérica.

A forma de apresentação destes conteúdos programáticos responde ao enfoque já fundamentado em 8.1.2.

OBSERVAÇÃO: O DESENVOLVIMENTO DOS CONTEÚDOS SE FARÁ SEMPRE A PARTIR DE SITUAÇÕES CONCRETAS QUE REALMENTE SE APRESENTAM. A QUESTÃO DE DIMENSIONAR OU REPRESENTAR ALGO DA REALIDADE, SEMPRE O EXPRESSAMOS EM FORMA DE PROBLEMAS. A RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS NÃO SE FARÁ SÓ COM O FIM DE RESOLVER QUESTÕES CONCRETAS, MAS TAMBÉM PARA ADQUIRIR UMA METODOLOGIA PARA ENFRENTÁ-LOS, ANÁLISÁ-LOS E COLOCÁ-LOS.

PRIMEIRO ANO:

UNIDADE I:

1) Recapitulação do primário.

- **CONTAR:** numeração decimal
números decimais
simbologia
números concretos.

MEDIR: —

CALCULAR: OPERAR-

RELACIONAR: Problemas simples que se referem a: somar, diminuir, multiplicar, dividir conjuntos de unidades.

REPRESENTAR: —

2) Medição:

CONTAR: Números decimais.

- MEDIR:** - Dimensionamento
- Medição de longitudes
 - Medição de pesos
 - Medição de capacidade
 - Técnicas de medição
 - Padrão de medida

- Unidades
- Sistema métrico decimal
- Outros sistemas não decimais
- Medidas estrangeiras.

CALCULAR: OPERAR-

RELACIONAR: Cálculo de grandezas que não se podem medir diretamente (Medições indiretas).

OPERAR: Operações fundamentais com números concretos decimais.

RELACIONAR: Relações entre grandezas mensuráveis; Perímetros; superfície; peso específico, volumes.

OPERAR: Leitura de planos.

RELACIONAR: Relação de semelhança (escala). Relação de equivalência entre unidades de diferentes sistemas.

REPRESENTAR: Confecções de planos e escalas

Representação de grandeza diferente da distância sobre segmentos: BARRA.

3. A Geometria para representar e dimensionar o espaço.

CONTAR: Números complexos.

MEDIR: Medição de ângulos (sistema sexagesimal). Medição de tempo.

CALCULAR: OPERAR- Operações com segmentos.

Operações com números complexos.

Cálculo de superfície de um triângulo.

Operações com números concretos.

RELACIONAR: Relações sobre ângulos.

Relações de igualdade.

Relações entre elementos de um triângulo.

Cálculo de superfície de um triângulo.

Fórmula de superfície.

REPRESENTAR: Geometria:

- Retas-segmentos

- Ângulos. Classificação.

Triângulos.

CONTAR: Números irracionais.

MEDIR: —

CALCULAR: OPERAR-

RELACIONAR: Cálculo de distância, de circunferência ou de diâmetro.

RELAÇONAR: Relação entre Circunferência e Diâmetro.

REPRESENTAR: Circunferência

Representação das partes de um todo sobre um ângulo de 360° . GRÁFICOS CIRCULARES.

4. CONTAR: —

MEDIR: Medição de lados de perímetros.

CALCULAR: RELACIONAR: Relações entre elementos de um polígono.

OPERAR: Cálculo de perímetros e operações com números concretos.

RELAÇONAR: Relação de semelhança (escalas).

Superfície de polígonos. Fórmulas de perímetro.

Fórmulas de superfície.

OPERAR-RELA

CIONAR: Cálculo de superfície do quadrado.

OPERAR: Duas novas operações: Potenciação, Radicação.

RELAÇONAR: Fórmulas de superfície

OPERAR-RELA

CIONAR: Introdução à simbologia algébrica e operações

5. NÚMEROS FRACIONADOS:

CONTAR: —

MEDIR: Operações com números fracionários.

Transformação em decimais.

CALCULAR: OPERAR ..

RELAÇONAR: Relação de proporcionalidade entre proporções.

Propriedade direta .

Propriedade inversa.

SEGUNDO ANO:

Cont. Unidade 5

CONTAR: —

MEDIR: —

CALCULAR: RELACIONAR: Relação de igualdade entre proporções.
Propriedades.

OPERAR-RELACIONAR: Problemas de relação de proporcionalidade entre grandezas. Método de redução à unidade.
Regra de três, simples e composta.
Cálculos mercantis.

OPERAR: Operações para encontrar porcentagens.

RELACIONAR: Relações para encontrar Capital, Juro, Tempo, Montante, Descontos, etc.

REPRESENTAR: Representar gráficos para visualizar dados.

6.

CONTAR: Números negativos
Números reais

MEDIR: Medição de grandezas sob o ponto tomado como referência (Temperaturas, perdas).

CALCULAR: OPERAR: Operações fundamentais com números inteiros.

OPERAR-RELACIONAR: Problemas

REPRESENTAR: Representação de números reais e positivos e negativos numa semi-reta.

TERCEIRO ANO:

Unidade 7: Expressão de relação de dependência entre grandezas em forma genérica: FUNÇÃO, e, em casos particulares, EQUAÇÃO.

CONTAR: —

MEDIR: —

CALCULAR: OPERAR-RELACIONAR: Colocação de problemas em forma geral.

OPERAR: —

RELACIONAR: Relação funcional entre grandezas conhecidas (mensuráveis) e grandezas desconhecidas (CALCULÁVEIS). FUNÇÃO.

OPERAR: Expressões algébricas.

RELACIONAR: Notação algébrica.

OPERAR: Operações.

RELACIONAR: Análise de funções.

OPERAR: Tábua de valores.

RELACIONAR: —

REPRESENTAR: Representação gráfica de funções.

Coordenadas cartesianas.

CALCULAR: OPERAR—

RELACIONAR:

Cálculo de uma variável de função num problema concreto. Equação.

OPERAR: Operações algébricas.

RELACIONAR: Equação com uma incógnita.

Equação com duas incógnitas.

Sistemas de Equações.

REPRESENTAR: Resolução de equações em forma gráfica.

Unidade 8: Geometria para dimensionar e representar o espaço.

CONTAR: —

MEDIR: Medição de distância.

CALCULAR-OPERAR: Potenciação.

RELACIONAR: Fórmulas para encontrar superfície e volume.
Função.

OPERAR: Problemas de superfície e equações.

RELACIONAR: Volume: resolução.

REPRESENTAR: Corpos geométricos: paralelepípedo, cilindro, cone, esfera.

Unidade 9: Registro, interpretação e visualização de dados: Estatística.

CONTAR: Frequência: número de casos.

MEDIR: Recompilação de dados.

Medidas de tendência central ou representativas.

CALCULAR: OPERAR: Tabulação de dados:

RELACIONAR : Análise gráfica de frequências. Curva normal.
Curva simétrica. Curva assimétrica.

OPERAR: Cálculo de Médias.

RELACIONAR: Correlação entre dados.

REPRESENTAR: Gráficos de frequência.

Gráficos de correlação.

8.1.3.5. - Idioma Estrangeiro.

Objetivos específicos: Os programas e métodos vigentes da matéria permanecem demasiadamente rudimentares como para fazer do segundo idioma um instrumento de abertura à cultura universal. Além disso, considerando que o Ciclo Secundário deveria ser, antes de tudo, o tempo de localização cultural, consideramos prioritário o descobrimento do Castelhana, em suas várias formas, e dos idiomas locais, quando existirem.

Em consequência, o objetivo do idioma estrangeiro se limitará a alcançar os conhecimentos que permitam a equivalência com a mesma matéria no Ciclo Básico Comum.

Método: Para melhor eficácia, agrupar-se-á o estudo do idioma estrangeiro em alguns seminários realizados durante o terceiro ano.

Insistir-se-á sobre a prática.

Conteúdos mínimos: os exigidos no Ciclo Básico.

NOTA: É certo que esta solução em nada satisfaz. Limita-se a evitar, na medida do possível, o tempo perdido. Uma verdadeira solução necessitará de uma reforma dos enfoques e programas em nível nacional, baseando-se sobre uma reflexão, elaboração e experimentação minuciosas.

8.2. - ÁREA DE ESTUDOS SOCIAIS

Incluem-se nesta área os estudos relativos à História, Geografia e Formação Política, Social e Econômica.

8.2.1. OBJETIVOS DA ÁREA DE ESTUDOS SOCIAIS:

8.2.1.1. Conhecimentos:

- de fatos de significação histórica a nível regional, nacional, continental e mundial;
- de fontes de informação para o estudo da área, da região, do país;
- de características particulares da paisagem sua região, características gerais do país e dos vários continentes;
- das relações existentes entre os diferentes acontecimentos históricos em sua consideração dinâmica (ou de processo);
- da interação meio-homem e sociedade-pessoa;
- da interação paisagem-desenvolvimento da vida da comunidade que a habita, em nível local e regional, nacional e continental;
- das tendências políticas, sociais e econômicas previsíveis a nível regional, nacional e contiental;
- das características gerais do homem, indivíduo sociedade, a partir das contribuições das ciências que concorrem ao estudo do mundo humano (Antropologia, Psicologia, Sociologia e Política).
Dos métodos de estudo próprios das ciências mencionadas;
- dos diferentes aspectos necessários para o estudo de uma região;
- das diferentes expressões culturais para o estudo de uma comunidade.

8.2.1.2. Aptidões:

- para pesquisar, registrar e classificar informações (dados, fatos, vivências...) em livros, em campo e em documentos;
- para transmitir com clareza e precisão dados e informação de fatos e vivências;
- para classificar dados, fatos e vivências que pertencem a um mesmo aspecto;

- para descobrir a relação existente entre diferentes dados, fatos e problemas;
- para descobrir a relação entre os diferentes aspectos de um acontecimento;
- para chegar a sínteses parciais na compreensão do processo histórico em nível familiar, local regional, nacional e continental;
- para distinguir os dados e os fatos mais significativos de uma paisagem e de uma época ou processo histórico e/ou sócio-cultural;
- para descobrir os valores e imagens (ou linhas de comportamento) de uma comunidade através de suas atitudes;
- para chegar a projetos de ação e integração em nível zonal e regional;
- para avaliar a eficácia, oportunidade, transcendência, etc., de fatos históricos (sociais, políticos e econômicos) a partir dos pressupostos culturais da comunidade ou sociedade correspondentes;
- para promover projetos de ação para a solução de problemas conhecidos e/ou vividos em nível local e regional.

8.2.1.3. - Atitudes:

- de atenção aos acontecimentos e fenômenos que acontecem em nível familiar e local, regional, nacional e continental;
- de reflexão sobre os acontecimentos, problemas, fenômenos e processos que acontecem em nível familiar e local, regional, nacional e continental;
- de reflexão sobre as reações, atitudes e atividades pessoais da própria comunidade, de diferentes comunidades e da sociedade (em níveis diversos) ante fenômenos e acontecimentos determinados, baseados em valores descobertos e aceitos pessoalmente;

- de conduta coerente com os valores assumidos e a reflexão feita sobre fenômenos, problemas e acontecimentos determinados, em nível grupal e familiar, local e regional.

8.2.2. - Enfoque da Área Estudos Sociais:

Para uma melhor compreensão deste enfoque, iniciaremos este parágrafo com a fundamentação que o sustenta.

A área de Estudos Sociais se baseia em uma concepção dinâmica e existencial da pessoa. Encontramos o homem concreto sempre inserido numa comunidade, localizado num espaço e com uma trajetória no tempo. Poderíamos dizer que são as três dimensões em que se desenvolve sua vida.

Este "espaço", seu meio ou CONTORNO FÍSICO, não é algo completamente alheio a ele, à comunidade que o habita. Porque, em último termo, não só o habita, mas o vive. E isto já nos está falando de dinamismo, de intercâmbio, de mútuo enriquecimento e também de mútua limitação. A "paisagem", onde se desenvolve a vida do homem, é resultado de um grau mais ou menos elevado da ação e transformação da comunidade que o vive. Por sua vez esta comunidade sofre o influxo condicional do meio onde se desenvolve: em seu modo de vida, de expressão, de valoração, etc...

Por outro lado, este dinamismo homem-meio não é algo determinante (embora condicionante). E ao vivê-lo, através do tempo, em relação com outras comunidades e de acordo a opções mais ou menos condicionadas, a comunidade vai FAZENDO SUA HISTÓRIA, SUA VIDA.

Nesta história o homem não se move por um motor que determina sua trajetória, mas por valores (móvel) que descobre e pelos quais opta. Estes valores, dínamo (eixo) da história humana, o homem, a comunidade, os descobre fora de si, mas não como inalcançáveis, mas como mais ou menos realizáveis e realizadores de seu ser; por isso tende a eles. Além disto, estes valores dão ao homem a razão de ser das situações que vive, e estas situações de valores que levam ao homem à sua realização como pessoa.

Por último, encontramos com o homem que, por viver em comunidade, está localizado num determinado lugar e ir realizando sua história, tem necessidade de organizar-se, diríamos, ainda, de organizar suas relações sociais, políticas, econômicas, etc... de acordo com as

necessidades que vai sentindo, com os recursos com que conta, com sua história que gira sobre si mesmo e aos valores que aspira realizar.

Esta "engrenagem" vital da comunidade humana pode ser estudada em diversos níveis: local, regional ou nacional, continental ou mundial. Conforme se vá ampliando o campo de estudo, tornar-se-á mais complexa a temática, mas o esquema dinâmico vital será o mesmo.

Com base nesta fundamentação, a área de Estudos Sociais não pode ser considerada como um conjunto de fatos e acontecimentos, lugares geográficos e instituições mais ou menos conhecidas, que se repetirão e serão decoradas; mas como um processo de desenvolvimento de comportamento que torne possível a consecução dos objetivos da formação do adolescente rural.

Que traz esta área ao processo de formação do adolescente? Primeiro, ajuda-lhe a descobrir e afirmar sua personalidade e sua realidade sócio-cultural. Segundo, como consequência do anterior, facilita-lhe sua inserção plena e responsável, na vida do trabalho ou nas Escolas em que continuar sua capacitação.

Para isso a área de Estudos Sociais deverá ser dada de tal forma, que favoreça:

- o processo de desenvolvimento do pensamento reflexivo;
- o descobrimento de valores que orientem um compromisso de vida em realizações imediatas e futuras;
- e a compreensão e valoração do homem como ser que se adapta consciente e dinamicamente ao meio e à sociedade pluralista cambiante de sua época.

Consideramos, numa palavra, a área de Estudos Sociais como o "lugar" onde o adolescente, tomando consciência de sua situação, reflète sobre ela, e descobre valores que orientam seu compromisso de vida.

A área, assim, não tenta abarcar todos os conteúdos ou a maior parte daqueles que neste nível de ensino poderiam dar os Estudos Sociais. Faz-se uma seleção dos conteúdos que se consideram mais significativos em si mesmos e para o adolescente rural.

Os temas selecionados centralizam-se na realidade circundante dos alunos, cheia de evidências e de significação para eles e serve como ponto de partida necessário para a compreensão e valorização de outros menos próximos e de maior complexidade, que também lhe preocupam ou lhes afetam, ou os vinculam ao mundo interdependente da atualidade. Pretende-se, ainda, que os temas selecionados sejam tratados com certa profundidade, em vez de desenvolver uma variada gama de tais temas de modo geral, sumário, e, portanto, superficial.

Em todos os temas e atividades da área está presente um profundo sentido nacional, projetando-o para a integração latino-americana e mundial.

A área integra os títulos de Geografia, História e E.R.S.A. (Formação Social, Política e Econômica do Homem Argentina), quer dizer, aquelas ciências que têm como centro de seus estudos o homem como ser social e transcendente.

A HISTÓRIA não será apresentada como uma simples enumeração cronológica dos fatos, mas como um processo condicionado pelo geográfico, político e econômico e onde os valores e imagens que a comunidade vai elaborando têm tanta importância que, prescindindo deles, dificilmente poderão ser compreendidos e interpretados, não só os fatos, mas também o próprio processo.

A GEOGRAFIA procurará sempre a relação da paisagem e do homem: analisando os condicionamentos que a paisagem supõe no desenvolvimento da comunidade que a habita, e as transformações realizadas pelo homem nessa paisagem. E oferecerá os instrumentos que orientem para novas transformações.

O estudo da REALIDADE SOCIAL ARGENTINA investigará, a partir dos aspectos sócio-cultural, político e econômico, que incidem no processo histórico e produtivo do povo argentino, as formas de organizar sua vida e sua sociedade, para projetá-la para sua realização. Esta investigação será orientada para a tomada de consciência e o compromisso com o meio rural, que o jovem deve assumir como agente transformador, através da participação ativa e responsável nas instituições locais e regionais. Sem este aspecto ativo e vital da formação, a Escola da Família Agrícola teria um enraizamento e uma significação reduzidos.

Dadas as características de Nível Médio Básico deste Plano Estudos, os conteúdos se apresentam com uma sistematização que, perder a correlação e integração temática como aspectos de uma mesma realidade, superam a globalização própria de um nível Elementar Primário.

Esta sistematização de conteúdos está estruturada em unidades temáticas. Cada unidade deve pôr um acentuado ênfase no homem, não mo ser abstrato, mas como pessoa concreta numa determinada situação cheio de aspirações que vive uma complexa realidade, na qual o passado, o presente e o futuro se conjugam significativamente. Esta visão dará ao jovem a verdadeira dimensão dos problemas que enfrenta e de solucionar, como também o orientará, em suas realizações imediatas futuras.

8.2.3. - Conteúdos da área "Estudos Sociais":

Como já foi dito, este Plano se apresenta como o resultado de uma experiência.

Em Estudos Sociais, área mais complexa e de maior amplitude, esta experiência não chegou ainda a um ponto tal que se possa apresentar, de maneira suficientemente desenvolvida, a seleção, progressão e relação e orientação dos conteúdos, de tal modo que respondam ao Enfoque e aos objetivos expressos num mesmo Plano.

Apresentam-se, portanto, apenas grandes unidades temáticas, que constituem o esqueleto dos conteúdos.

Monitores, alunos e equipes assessoras estão experimentando trabalhos sobre unidades temáticas muito mais elaboradas, mas é muito cedo para apresentar estes trabalhos como resultados adquiridos.

Além da formulação em unidades apresentadas mais abaixo, os elementos de tal experiência são os seguintes:

- todo conceito se maneja em referência do homem, simultaneamente sujeito e objeto da História;
- as unidades apresentadas mais abaixo não ocupam necessariamente um período definitivo, nem se dão em sua ordem fixa. Várias dentre elas devem ser trabalhadas durante todo o período de formação; a ordem de introdução de cada uma pode variar conforme a maturidade, a situação e os interesses dos alunos;

- os conteúdos mínimos devem permitir ao aluno um domínio da área não inferior a um Ciclo Básico Comum, mas sem que haja necessidade de seguir a ordem prevista num tal Ciclo;
- a realidade mais próxima ao aluno constitui o ponto de apoio PERMANENTE da formação na área: um primeiro tempo é dedicado à História, à localização geográfica e à vida social da Família e Comunidade dos alunos; mas estes deverão aprofundar estes aspectos durante to da sua formação. Com efeito, são como um microcosmos que reflete a sociedade total, permitindo a relação entre o estudado e o vivido. Aproveitam-se fatos e acontecimentos, organizam-se estudos, viagens, entrevistas, etc., para ampliar o campo da experiência imediata;
- Indo do mais próximo ao geral, dar-se-á sempre maior ênfase ao lugar onde se desenvolve o destino dos alunos;
- Trabalha-se especialmente o conhecimento e a utilização das fontes de informação atuais e próximas: Famílias e Comunidade, Prefeituras e outros Serviços Públicos, Cooperativas, Grêmios, Indústrias, etc.
- Aproveitando a Alternância e a vida grupal na Escola Família Agrícola, realiza-se, de modo sistemático, uma aprendizagem da Vida Política: funcionamento de reuniões, preparação e tomada de decisão, auto-governo; simultaneamente, na escola da Família Agrícola e nas instituições da região.

8.2.3. — Conteúdos da Área de Estudos Sociais:

UNIDADE 1 - Minha família e minha comunidade: grupos sociais organizados, enraizados num meio, resultado de uma história.

HISTÓRIA: História de minha família e comunidade: processo de povoamento do local. (Servirá como ponto de referência e deverá ser aprofundado durante todos os estudos posteriores).

GEOGRAFIA: Estudo de minha região como meio geográfico:

- a paisagem
- clima, relevo, água, solos
- Bio-geografia
- Configuração urbana e rural; infra-estrutura.
- Demografia.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL, POLÍTICA E ECONÔMICA: Estudo da vida social, política, econômica: minha família, minha comunidade, minha região. (Continua-se durante toda a formação).

UNIDADE 2: MEU PAÍS HOJE

HISTÓRIA: A "história imediata", como meio para conhecer meu país hoje e descobrir a dimensão histórica.

Os últimos 30 anos da história nacional. Suas consequências na vida de minha região e em minha vida.

GEOGRAFIA: O aspecto físico como explicitação de uma configuração regional.

- A ação do homem e suas consequências: ocupação e cultivo dos solos, infraestrutura, urbanização.
- Demografia: consequências.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL, POLÍTICA E ECONÔMICA: Grandes traços da vida social: mundo rural e mundo urbano; capital e interior; regiões pobres e regiões ricas.

- A vida política hoje, do Município ao Estado.
- A vida econômica atual: grandes setores e suas inter-relações.

UNIDADE 3 - A FORMAÇÃO DE MEU PAÍS

HISTÓRIA: - Tensões grandes cidades—interior. Livre comércio. Protecionismo.

- As novas formas de dependência (econômicas, políticas, culturais) e as correntes de independentização.
- A revolução agro-pecuária e suas consequências.
- A industrialização, o movimento operário (até 1945).

GEOGRAFIA: O potencial do país: riquezas e problemas:

- Recursos naturais, sua evolução. Consequências.
- Recursos humanos: consequências.
- Criação e evolução das infraestruturas: Consequências

O.S.P.E.: As estruturas sociais: integração e marginalização.

As estruturas políticas: o exercício do poder.

A vida cultural:

- a escola
- a cultura "criolla" (mestiça indígena-européia).

A vida econômica: integração e marginalização.

UNIDADE 4: AMÉRICA LATINA: O SUB-CONTINENTE E SEUS PRIMEIROS OCUPANTES.

HISTÓRIA: Populações, impérios, culturas pré-hispânicas;

GEOGRAFIA: O aspecto físico-continental:

- relevo
- Clima
- Hidrografia.

O.S.P.E.: Cultura, organização social e política dos povos pré-hispânicos.

UNIDADE 5: A COLONIZAÇÃO

HISTÓRIA: História da colonização espanhola.

GEOGRAFIA: Geografia da colonização hispânica: itinerários, cidades, correntes comerciais.

O.S.P.E.: Aspectos da vida cotidiana na América espanhola.

Formas de governo.

As reduções jesuíticas.

UNIDADE 6: A conquista da Independência. As tentativas de integração.

HISTÓRIA: Razões e história dos movimentos de independência, nos países hispano-português.

GEOGRAFIA: Continuação da Geografia da Colonização.

O.S.P.E. : Continuação do processo da unidade anterior.

UNIDADE 7: AS NOVAS FORMAS DE DEPENDÊNCIA NA AMÉRICA LATINA:

HISTÓRIA: A penetração inglesa na América Latina a partir da revolução industrial.

GEOGRAFIA: América Latina, "celeiro do mundo".

Estancamento da regionalização.

O.S.P.E.: Dependência econômica.

Penetração cultural dos moldes europeus (o Liberalismo)

UNIDADE 8: AS PERSPECTIVAS ATUAIS: POR UMA INTEGRAÇÃO?

HISTÓRIA: O colonialismo norte-americano: freio dos projetos e revoluções nacionalistas contemporâneas.

GEOGRAFIA: Surgimento da regionalização.

Tentativas de integração da América Latina.

O.S.P.E.: Lutas nacionais para quebrar a dependência da América do Norte nos aspectos cultural e econômico.

UNIDADE 9: O HOMEM À CONQUISTA DE SI MESMO.

HISTÓRIA: Surgimento do Homem.

Idades pré-históricas.

Idades e civilizações históricas.

O Ocidente.

GEOGRAFIA: Configuração continental do planeta.

Sistemas físicos.

O.S.P.E.: Características sócio-culturais de cada civilização.

UNIDADE 10: CRESCIMENTO TECNOLÓGICO E EXPANSIONISMO DO OCIDENTE.

HISTÓRIA: Processos de expansão do mundo europeu na Ásia e na África.

Descobrimento e conquista colonial.

GEOGRAFIA: Geografia da colonização.

O.S.P.E.: Formas de governo e determinismo econômico.

UNIDADE 11: O FIM DOS IMPÉRIOS COLONIAIS. REDISTRIBUIÇÃO DO ESPAÇO GEO-POLÍTICO.

HISTÓRIA: Processo de autodeterminação dos povos do Terceiro Mundo.

GEOGRAFIA: Geografia géo-política do mundo atual.

Relação entre as grandes áreas do mundo.

O.S.P.E.: Aspectos econômicos, políticos e sociais do equilíbrio entre as áreas do mundo.

8.3. - Área das Ciências Físicas e Biológicas:

Integram esta área os estudos do Plano de Formação relativos à Biologia, Física e Química.

8.3.1. - Objetivos da área de Ciências Físicas e Biológicas:

8.3.1.1. - Conhecimentos:

- dos processos gerais dos seres vivos em forma funcional e apoiados em conhecimentos anatômicos;
- Conhecimento dos fatores que influem nos seres vivos (climáticos, patológicos) e as defesas naturais destes, permitindo ou não sua adaptação permanente ao meio.
- Conhecimento de hipóteses, leis e teorias de física, em seu estudo das manifestações energéticas, mecânicas, calorígenas e elétricas utilizadas no meio rural.
- Conhecimento da matéria orgânica e inorgânica em sua estrutura e reações químicas.

8.3.2.1. - Aptidões:

- para observar e interpretar em relação à teoria os fenômenos naturais do mundo rural.
- Para relacionar os fatores intrínsecos e extrínsecos que atuam nos seres vivos.
- Para interpretar os fenômenos nos quais se manifesta a energia para o homem do campo.

8.3.2. Enfoque da Área de Ciências Físicas e Biológicas:

Partiremos do conhecimento do mundo que nos rodeia, que constitui, em seu mais amplo sentido, o objeto das Ciências Naturais.

Consideramos que as Ciências da Natureza se podem agrupar em duas séries:

- Ciências Fenomênicas: que explicam as leis gerais que afetam a todos os seres da Natureza (Biologia, Fisiologia, Física, Química, etc.).

- Ciências Sistemáticas ou Descritivas: que estudam os seres naturais considerados em si mesmos (Astronomia, Geologia, Botânica, Zoologia, etc.).

Denominamos Ciências Elementares aquelas que nos darão uma explicação dos fenômenos da Natureza que diariamente encontramos.

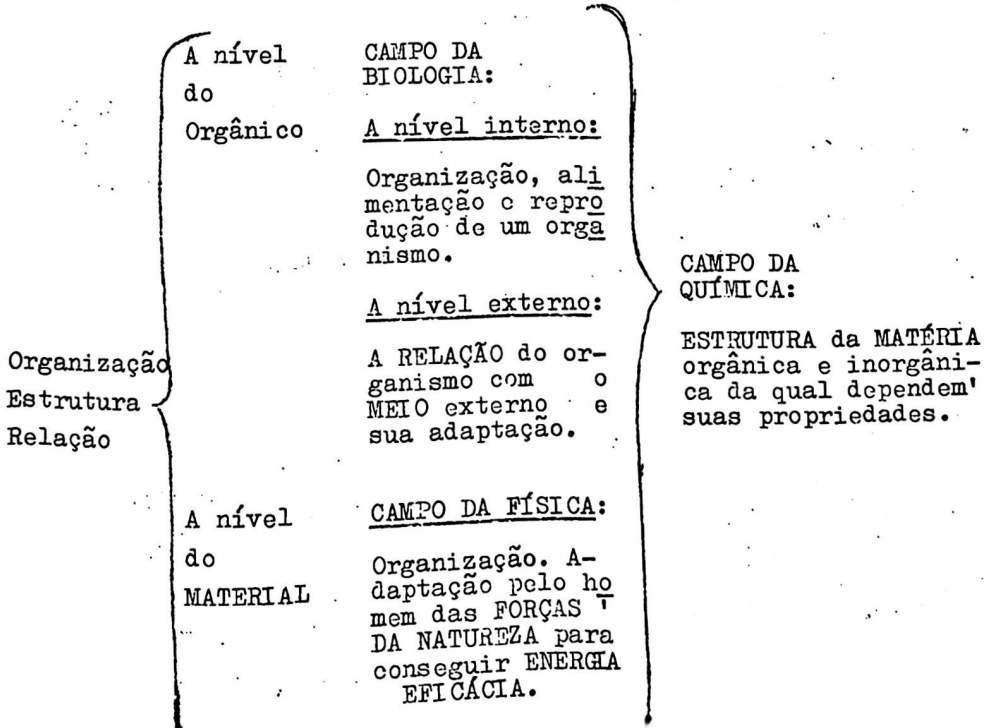
Que explicação pode interessar ao agricultor? Que explicação lhe pode ser útil?

Antes de tudo, interessa-lhe conhecer, para efeitos de melhor rendimento:

- A planta que cultiva e o animal que produz, em seu funcionamento;
- O meio-ambiente, em sua relação com as plantas e os animais;
- as energias da natureza, que se podem transformar em forças utilizáveis.

Levando em consideração estas motivações vitais, escolhemos explicar a natureza como:

- ORGANIZAÇÃO, do ser vivente e de energias;
- RELAÇÃO de tal ser e de tal energia com o ambiente;
- ESTRUTURA da natureza em sua essência, a matéria.



As Ciências que nos oferecem esta explicação são:

- A BIOLOGIA: ciência da vida enquanto enfoca a vida como organização do ser vivo.
- A FISILOGIA: que estuda como funcionam as grandes unidades ou as funções do ser vivo: nutrição, reprodução, relação.
- A ANATOMIA: embora não tenha interesse em si mesma, segundo este enfoque, contribui, com o estudo das diferentes partes dos aparelhos, para uma melhor compreensão das funções;
- A ECOLOGIA: que explica o "habitat" de um ser vivo, a estrutura que permite um equilíbrio entre o ser e seu meio.
- A FÍSICA: enquanto nos permite conhecer as diferentes fontes de energia ao alcance do homem do campo, e as leis que permitem o aproveitamento daquelas.
- A QUÍMICA: ciência que nos dá um mais profundo conhecimento da natureza ao nos explicar a estrutura da matéria, tanto orgânica quanto inorgânica. Os estudos químicos nos permitem mostrar como a nível do infinitamente pequeno a distinção entre orgânico e inorgânico é artificial; ter-se-ia que falar de nível de complexidade para distinguir o orgânico do inorgânico.

Embora os estudos da área encontram seus conteúdos nestas ciências, nem todas têm o mesmo nível de importância. Destacamos, dada a modalidade deste Plano de Estudos, em primeiro lugar, a Biologia, seguida imediatamente pela Química e pela Física.

8.3.3. - Conteúdo da Área de Ciências Físicas e Biológicas:

8.3.3.1. - Conteúdos de Biologia:

PRIMEIRO ANO:

UNIDADE 1: Ciclo de vida. Apresentação do estudo da Biologia a partir do estudo dos ciclos de vida de alguns seres vivos da propriedade.

UNIDADE 2: Nutrição do ser vivo: nutrição animal: digestão, absorção, respiração, excreção, armazenamento. No fim de estudo de cada parte deverá haver um exercício de aplicação à higiene do mesmo.

UNIDADE 3: Nutrição do ser vivo: nutrição vegetal: absorção, circulação clorofílica, respiração, transpiração, armazenamento.

SEGUNDO ANO:

UNIDADE 4: Síntese sobre a função de nutrição: o metabolismo ou nutrição no nível da célula.

UNIDADE 5: Reprodução do ser vivo: reprodução vegetal: assexual e sexual.

UNIDADE 6: Reprodução do ser vivo: reprodução animal: existência e funcionamento dos dois tipos de aparelhos sexuais.

A reprodução: destino do ovo fecundado:

- Gestação, parto e nascimento do animal;
- Concepção, parto e primeiro ano de vida do bebê (este aspecto se complementa com os temas de educação sexual).

UNIDADE 7: Síntese da reprodução no nível da célula: hereditariedade; noções de genética.

TERCEIRO ANO:

A relação do ser vivo com o meio e sua adaptação:

UNIDADE 8: Ecologia: - ser vivo e fatores climáticos
- ser vivo e agentes mecânicos
- ser vivo e os outros seres = comunidade.

UNIDADE 9: Função de relação: - sistema muscular e ósseo
- sistema nervoso.

UNIDADE 10: Os hormônios, as auxinas.

UNIDADE 11: Equilíbrio biológico: Eco-sistemas.

Esclarecemos que esta ordem pode variar conforme as características da relação homem-meio, levando ainda em consideração:

- regiões de domínio do homem sobre o meio;
- regiões de domínio do meio sobre o homem.

Quanto às primeiras:

- Se a produção principal de uma região é vegetal iniciar-se-á com nutrição vegetal;

- Se a produção principal é animal, escolher-se-á a nutrição animal.
- Em regiões de produção mista, ver-se-á paralelamente nutrição animal e vegetal.
- Em região hortícola ou frutífera, seria conveniente ver nutrição vegetal e reprodução vegetal, antes de começar estudar a nutrição animal.

Quanto às segundas:

- Regiões nas quais o meio é esmagador para o homem (montanhas, desertos, primeiros tempos de colonização, nivelamento...),

seria conveniente começar com a relação do ser vivo com seu meio (ecologia) e em seguida passar à nutrição, com um estudo de cadeias alimentícias.

Em conclusão: a ordem dos conteúdos em Biologia não pode ser rígida, baseada num programa, mas adaptável à Geografia, à História, e às produções de cada região.

8.3.3.2. - Conteúdos de Física:

PRIMEIRO ANO:

UNIDADE 1: Observação das máquinas que utilizamos:

- a energia que recebem;
- a energia que produzem;
- as formas de energia que aparecem em passagens intermediárias.

CLASSIFICAÇÃO DAS DIFERENTES FORMAS DE ENERGIA.

UNIDADE 2: Energia calorígena:

- Suas fontes,
- Seus efeitos.
- Suas transmissões.
- Sua medição.
- As leis que fixam as relações de causa e efeito.

SEGUNDO ANO:

UNIDADE 3: Energia mecânica. Os mesmos temas que para energia calorígena.

TERCEIRO ANO:

UNIDADE 4: Energia elétrica: os mesmos temas que para energia calorífica.

A ordem no estudo das energias tem que ser imposto:

- pela realidade da região (por exemplo: agricultura mecanizada ou não),
- e em correlação com o desenvolvimento das outras áreas (calor e clima em Geografia; a cozinha e a alimentação: força e maquinarias em agricultura e pecuária, etc.).

8.3.3.3. Conteúdos de Química:

Nas Escolas Agrícolas Família, a Química não tem importância em si mesma. Ela é apenas necessária para aprofundar a Biologia e as Ciências Aplicadas.

O desenvolvimento dos temas de Química se fará na medida do necessário. Visualizar-se-ão no seu desenvolvimento os seguintes aspectos:

UNIDADE 1: Noções de estrutura da matéria:

- a molécula;
- o átomo.

UNIDADE 2: Noção de reação química.

- Fatores que influem numa reação (temperatura, catalizadores, etc...

UNIDADE 3: Em Química Inorgânica:

- ácidos bases, sais
- óxido, redução.

UNIDADE 4: Em Química Orgânica:

- Com C.H.
- Com C.H.O.
- Com C.H.O.N.

- E compostos que os contém (lipídicos, glucídicos, protéicos).

8.4. — ÁREA DE CIÊNCIAS APLICADAS:

Esta área inclui o que há de mais específico no Plano de Estudos, isto é, todos os aspectos relativos à administração da propriedade:

- produção de bens na exploração,
- produção de serviços no lar,
- contabilidade,
- iniciação tecnológica.

O termo "propriedade", utilizado neste Plano, não tem conotação de natureza, tamanho nem ideologia econômica.

Em nosso conceito, a propriedade é o lugar onde se analisam, decidem e planificam, assim como realizam e avaliam, as atividades técnicas e econômicas realizadas pelo grupo humano ao qual pertence o aluno.

8.4.1. - Objetivos da área de Estudos Especiais (Ciências Aplicadas):

8.4.1.1. - Conhecimentos:

- Dos diferentes elementos técnicos, organizativos e econômicos que caracterizam a empresa.
- Da organização destes elementos entre si.
- Das grandes características da economia empresarial.

8.4.1.2. - Aptidões:

- Para informar-se sobre novas técnicas agrícolas e domésticas.
- Para analisar os elementos da propriedade e do lar (diferentes produções e serviços) e relacionar estes elementos entre si.
- Para fazer um diagnóstico de uma produção, de uma exploração (avaliar e sintetizar).
- Para criar, inventar soluções a problemas da propriedade e prever melhoras.

8.4.1.3. - Atitudes:

- De interesse em relação ao campo e ao lar.
- De tomar consciência e valorizar a organização de sua propriedade como meio para conseguir tanto o bem-estar de seus membros, como uma adequação às necessidades da comunidade local, nacional e internacional.
- De compromisso com o campo, o mundo rural, toda a comunidade enfim, naqueles mesmos aspectos.

8.4.2. - Enfoque da área de Estudos Especiais:

Distinguimos dois níveis neste enfoque:

- um amplo: nível educativo, e
- um limitado: nível de conteúdos da área.

8.4.2.1. - Nível educativo: Já sublinhamos o papel da ação como fator de educação (2.4.). Consideramos o trabalho produtivo como uma ação privilegiada, mais completa e cheia de sentido.

OBSERVAÇÃO: Entendemos por trabalho produtivo aquele que responde diretamente às necessidades fundamentais da sociedade. A APEFA precisamente pensa que um dos fatores mais desfavoráveis no ensino contemporâneo é sua escassa e pouco adequada relação com o setor produtivo.

Por outro lado, afirmamos que o trabalho produtivo é fator importante de cultura (ver 4.2.).

Pela Alternância, o aluno da EFA dedica mais da metade de seu tempo ao trabalho da propriedade. A área Estudos Especiais engloba simultaneamente este tempo de trabalho produtivo, e a reflexão técnica, organizativa e econômica que lhe dá seu caráter humano.

Esta reflexão se prolonga nas Ciências Físico-Biológicas, e estabelece as correspondentes relações: cada técnica é aplicação de princípios científicos).

Do mesmo modo, os conteúdos de Estudos Especiais se apoiam sobre as Ciências Sociais: o trabalho produtivo tem uma localização evidente e muito importante (embora ainda os manuais não a evidenciem) em História, Geografia, Organização Política e Econômica.

Assim, o nível educativo dos Estudos Especiais poderia ser de finido como: "COMPROMISSO E REFLEXÃO SOBRE A ATIVIDADE PRODUTIVA DO ALUNO E DE SUA COMUNIDADE; TAL ATIVIDADE RELACIONADA COM CIÊNCIAS ELEMENTARES E CIÊNCIAS SOCIAIS; MOSTRANDO SUA COERÊNCIA INTERNA, E UTILIZANDO SUAS POTENCIALIDADES COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO E FONTE DE CULTURA".

8.4.2.2. - Nível dos conteúdos da área:

Os programas de formação agropecuária em nível médio caem num mesmo defeito: apresentam-se como uma coleção de conhecimentos técnicos, demasiadamente numerosos, pouco relacionados entre si e com a realidade da região. A exploração anexa de caráter experimental, utilizada para os trabalhos práticos dos alunos, não concerta esta situação: no geral, não possui característica alguma que torne uma exploração normal, tanto do ponto de vista técnico, como econômico e social.

O mesmo problema se apresenta no setor das técnicas do lar: cozinha, alimentação e nutrição, economia e tecnologia, estética, criatividade e adaptação social, que se apresentam como uma coleção de receitas.

Nos dois casos, não se pode falar de uma falta de enfoque: EXISTE UM ENFOQUE IMPLÍCITO, NÃO-EXPRESSO. No primeiro, poderíamos expressá-lo como: "O campo, o produtor e o técnico agro-pecuário se de finem e progridem por uma acumulação de técnicas". No segundo, "a mulher, dona de casa, realiza-se conformando-se com uma imagem social' cujo protótipo (que não explicaremos aqui) elabora a classe média alta da Argentina.

Analisando tal situação, a APEFA procurou encontrar um ENFOQUE INTEGRADOR nas duas direções já indicadas no nível educacional:

- Relação ciências-técnicas: Qualquer prática do Produtor ou da dona-de-casa se pode raciocinar e relacionar com uma ciência que lhe dá racionalidade científica. Qualquer teoria científica que contradiga a realidade observada e experimentada deve ser reconsiderada. Qualquer conhecimento ou investigação é válido, se possuir uma possível relação com a realidade, no espaço e tempo em que acontece.

As Ciências Aplicadas (Estudos Especiais) assim concebidas, constituem o campo no qual o aluno da EFA e sua comunidade interrogam, criticam e encontram o fundamento, a razão de ser em sua atividade profissional.

- Coerência interna da Atividade Produtiva: A atividade agropecuária e o manejo do lar não são coleção de técnicas, mas conjuntos organizados e complexos de atividades produtivas. Desenvolvem-se em condições determinadas — físicas, técnicas, econômicas, sociais, políticas e culturais —. Cada aspecto interfere sobre os outros, e o erro muito frequente do técnico é pretender modificar UM elemento sem levar em consideração o conjunto. A tal conjunto denominamos PROPRIEDADE, malgrado o termo carregue conotações que não correspondem a nossa visão.

A propriedade é, pois, o LUGAR DE ESTUDO, tomada de decisão, planificação, realização e avaliação do processo produtivo. Cada propriedade, cada casa é uma empresa única: nunca se repetem as mesmas condições. Deve ser estudada como um MODELO CIBERNÉTICO. Pode ser mais ou menos operacional, com vários graus de adaptação a suas funções. Mas nunca é absurdo e incoerente. Muito frequentemente poder-se-á descobrir que as inaptações provêm de mudanças nas condições acima citadas (físicas, econômicas, etc.). Pensamos que estudá-lo com tal enfoque constitui o único meio para promover sua melhor adaptação.

Na empresa rural atual, a direção da propriedade (produção de bens) e o manejo do lar (produção de serviços) têm interrelações muito estreitas, que devem ser analisadas e instrumentalizadas.

- 8.4.2.3. - Em síntese: coerência quanto aos fins: a propriedade e o lar encontram finalmente sua UNIDADE nos fins que perseguem: por um lado, produção de bens

e serviços, para seus próprios membros e para a comunidade. Seu funcionamento harmônico depende da adequação de tal produção com as necessidades. Por outro lado também produzem uma certa "qualidade de vida": bem-estar, segurança, saúde, satisfação, estética, afetividade, intercâmbio, vida cultural, responsabilidade, criatividade... Em última instância, a coerência se dará, pois, na confrontação entre a realidade da propriedade e os fins por ela perseguidos.

8.4.3. - Conteúdos da Área de Estudos Especiais em relação à direção da propriedade (exploração e lar). APRESENTAÇÃO GERAL.

PRIMEIRO ANO:

HOMENS:

- Produção de Bens:

- . Produções da propriedade, analisadas em seus aspectos:
 - técnicos
 - organizativos
 - econômicos.

MULHERES:

- Produção de serviços: No lar, através de:

- vestuário
- alimentação
- saúde
- vivenda

analisada em seus aspectos:

- técnicos
- econômicos
- organizativos.

COMUM:

Descobrimento do ASPECTO EMPRESARIAL DA PROPRIEDADE (produção de bens do lar e produção de serviços).

Contabilidade

(Comum, com exemplos tomados em cada tipo de produção).

- Cálculo de custos parciais.
- Conhecimento dos documentos comerciais.

SEGUNDO ANO:

HOMENS:

- Continuação do programa do 1º ano:
- Síntese e fundamentação técnica das produções.

MULHERES:

- Continuação do programa do 1º ano.

COMUM:

- Registro de livros simples de contabilidade.

TERCEIRO ANO:

HOMENS: —

MULHERES: —

COMUM: - Interpretação de livros de contabilidade.

- Elaboração dos pressupostos.
- Síntese dos aspectos empresariais, do lar e da propriedade.
- Fundamentos organizativos e económicos.

OBSERVAÇÃO: Em seguida, ver a explicitação destes conteúdos.

8.4.3.1. - Conteúdos de Produção de Bens na propriedade:

PRIMEIRO ANO:

UNIDADE 1: - Descobrimento do carácter empresarial da propriedade e do lar:

- lar: produção de serviços,
- propriedade: produção de bens.

Necessidade de considerar os aspectos: - técnicos
- organizativos
- e económicos.

UNIDADE 2: Estudo da produção de bens na propriedade. No começo do primeiro ano escolher-se-á exclusivamente para seu estudo a PRODUÇÃO PRINCIPAL da região. As produções indicadas a seguir são propostas como exemplos; poder-se-ia prever o mesmo método para o estudo de outra produção: lenha, carvão, tijolo, abelha, caça, pesca, etc... Completar-se-á o programa do primeiro ano com o estudo de PRODUÇÕES SECUNDÁRIAS, que se continuará no segundo ano (ver gráfico adiante).

UNIDADE 3:

- Agricultura: Cultivos secundários em comparação com o primário. Utilização do mesmo método.
- Pecuária: Outros aspectos da pecuária em comparação com o anterior. Utilização do mesmo método. Aspectos da produção pecuária que não foram vistos.
- Granja: Aspectos de granja em comparação com o anterior. Utilização do mesmo método. Aspectos de produção de granja que não foram vistos.

SEGUNDO ANO:

UNIDADE 4:

Estudo de outras produções. Utilizando sempre o método de estudo de uma produção, ver-se-iam as produções não estudadas no primeiro ano, isto é:

- os que viram Agricultura, estudarão Pecuária e Granja;
- os que viram Pecuária, estudarão Agricultura e Granja;
- os que viram Granja, estudarão Pecuária e Agricultura.

Para os conteúdos mínimos, vejam-se os programas anteriores. A respeito de tais conteúdos (produções) escolher-se-ão os que são de interesse e possibilidade para a região, quer se realizem ou como perspectiva de realização.

Canalizar-se-á com isso a necessidade do aluno de opôr-se à sua família e sair da mesma. Dá-se essa abertura prospectiva utilizando sempre o sentido crítico do segundo ano, a partir desta pergunta de fundo: "Esta produção seria realizável em nossa região, em nossa propriedade?"

ESTUDO PRINCIPAL DA REGIÃO:

UNIDADE 2:

AGRICULTURA: CULTIVO:

- Meio ecológico:
 - . clima
 - . solo
 - . comportamento da planta
- Técnicas de produção:
 - . preparação da terra e barbecho
 - . sementeira
 - . cuidados do cultivo
 - . pragas animais e vegetais: sua defesa
 - . colheita, escolha e armazenamento.
- Aspectos Organizativos:
 - . do tempo
 - . dos espaços
 - . das pessoas
- Aspectos econômicos:
 - . gastos de produção
 - . possibilidade de comercialização.
- Síntese: métodos para estudar uma produção.

AGRICULTURA: INVERNADA:

- Meio ecológico
 - . clima
 - . solo
 - . comportamento do animal
- Técnicas de produção:
 - . alimentação (pastagens, currais, complementos).
 - . Saúde.
 - . Escolha e seleção dos animais para a invernada.

- Aspectos organizativos:
 - . do tempo
 - . dos espaços
 - . das pessoas.
- Aspectos econômicos:
 - . gastos de produção
 - . possibilidade de comercialização.
- Síntese: Métodos para estudar uma produção.

PECUÁRIA: ESTÁBULO:

- Meio ecológico:
 - . clima
 - . solo
 - . vegetação
 - . comportamento do animal
- Técnicas de produção:
 - . alimentação da vaca leiteira
 - . saúde
 - . escolha e seleção dos animais
 - . técnicas de produção de leite, conservação e venda.
- Aspectos organizativos:
 - . do tempo
 - . dos espaços
 - . das pessoas
- Aspectos econômicos:
 - . gastos de produção
 - . possibilidade de comercialização
- Síntese: Métodos para estudar uma produção.

PECUÁRIA: CRIAÇÃO:

- Meio ecológico:
 - . clima
 - . solo
 - . vegetação
 - . comportamento do animal
- Técnicas de produção:
 - . Técnicas de:
 - serviços
 - gestação
 - lactância
 - desmame
 - para cada etapa: alimentação
saúde
 - escolha e seleção

- Aspectos organizativos:

- . do tempo
- . dos espaços
- . das pessoas

- Aspectos económicos:

- . gastos de produção
- . possibilidade de comercialização

- Síntese: Método para estudar uma produção.

OBSERVAÇÃO: Conforme o grupo de alunos poder-se-á estudar simultaneamente ou separadamente os aspectos técnicos, organizativos e económicos. Os aspectos económicos serão estudados em correlação com os temas de Contabilidade.

ESTUDO DA PRODUÇÃO PRINCIPAL DA REGIÃO:

G R A N J A

UNIDADE 2

HORTICULTURA:

- Meio ecológico:

- . clima
- . solo
- . comportamento da planta

- Técnicas de produção:

- . classificação dos diferentes tipos de hortaliças (para cada uma em comparação)
- . preparação do terreno (amaciamento, canteiros quentes)
- . sementeira
- . primícias
- . reparos
- . cuidados para o cultivo
- . pragas e doenças (controle)
- . colheita, armazenamento, preparação para a venda.

- Aspectos organizativos:

- . do tempo
- . dos espaços
- . das pessoas

- Aspectos econômicos:
 - . gastos de produção
 - . possibilidade de comercialização.
- Síntese: Métodos para estudar uma produção.

FRUTICULTURA:

- Meio ecológico:
 - . clima
 - . solo
 - . comportamento da planta
- Técnicas de produção:
 - . cuidados com o cultivo
 - . enxertos
 - . podas
 - . pragas animais e vegetais: defesa
 - . colheita
 - . armazenamento
 - . transformação: (vinificação, dissecação)
 - . plantação dos pomares e vinhedos
- Aspectos organizativos:
 - . do tempo
 - . dos espaços
 - . das pessoas
- Aspectos econômicos:
 - . gastos de produção
 - . possibilidade de comercialização
- Síntese: Métodos para estudar uma produção.

AVICULTURA:

- Meio ecológico:
 - . clima
 - . vegetação
 - . comportamento do animal
- Técnicas de produção:

para as diferentes possibilidades de produção (poe—
deiras, frangos para corte, galos), estudar-se-ão as
técnicas de:

 - . alimentação
 - . saúde
 - . escolha e seleção
- Aspectos organizativos:
 - . do tempo
 - . dos espaços
 - . das pessoas

- Aspectos econômicos:
 - . gastos de produção
 - . possibilidade de comercialização
- Síntese: Métodos para estudar uma produção.

CUNICULTURA:

- Meio ecológico:
 - . clima
 - . vegetação
 - . comportamento do animal
- Técnicas de:
 - . alimentação
 - . saúde
 - . escolha e seleção
- Aspectos organizativos:
 - . do tempo
 - . dos espaços
 - . das pessoas
- Aspectos econômicos:
 - . gastos de produção
 - . possibilidade de comercialização
- Síntese: Métodos para estudar uma produção.

CRIAÇÃO DE GADO:

- Meio ecológico:
 - . clima
 - . vegetação
 - . comportamento do animal
- Para as diferentes possibilidades de produção (leite, porker e consumo) estudar-se-ão as técnicas de:
 - . alimentação
 - . saúde
 - . escolha e seleção.
- Aspectos organizativos:
 - . do tempo
 - . dos espaços
 - . das pessoas
- Aspectos econômicos:
 - . gastos de produção
 - . possibilidade de comercialização,
- Síntese: Métodos para estudar uma produção.

UNIDADE 5: Fundamentos dos aspectos técnicos das produções:

FUNDAMENTOS	TÉCNICAS
- Clima: Elementos ou fenômenos do clima. Sua explicação, suas relações com o solo, com as plantas e com os animais.	. predição do tempo . Mecanismos de controle ante as limitações climáticas: irrigação, métodos de controle contra geadas, etc...
- Solo: Fatores físicos, químicos e biológicos que influem nos solos. Suas interrelações. Relações com plantas e animais.	. Nivelação . Técnica de preparação do solo. . Barbecho . Ajuda com matéria orgânica . Controle da erosão.
- Agricultura: . Ecologia das plantas cultivadas. Comportamento das plantas frente aos fatores do meio. Seleção de plantas pelo homem. . Enfermidades e pragas vegetais. . Maquinarias agrícolas (tratores, implementos e ferramentas, galpões, etc.).	. Fitotecnia. Produção de sementes, de plantas selecionadas ou de híbridos em agricultura. . Diferentes métodos de controle (pulverização, despolvorização, etc.). . Utilização da maquinaria para trabalhos. Cuidado e conservação.
- Pecuária: . Ecologia dos animais domésticos. Comportamento do animal frente a fatores do meio. Seleção de raças pelo homem. . Doenças do animal doméstico. . Instalações para o gado: currais, cercas, poteiros, aguadas, etc. . Alimentação: forragens e pastos naturais... Forma de aproveitamento, valor nutritivo, princípios contidos nos alimentos animais.	. Zootecnia. Mecanismos de cruzamento e seleção de animais. . Diversos controles: vacinações, banhos desparasitantes... . Manejo do rodeio. Serviços, partos, gestação, descorneamento desmame. . Pastoreio direto. Suplemento de forragens e concentrados. . Técnicas de mudança de pasto, etc. Alimentação no curral. Técnicas para organizá-la.

Não se trata de novas contribuições para o conhecimento, mas da fundamentação das técnicas já estudadas nas diferentes produções. Cada tema se desenvolverá tomando como base:

- Recapitulação do já conhecido;
- Explicações das noções básicas;
- Dados para buscar informação.

TERCEIRO ANO:

UNIDADES 6 e 7: Fundamentos dos aspectos empresariais da propriedade e do lar (comum ao programa de Produção de serviços' no lar).

Fundamentos econômicos	Fundamentos organizativos
<ul style="list-style-type: none">- As produções da empresa: bens e serviços. Seus custos na exploração.- As produções agro-pecuárias: sua transformação fora da exploração.- Os mercados.- O crédito.- O seguro e o mutualismo.	<ul style="list-style-type: none">- Planificação na empresa:<ul style="list-style-type: none">. do tempo. dos espaços. da mão de obra. do uso da maquinaria.- Organização da administração e leis sociais:<ul style="list-style-type: none">. cooperativismo. gremialismo e sindicalismo.. CREA e extensão agropecuária.
<ul style="list-style-type: none">- Equilíbrio: custos e gastos em nível da empresa.- Iniciação ao equilíbrio. Produção agro-pecuária e economia nacional. Repercussão da economia internacional sobre tal equilíbrio.	

UNIDADE 8: Noções de política agropecuária em relação às Ciências Sociais: Cooperativismo.

8.4.3.2. Conteúdos de Produção de Bens e Serviços no lar.

PRIMEIRO E SEGUNDO ANOS:

UNIDADE 1: Descobrimento do carácter empresarial da propriedade e do lar.

- LAR: produção de serviços,
- PROPRIEDADE: produção de bens.

Necessidade de considerar os aspectos: - técnicos
- organizativos
- económicos.

UNIDADE 2: Alimentação.

- Aspecto técnico: princípios de cozinha e sua utilização para preparação de comidas ou utilização das sobras. Interpretação das instruções dos produtos pré-cozidos. Utilização e preparação dos alimentos. Manejo dos utensílios da cozinha. Conservação.
- Aspecto económico: Manejo do abastecimento (preço, segundo lugar, qualidade, quantidades, estado de elaboração, estação). Preço dos alimentos segundo seu valor alimentício.
- Aspecto organizativo. Combinando os seguintes elementos:
 - espaços
 - tempo
 - material
 - metodologia de trabalho,

conseguem-se os objetivos, que são: ganhar tempo
ganhar dinheiro
evitar cansaço.

UNIDADE 3: Vestuário.

- Aspecto técnico: Corte: tirar medidas. Traçado de moldes. Adaptação do molde de teoria e revista. Saber localizar e cortar o molde.

- Costura: saber fazer: viés, costuras, casas de botão, aberturas, golas, mangas, punhos, bolsos. Confeção de uma peça do vestuário (cor e costura). Manejo das máquinas e materiais. Concertos e reformas. Conservação da roupa. Escolha dos tecidos.
- Aspecto econômico: Manejo da compra de tecidos (qualidade, quantidade). Conhecimento sobre preços de tecidos e/ou de roupas.

UNIDADE 4: SAÚDE.

- Aspecto técnico: Primeiros cuidados nos casos de: feridas, queimaduras, infecções, picadas, etc. Saber diagnosticar a necessidade de um médico. Assepsias e antisepsias (prevenção e cura). Vacinação. Bases da higiene. Percepção de gravidez e de criança doente.

A higiene dos diferentes aparelhos será estudada na medida em que se vêem estes aparelhos em Biologia, como exercícios de aplicação.

- Aspecto econômico: serviços que proporcionam os seguros e contratos mútuos.

TERCEIRO ANO:

UNIDADES 6, 7 e 8: (veja-se unidades 6, 7 e 8 no Programa de Produção de bens na propriedade).

8.4.3.3. Conteúdos de Contabilidade:

PRIMEIRO ANO:

O primeiro ano será um tempo de sensibilização à Contabilidade (aprender a contar, ter o sentido dos preços, descobrir a necessidade de registrar qualquer transação). Se a EPA está localizada numa região já sensibilizada no registro de contas, iniciar-se-á antes do fim do ano o programa do próximo ano.

UNIDADE 1: Os documentos comerciais utilizados para a profissão da agricultura. Antes de sua planificação o Monitor fará um estudo dos documentos utilizados na região e os que poderiam ser úteis. Para cada documento, estudar-se-á:

— seu modo de utilização e seus diferentes usos.

UNIDADE 2: Cálculo de Custos.

Esta unidade será tratada em relação com a Matemática, que dará os instrumentos de cálculo, e os estudos de produção, que proporcionarão ocasiões para calcular custos. Não se trata de fazer num primeiro tempo o custo total de uma produção, mas o custo parcial (custo de um trabalho cultural, de uma comida, de uma vestimenta, etc...), seguindo a progressão com:

- cálculo de gastos,
- cálculo de gastos e de tempo (soldos),
- cálculo de gastos + soldos + amortização (trata-se de fazer entender o conceito, não conhecer o mecanismo de cálculo).

SEGUNDO ANO:

UNIDADE 3: Registro de Contabilidade simples para um lar e uma propriedade (o tipo de livro será escolhido segundo a contabilidade realizável na região).

TERCEIRO ANO:

UNIDADE 4: Interpretação de uma contabilidade simples: custos-vendas e balanço (Balanço: interpretação do equilíbrio econômico da propriedade).

UNIDADE 5: Elaboração de pressupostos para o lar e para a propriedade

8.4.3.4. Conteúdos de Iniciação Tecnológica:

Não se trata de uma formação profissional para uma determinada técnica, mas de uma iniciação às tarefas cotidianas de manutenção conserto ou melhoria que se apresentam numa determinada propriedade. Tal iniciação deve compreender ao mesmo tempo as bases teóricas de cada atividade e a prática correspondente.

- Prática de cozinha,
costura,
conservação do lar,
saúde.

(Cfr. os conteúdos de Produção de Serviços no Lar).

2. OFICINA DE TRABALHO

- Carpintaria: Conhecimento e manejo das diferentes ferramentas: serrote, grosa, martelo, pinça, formão, plaina, serra, plainadeira; e outros elementos utilizados na carpintaria. Trabalhos práticos (construção de vigota, estantes e outros materiais que se utilizam na EFA e em cada propriedade.
- Alvenaria: Conhecimento das diferentes ferramentas: colher, balde, enxadão, alisadeira, pás, andaimes, nível, linha, reguas, prumo, crivo ou cernidor, e outros materiais utilizados em alvenaria. Utilização dos mesmos. Misturas: diferentes tipos. Emprego: barro, cal, concreto. Trabalhos práticos sobre o tema.

Para ambos os temas se visitará uma serraria ou carpintaria, e uma obra em construção, para ter um maior conhecimento e uma melhor interpretação dos mesmos. Outros temas e trabalhos se realizam de acordo ao desenvolvimento do programa e das necessidades de outros campos' (exemplo: diferentes tipos de cercas, etc...).

— Eletricidade:

- conhecimentos básicos sobre as leis de produção de corrente elétrica;
- conhecimentos teóricos sobre funcionamento dos aparelhos existentes na propriedade (força, luz, calor, frio);
- conhecimentos práticos: montagens e consertos simples.

Todos estes conteúdos são simples sugestões, já que devem ser muito adaptados à região.

8.5. - HORÁRIO

A fim de que a distribuição tempo-trabalho seja realmente uma estrutura instrumental em função dos objetivos da Pedagogia da EFA, seguiram-se os seguintes critérios:

- O número de horas por área deve-se às prioridades que se consideram em cada ano, conforme o nível de desenvolvimento dos alunos e a natureza das áreas. As prioridades por ano são

PRIMEIRO ANO	SEGUNDO ANO	TERCEIRO ANO
Área Instrumental	Área Ciências Sociais	Área Ciências Sociais
Área C. Aplicadas	Área C. Aplicadas	Área C. Aplicadas
Área C. Sociais	Área Instrumental	Área C. Biológicas
Área C. Biológicas	Área C. Biológicas	Área Instrumental

- Fixa-se um total de horas por área por ano. Isto permite uma maior flexibilidade para o desenvolvimento de cada tema e adaptação a cada região.

- As áreas de estudo de cada área se distribuem nas três situações de aprendizagem que se consideram fundamentais dentro do sistema:
 - Atividades do Plano de Estudo;
 - Trabalho de aula;
 - Trabalho na estadia em casa. (na propriedade).

- Durante o tempo de trabalho junto à família, planificam-se os horários para as atividades que têm relação direta com a Formação Programada. Consideramos, realmente, que todo o tempo passado com a família e na comunidade é tempo de formação. Mas a planificação de tempos mínimos permite avaliar se se cumpre com as exigências básicas da Alternância.

IX — SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO EDUCATIVO

9.1. Introdução:

9.1.1. Por que avaliar?

— O ALUNO DEVE PODER AVALIAR SEU TRABALHO:

- em termos de eficiência: a respeito da realidade que o rodeia, quais seus conhecimentos utilizáveis, suas aptidões, suas atitudes?
- em termos de progresso: durante um determinado período, um mês, um ano... como evoluiu?
- em termos de comparação: o homem chega ao conhecimento e ao aperfeiçoamento de si mesmo localizando-se em relação aos outros.

— O GRUPO DE ALUNOS DEVE PODER AVALIAR SEU TRABALHO, enquanto grupo, nos mesmos termos: a necessidade de viver e trabalhar em grupos atualmente é imperiosa. E o grupo se maneja como entidade, não como a simples soma dos indivíduos que a compõem.

— OS EDUCADORES DEVEM PODER AVALIAR O TRABALHO DOS ALUNOS, AO MESMO TEMPO INDIVIDUALMENTE E ENQUANTO GRUPO. Por um lado, para ajudá-los de modo eficaz. Por outro lado, para corrigir suas próprias deficiências, que vão se encontrar projetadas nas deficiências dos alunos.

— EDUCADORES E ALUNOS (estes últimos conforme seu grau de maturidade) devem poder avaliar:

- O Plano de Formação: seus fins, objetivos, métodos, conteúdos, correspondem ou não às situações concretas, no tempo e no espaço?
- Sua execução, com as dificuldades nesta encontradas;

— As estruturas:

- . nas pessoas: características dos alunos, dos educadores;
- . no material: locais, material educativo;
- . na organização: regulamentos, papéis, reuniões; duração da formação, alternância, horários, que grau de adequação têm com o Plano? E com a realidade?

— O AMBIENTE EDUCATIVO, determinado por um conjunto de condutas dos educadores, dos alunos, das famílias, da comunidade.

— A APEFA, assessora e coordenadora da EFA, deve poder avaliar todos os aspectos acima descritos.

— O ESTADO, por intermédio da Administração habilitada, deve poder avaliar o grau de adequação da educação com as necessidades de uma Política Nacional Educativa.

9.1.2. - DIFICULDADES DA AVALIAÇÃO:

Esta avaliação, necessária, do esforço educativo participa de toda a complexidade que caracteriza o homem. Sobretudo desde os vinte últimos anos, demonstrou-se com evidência as falhas nos sistemas atuais. Mas esta constatação provocou simultaneamente reações piores ainda em seus efeitos: a ausência de avaliação (a pessoa seria uma realidade não avaliável) ou sistemas modernos, que querem ser mais objetivos, mas encaixam à pessoa num estreito limite.

Encontramos as dificuldades:

- no que se avalia;
- nos modos de avaliar;
- nos objetivos da avaliação.

— No que se avalia:

- Em geral as avaliações medem somente os graus de êxitos ou fracassos dos alunos. Mas, como localizar tais êxitos ou fracassos, se não se mede, simultaneamente e em relação com o plano de formação, sua aplicação, as atuações dos professores e todas as outras condições da educação?

A educação deve promover um crescimento do homem total, mas a avaliação se efetua geralmente sobre uma pequena parcela do homem; por exemplo: a memória, a expressão oral ou escrita, e, no melhor dos casos, a vida intelectual. Podemos concluir que uma boa avaliação deve abarcar todos os aspectos do homem.

O processo de crescimento deve realizar-se no homem como integração, construção de uma unidade. Uma avaliação que se faz sobre características isoladas e parciais (por exemplo: conhecimento de tal regra de matemática, aptidão para tal espécie de trabalho manual...) dará uma idéia parcial e, portanto, falsa, do crescimento.

Por consequência, a avaliação deverá ter critérios de relação (p. ex.: um conhecimento em matemática e a aptidão para utilizá-lo em outros cursos, numa situação real...).

Cada pessoa tem suas características próprias e suas modalidades específicas de desenvolvimento. Por exemplo: João vai crescer mais por meio de aptidões práticas. Paulo vai se desenvolver por sua capacidade de abstração, Luís, por seu sentido artístico, etc. Uma avaliação realista deve levar em consideração estes diferentes caminhos possíveis, valorizá-los igualmente e não selecionar uma característica única (p. ex.: a aptidão para abstrair) como se fosse a única forma de inteligência. A mesma observação vale para os ritmos de crescimento: tal como o crescimento físico, o crescimento intelectual, não é uniforme em todos. Tal aluno será capaz de abstrair um ou dois anos mais tarde que o outro. Um aparente "atraso" (que pode significar maior amadurecimento) pode ser verificado numa região, num grupo social integral. O sistema de avaliação deverá, conseqüentemente, levar em consideração as diferenças de ritmos.

— Nos métodos e instrumentos de avaliação:

Para chegar a seus fins, a avaliação deve dispor de métodos e instrumentos objetivos. Neste campo os riscos são os seguintes:

- As pessoas que avaliam, se não tiverem uma instrumentação suficiente e a obrigação de utilizá-la, irão emitir juízos subjetivos. Por exemplo, a avaliação vai refletir:

- o estado de cansaço ou de saúde do avaliador;
- seus sentimentos a respeito do aluno;
- sua própria concepção sobre o avaliado;
- ou, simplesmente, suas impressões de momento.

- O mesmo acontecerá com as pessoas avaliadas, os alunos. Na ausência dos meios adequados de avaliação, ela pode refletir:

- seu estado de cansaço ou de saúde;
- sua facilidade mais ou menos grande para expressar-se frente ao avaliador;
- sua ansiedade pelo resultado do exame, etc.

- Os indicadores (pontos de referência) podem ser:

- demasiadamente imprecisos: se ponho a nota "6" numa prova de castelhano, que define esta nota? A gramática? A ortografia? A riqueza do vocabulário? A elegância do estilo?, etc. Assim pôde-se deduzir a necessidade de indicadores suficientemente precisos e analíticos;
- demasiadamente limitados em seus objetivos. Geralmente, é o defeito das "provas objetivas". Tomaremos dois exemplos para ilustrar tal limitação:

a) Responder SIM ou NÃO, marcar a resposta não-correta, etc. Esta espécie de provas apela sobretudo à memória, desfavorece a expressão, a criatividade, a síntese.

b) UMA LISTA DE CONTROLE NUMA AVALIAÇÃO DE GEOGRAFIA, CITADA COMO EXEMPLO NUM LIVRO SOBRE A AVALIAÇÃO:

- localização correta de determinado rio num mapa;
- localização de sua nascente;
- localização de seu percurso;
- localização da desembocadura.

Seguem, nesta lista, onze indicadores da mesma espécie. Outra vez, esta lista de controle mede a memória, não a compreensão profunda da geografia, que deve levar à possibilidade de utilizar os conhecimentos adquiridos.

- Os métodos podem por o aluno em situação passiva ou de defesa: OBJETO da avaliação e até em situação de acusado frente a um tribunal. Uma avaliação correta deve localizar o aluno como SUJEITO de sua própria avaliação, e em situação de pesquisa.

— OBJETIVOS DA AVALIAÇÃO:

Na mente dos professores, alunos, pais, de uma determinada sociedade, os processos de avaliação podem representar:

- um problema de sorte ou de azar;
- um meio para passar para o próximo ano;
- uma gratificação ou um castigo;
- ou um meio de progressão humana total.

É evidente que, conforme o enfoque escolhido, a prática e os resultados da avaliação variarão totalmente, quaisquer que sejam as técnicas empregadas.

9.1.3. Levando em consideração estes problemas, a APEFA elaborou um sistema de avaliação próprio:

- concorde à especificidade da EFA;
- ao mesmo tempo bastante preciso, como deve sê-lo para servir como um instrumento de conduta da aprendizagem e bastante operacional para ser utilizado por alunos, monitores e famílias.

9.1.4. O sistema de avaliação deve permitir averiguar, controlar e corrigir:

- a coerência interna da ação educativa, isto é, o grau de coincidência entre fins, objetivos e prática, com também os resultados;
- sua coerência externa, isto é, o grau de adequação com:
 - o diagnóstico que foi a origem de tal formação;
 - a análise do perfil da pessoa formada;
 - a atuação das pessoas formadas.

Em ambos os setores, a avaliação deve poder fixar o ou os pontos fracos ou errados, permitindo uma correção adequada.

9.1.5. As avaliações devem medir nos alunos a OPERACIONALIDADE da aprendizagem, isto é, os conhecimentos, aptidões e atitudes INTEGRADOS EM CONDUTAS FRENTE A SITUAÇÕES REAIS:

- em primeiro lugar, as condutas que deve alcançar a aprendizagem são da pessoa total, integrando os campos cognosciti

vos, afetivos e psicomotores. Avaliar um único campo, ou privilegiá-lo, ou avaliar cada campo ISOLADAMENTE, como se cada um deles pudesse gerar condutas, é um erro psicológico grave, e que por sua vez provoca erros idênticos, nos objetivos da aprendizagem. Além disso, terá como resultado, no nível da aprendizagem, a não integração dos conteúdos pelo aluno, e, a nível deste, sua não-integração como pessoa;

- em segundo lugar, a aprendizagem é para a vida real, não para o programa, o professor ou a escola, e a avaliação deve averiguar os resultados da aprendizagem frente a tal realidade. No caso contrário, a aprendizagem provoca DESADAPTAÇÃO, a respeito da vida, em vez de preparar, como é o seu papel, para a vida.

9.1.6. - Para ser utilizável, o que foi constatado na avaliação deve ser expresso de modo conciso e preciso: a QUALIFICAÇÃO. Um sistema de qualificação deve visar duas características:

- Objetividade: Expressar, sem ambiguidade e com suficiente precisão, o grau de presença das características que se querem alcançar no processo educativo;
- Operacionalidade: Indicar, de modo claro, aos educandos e educadores, o que foi alcançado, as deficiências, a amplitude e a direção do esforço realizado ou necessário.

O sistema vigente, baseado numa nota de 0 a 10, por período e matrícula, é unanimemente considerado muito deficiente:

- Faltam critérios, ou estes variam conforme os educadores: que tipo de pessoa queremos educar? Para que sociedade? Que é educação?
- Os objetivos: ou se reduzem a cumprir o programa, ou não existem, mas falta relacioná-los com critérios, ou então o sistema de qualificação os tornam inúteis.
- Tal sistema de qualificação tem dois defeitos:

- Dentro do mesmo trabalho, avalia, sem distinguir, características totalmente diferentes, tais como: memória, imaginação, capacidade para abstrair, etc.
- A escala de 0 a 10, embora os números dêem aparência de rigor, não responde a nenhum critério definido.
- Estas deficiências tiram quase toda a operacionalidade à qualificação como instrumento para dirigir o trabalho do educando e do educador, e para medir o grau alcançado dos objetivos.

O sistema de avaliação e qualificação da EFA representa uma tentativa de alternativa a este sistema. Seus elementos são:

- a explicação dos critérios e do modelo projetado. (Perfil do matriculado) nos capítulos 1, 2 e 4 do presente Plano;
- A elaboração de objetivos que transformam em metas realizáveis, critérios e modelos (capítulos 3, 5, 6, 7, 8 e 9 do Plano).
- Uma escala de qualificação por conceitos que definem com suficiente precisão o grau de alcance de cada objetivo (definida em 9.6.4.3. do presente capítulo).

A oportunidade que representa o sistema EFA como contribuição a uma mudança no sistema vigente, se acharia em muito comprometida, e talvez aniquilada, no caso de misturar os dois sistemas. Com efeito, tal mistura, caracterizada pelo fato de reduzir tudo o que foi avaliando em médias de 0 a 10, anula todo o trabalho anterior.

9.1.7. - A PROMOÇÃO:

O processo educativo concebido em duas dimensões (ver capítulo 7); PROCESSO DE FORMAÇÃO, a partir do desenvolvimento evolutivo, e PROCESSO DE APRENDIZAGEM, que tem como eixo o conteúdo temático das diferentes áreas, explica a modalidade deste sistema de promoção.

O aluno estará em condições de ser promovido se tiver alcançado o nível correspondente de maturidade em seu processo de formação, expresso nos objetivos do ano.

Pode acontecer, porém, que por seus antecedentes escolares ou por uma especial dificuldade numa área de estudos determinada, não alcance o nível correspondente aos objetivos dessa área. Neste caso seu PROCESSO DE APRENDIZAGEM terá necessidade de um reforço ou plano de recuperação individual para chegar ao nível exigido. Mas isto não obstaculiza seu PROCESSO DE FORMAÇÃO, pelo qual, no caso de não ter sido satisfatório o rendimento nos planos de recuperação de dezembro a março, poderá continuar sua formação no ano seguinte e participar, como ouvinte, das áreas de estudo nas quais não foi aprovado.

9.2. - OBJETIVOS DO SISTEMA DE AVALIAÇÃO E QUALIFICAÇÃO:

9.2.1. - Aquisição, em cada aluno, da capacidade para avaliar seu processo de aprendizagem:

— em termos de eficácia, a respeito da realidade que o rodeia, ao ofício para o qual está se preparando;

— em termos de progresso.

9.2.2. - Aquisição, em cada aluno, da capacidade para avaliar-se como pessoa e ser social, autônomo e ser interdependente.

9.2.3. - Aquisição em cada grupo de alunos trabalhando num mesmo curso, da capacidade para avaliar seu processo de aprendizagem ENQUANTO GRUPO.

9.2.4. - Aquisição em cada grupo de alunos trabalhando num mesmo curso da capacidade para avaliar-se como grupo solidário dentro da sociedade.

9.2.5. - Aquisição em cada aluno e grupo da capacidade para avaliar os fatores externos que influem sobre sua educação: monitor, âmbito humano, plano de estudo, organização, vida material.

9.2.6. - Possibilidade para os monitores de medir e avaliar em seus alunos o processo de aprendizagem, de personalização e de socialização, pa-

ra uma observação eficaz de cada aluno e do grupo, para detectar e corrigir suas próprias falhas, as do plano de formação e as das estruturas organizativas e materiais.

9.2.7. - Possibilidade para os monitores de avaliar o grau de adequação entre suas condutas como educadores, os fins e objetivos da educação nas EFA, e os resultados conseguidos, a nível individual, e a nível da equipe de monitores.

9.2.8. - Possibilidade para os monitores de avaliar o grau de adequação entre sua tarefa docente, os fins e objetivos da aprendizagem nas EFA e os resultados conseguidos, a nível individual e a nível da equipe de monitores.

9.2.9. - Possibilidade para os monitores de avaliar o grau de adequação entre:

- o plano de formação e sua realização concreta;
- as características e as necessidades da região;
- os fins e objetivos das EFA;
- os resultados conseguidos.

9.2.10. - Aquisição da capacidade, pelos pais de família, pela comunidade, pela associação responsável, cada um segundo sua responsabilidade própria, de avaliar:

- as características e as necessidades da região;
- o processo de aprendizagem dos alunos;
- seu crescimento pessoal e social;
- a atuação dos monitores;
- o plano de estudo e sua realização concreta.

9.2.11. - Integração do sistema de avaliação próprio às EFA no sistema regulamentário de qualificação e promoção vigente na República.

9.3. - CAMPO QUE AGRANGE A AVALIAÇÃO:

A avaliação nas EFA abrange todo o processo educativo, com cada um de seus elementos, a saber:

- A) O Processo de educação e aprendizagem de cada aluno, que serve como base para o sistema de avaliação e promoção;
- B) As características do grupo de alunos;
- C) As características da equipe educadora;
- D) A formação programada;
- E) A organização do ambiente educativo;
- F) A associação e as famílias;
- G) A organização material das EFA;
- H) A administração das EFA;
- I) As relações das EFA.

9.4. CRITÉRIOS, MODELOS DE REFERÊNCIA, OBJETIVOS OPERACIONAIS

A avaliação compara os resultados alcançados na aprendizagem com um padrão que compreende, respectivamente:

- critérios,
- modelos de referência,
- objetivos operacionais.

9.4.1. - Os critérios constituem a fundamentação dos modelos e objetivos. São três:

- O diagnóstico da situação do grupo humano que se educa (Capítulo I do Plano);
- A concepção do homem e de sua educação (Capítulo 2 do Plano);
- As contribuições da psicologia, sociologia e pedagogia em seu estado atual.

9.4.2. - Os objetivos direcionais (modelos de referência) são projetos coerentes e concretos, elaboração in termédia entre os critérios como fundamentação os objetivos operacionais como planificação e aplicação. Distinguimos:

- Os objetivos gerais da formação, que fixam as metas (capítulo 3 do Plano);
- O Perfil do Matriculado (Cap. 4 do Plano);
- As bases estruturais e metodológicas da EFA (Capítulo 6 do Plano).

9.4.3. - Os objetivos operacionais analisam, definem e planificam:

- os conhecimentos, aptidões e atitudes que se quer alcançar nos alunos durante seu período de formação (no parágrafo 9.3. do presente capítulo, corresponde ao título A).
- As características do ambiente educativo que permitem o anterior (no parágrafo 9.3., do presente capítulo, corresponde aos títulos B, C, D, E, F, G, H e I).

9.4.3.1. - Os conhecimentos, aptidões e atitudes que se querem alcançar no aluno, se encontram no Plano de Formação nos seguintes capítulos:

- Cap. 5: Objetivos da modalidade;
- Caps. 7, 8 e 9: objetivos por ano, área e frequência.

Para adequar tais objetivos à realidade da região e às modalidades de progresso dos alunos, os Monitores fixarão cada ano seus objetivos por curso, área e matrícula, respeitando os objetivos do Plano.

9.4.3.2. - As características do ambiente educativo correspondentes aos pontos B, C, D, E, F, G, H e I do parágrafo 9.3., se avaliam conforme os objetivos operacionais, fixados pelas equipes das EFA, respeitando os critérios e modelos de referências expressos nos capítulos 9.4.1. e 9.4.2. do Plano.

9.5. - SÃO ESTES OS AGENTES DE AVALIAÇÃO:

- Os alunos, sujeitos de sua própria educação;
- A comunidade educativa, meio de inter-educação, representada pelas famílias e pela Associação;
- O diretor, responsável da planificação, execução e controle das operações de avaliação;
- a APEFA, responsável da assessoria da ação educativa;
- A Entidade Administrativa, responsável da supervisão, que promove e faz respeitar os critérios e normas definidos pelo Estado.

Cada agente atua conforme o papel que lhe corresponde, definido mais amplamente num Regulamento do Processo de Planificação e Avaliação, aprovado pela Entidade Administrativa, que se pode modificar segundo a Regulamentação vigente no país.

9.6. - AVALIAÇÃO DE EDUCAÇÃO E APRENDIZAGEM DE CADA ALUNO, E SISTEMA DE QUALIFICAÇÃO E PROMOÇÃO.

9.6.1. - Devemos distinguir:

- As avaliações-indicadores, que servem unicamente para o acompanhamento do aluno.
- As avaliações-indicadores, que servem unicamente para o acompanhamento do aluno, e como fundamentação do sistema de qualificação e promoção.

9.6.2. - As avaliações-indicadores são:

- 9.6.2.1. - A avaliação de entrada, que leva o número "0", permite determinar o perfil do aluno em seu ingresso na EFA.

Suas características são as seguintes:

- Data e duração: primeira semana de curso na EFA, primeira estadia na propriedade.

— CONTEÚDO:

- Provas de castelhano, matemática.
 - Trabalho realizado pelo aluno durante sua primeira estadia na propriedade. Tema: conhecimento e participação do aluno na sua propriedade durante a estadia.
 - Entrevista.
 - Observações da Equipe de Monitores sobre o aluno durante sua primeira semana.
- Sistema de elaboração, avaliações e qualificações das operações : igual ao das avaliações de qualificação e promoção.
- Sistema de registro: As qualificações e seus comentários se registram:
- Na linguagem pessoal do aluno (ver 9.6.5.6.).
 - Na linguagem "avaliação" da EFA (ver 9.6.5.6.).

9.6.2.2. - Os exercícios de acompanhamento:

Os exercícios são atividades integradas ao processo de educação e aprendizagem; têm por objetivo averiguar o grau de assimilação, a capacidade de relação ou aplicação, num determinado campo do plano de formação. Podem comportar trabalhos materiais ou intelectuais, exposição escrita ou oral, que se realizam na EFA ou fora dela. São planejadas pelos monitores. Sua avaliação está organizada pelos monitores. Podem-se ou não utilizar os instrumentos e métodos de avaliação previstas para qualificação e promoção. Podem-se realizar autoavaliações individuais ou grupais. Os exercícios são guardados na pasta do aluno.

São 6 (seis) avaliações, que levam os números de 1 a 6, que se desenvolvem nos seguintes períodos:

9.6.3. - Avaliação de qualificação e promoção:

- 1) Em meados do período letivo (1º ano);
- 2) Ao finalizar o curso letivo (1º ano);
- 3) Em meados do período letivo (2º ano);
- 4) Ao finalizar o curso letivo (2º ano);
- 5) Em meados do período letivo (3º ano);
- 6) Ao finalizar o curso letivo (3º ano).

Cada avaliação representa uma síntese do período avaliado. Algumas de suas atividades podem ser distribuídas durante tal período, e, conforme a regulamentação fixada entre a Atividade Administrativa e a EFA.

9.6.4. - Conteúdo de cada avaliação de qualificação e promoção:

- a) Plano de Estudo.
- b) Atividades Práticas.
- c) Provas relativas aos conteúdos estudados durante o período avaliado.
- d) Pasta do aluno.
- e) Entrevista individual.
- f) Perfil Pessoal do aluno.
- g) Informe de investigação, na avaliação número 6.

9.6.5. - Sistema de qualificação:

9.6.5.1. - Fundamentação:

Na procura de uma alternativa ante os sistemas atuais (ver 9.1.2.), seus elementos são:

- a explicação de critérios e objetivos direcionais, como pontos de referência (ver caps. 1, 2 e 4 do Plano);
- a elaboração de objetivos operacionais, que traduzem em metas concretas e limitadas os critérios e objetivos direcionais (caps. 3, 5, 6, 7, 8 e 9 do Plano);
- Uma escala de qualificação por conceitos que definem com suficiente precisão o grau de alcance de cada objetivo (definida em 9.6.4.3. do presente capítulo).

A oportunidade que representa o sistema EFA como contribuição a uma mudança no sistema vigente, se encontraria muito comprometida, senão aniquilada, no caso de misturar os dois sistemas. Com efeito, tal mistura, caracterizada pelo fato de reduzir tudo o que foi avaliado em médias de 0 a 10, anula todo o trabalho anterior.

Partindo deste fato, propõe-se que a qualificação mediada de 0 a 10 não entre no sistema de qualificação da EFA, mas que se utili-

ze UNICAMENTE para cumprir os requisitos regulamentares mínimos, previstos de acordo com a Entidade Administrativa Responsável, conforme uma escala fixada com a mesma.

9.6.5.2. - O qualificado:

Em cada avaliação, qualificam-se os objetivos planejados para o período a ser avaliado. Os Monitores constroem os indicadores correspondentes aos objetivos.

9.6.5.3. - Os instrumentos utilizados são:

- Os objetivos classificados em 4.1. do presente Plano de Estudo;
- As tábuas de avaliação elaboradas pela APEFA.

9.6.5.4. - Os conceitos escolhidos, representados por letras, para maior operacionalidade, são:

<u>LETRA</u>	<u>CONCEITO</u>
A	Presença ótima da característica buscada.
B	Presença normal da característica buscada.
C	Limite do aceitável
D	Presença insuficiente
E	Ausência.

9.6.5.5. - A tradução das qualificações por objetivo e conceito em médias de 0 a 10 se fará conforme uma mecânica estabelecida entre a Autoridade Administrativa e as EFA, de acordo com a regulamentação vigente.

9.6.5.6. - Registro das qualificações: as qualificações que servem para o sistema de qualificação e promoção dos alunos da EFA se registram em 4 (quatro) lugares:

- na linguagem de avaliação da EFA;
- na linguagem individual do aluno;
- no registro anual de qualificações e promoção da EFA;
- No livro de matrícula de cada EFA.

9.6.6. - Sistema de Promoção:

O Sistema de Promoção, estabelecido de acordo com a autoridade educativa, evita restabelecer dentro do sistema EFA os inconvenientes das notas de 0 a 10 e das médias. A Promoção se fundamenta sobre o alcance dos objetivos definidos no Plano em cada área, atividade e campo avaliados.

Prevê-se, porém, com a autoridade educativa, um mecanismo de transformação do Sistema de Qualificação e Promoção que rege na EFA, e no Siste vigente no país, cada vez que o necessitar o Sistema de Equivalência.

Em caso de falha do aluno em relação ao alcance dos objetivos, os passos a seguir serão os seguintes:

- a) Se as falhas se constatarem nas avaliações realizadas no decorrer do ano, isto é, 1, 3 e 5, analisam-se com o aluno tais falhas, suas possíveis razões, suas soluções. Durante o período que segue, os Monitores o seguem especialmente naquilo que diz respeito aos pontos fracos.
- b) Se as falhas se constatarem no fim do ano, o aluno não pode ser promovido sem novamente realizar provas que mostrem o alcance dos objetivos anteriormente deficientes. O processo é o seguinte:

Na entrevista de fim de ano, assinala-se ao aluno suas falhas, o caminho possível para recuperar-se, e elabora-se com ele um PLANO DE RECUPERAÇÃO INDIVIDUAL-DIRIGIDA para chegar a realizar novas provas:

- em dezembro, trata-se de falhas pouco importantes;
- em março, imediatamente antes da matrícula para o ano seguinte, trata-se das deficiências mais importantes.

- c) Em caso de não aprovar-se em dezembro ou março, o aluno pode continuar o curso seguinte como OUVIENTE, sempre e quando o Conselho de Administração, a partir de informações da Equipe de Monitores, considerar que sua presença não atrapalha a educação e a aprendizagem dos membros do curso.

Caso contrário, o Conselho pode considerar que as características mostradas pela avaliação constituem um fator negativo para o grupo, e pedir que não assista como ouvinte. Em ambos os casos, o aluno poderá apresentar-se de novo nas avaliações nas quais falhou, no momento em que estas se realizarem.

d) Se a não-realização se apresenta em fins do 3º ano:

- o aluno não pode continuar mais a formação prevista no Plano;
- Pode apresentar-se para prestar contas nos períodos de avaliação correspondentes às matérias e atividades nas quais não foi aprovado.

9.7. - Avaliação das características do ambiente educativo:

9.7.1. - Períodos de avaliação:

São os mesmos que os períodos de avaliação, de qualificação e promoção.

Em cada fim de ano se fará uma avaliação de síntese do ano.

9.7.2. - Agentes da avaliação:

A participação dos alunos e famílias será a maior possível, levando em consideração o grau de informação, formação, maturidade, diferentes conforme as situações.

A Equipe de Monitores será a organizadora de tal avaliação. A APEFA, como assessor técnico, participará em cada avaliação de síntese.

O papel de cada agente na avaliação do ambiente educativo será definido por seu papel fundamental no processo educativo.

9.7.3. - Instrumentação:

As operações de avaliação do ambiente educativo serão planificadas conjuntamente pelo Conselho da EFA, a Equipe de Monitores e os alunos, antes da primeira avaliação de cada ano.

Os instrumentos utilizados serão os seguintes:

- O Plano de Estudo das EFA, como ponto geral de referência;
- Os instrumentos de avaliação elaborados pela APEFA.

9.7.4. - Em fins de cada ano se redigirá uma síntese apresentada aos alunos, Conselho de Administração da EFA e Equipe de Monitores.

9.7.5. - Registro das avaliações do ambiente educativo: As tábuas e informações relativas a tais avaliações serão registradas na "Linguagem de avaliação da EFA".

9.7.6. - Utilização:

O conjunto das avaliações do ambiente educativo e sua síntese servirão como base para todas as propostas de reajuste ou modificação na prática educativa e no Plano de Formação da EFA.

REFLEXÕES DE SÍNTESE

Um Plano de Formação se limita, logicamente, ao essencial. Por isso, acrescentamos, em forma de síntese, quatro capítulos que não entram diretamente no Plano, mas que permitem entendê-lo melhor:

10. Dinâmica do Processo Educativo na APEFA.
11. A Formação dos Monitores da EFA.
12. EFA e Cultura Popular.
13. Uma Educação para a Reflexão e o Compromisso.

10. DINÂMICA DO PROCESSO EDUCATIVO NA APEFA:

O processo educativo na EFA quer ser uma permanente caminhada, cujos elementos são:

- a) Um diagnóstico, que nos mostre ONDE ESTAMOS AGORA, enquanto sociedade (cap. 1);
- b) Um projeto educativo (cap. 2) que se refira à idéia que a APEFA tem sobre o homem e a sociedade, e constitui como que a bússola do processo;
- c) O perfil da pessoa em formação ao termo do período planejado (cap. 4). Com efeito, a pessoa está "em formação" de modo permanente. Mas o Plano de Formação da EFA cobre apenas um período determinado. O esboço do "Perfil do Matriculado" da EFA se refere a um momento numa dada evolução. Permite fixar objetivos, estruturas e métodos que concorram para traçar e percorrer parte do caminho que representa o tempo de formação na EFA;
- d) Os objetivos da modalidade (cap. 5) são a tradução operacional do perfil. São mais um elemento formal exigido para a planificação que uma nova contribuição. Com efeito, de algum modo, repetem o perfil. Este diz: "temos que conseguir tal coisa", e os objetivos da modalidade repetem: "vamos conseguir tal coisa".

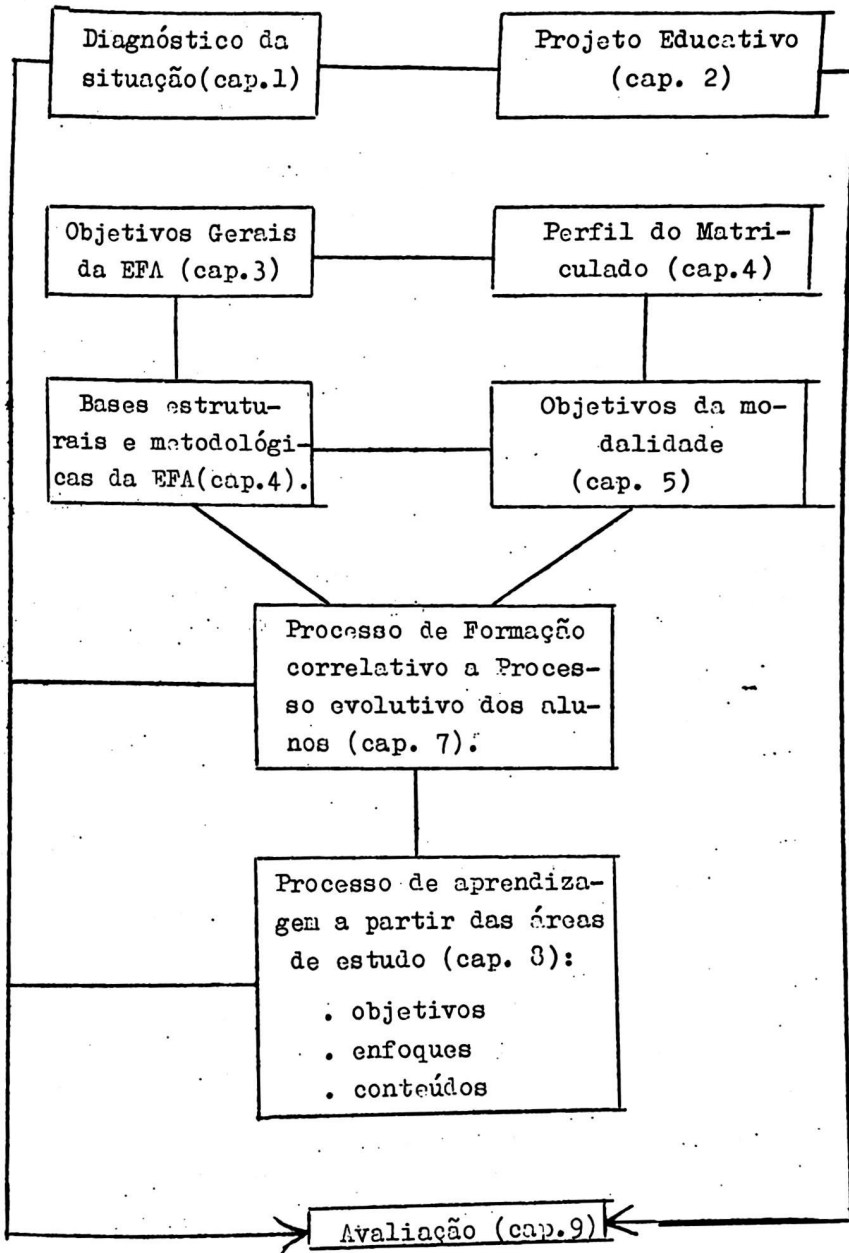
- e) Os objetivos gerais da FFA (cap. 3) e as bases estruturais e metodológicas da mesma: os capítulos 1, 2, 4 e 5 se referem ao caminho que condiciona a caminhada. O primeiro indica as características que se querem conseguir, o segundo as modalidades concretas da realização;
- f) Sobre este campo anda uma pessoa concreta: adolescente rural, que vive na Argentina, em 1974. Durante seus três anos de formação na FFA, irá conhecer um processo de desenvolvimento. Em seu capítulo 7: "Processo de formação relativo ao processo evolutivo dos alunos", o Plano procura ver como acompanhar a este aluno concreto em sua caminhada;
- g) Educação é também aprendizagem; descobrir, entender, entregar novas contribuições. Isso supõe:
- Escolher o "ponto de vista" que nos interessa (enfoque);
 - fixar os objetivos;
 - escolher os conteúdos.

Foi o que procuramos realizar no capítulo 8.

- h) Chega o tempo da REALIZAÇÃO do processo, instrumentação de tudo o que foi planejado, como uma imagem de adaptação e criação que deve ser muito ampla;
- i) A avaliação (capítulo 9) confronta: planificação, relação e resultados.

(ver gráfico a seguir).

DIAGRAMA DA ELABORAÇÃO E UTILIZAÇÃO DO PLANO DE FORMAÇÃO:



As passagens acima expressas se dão em diferentes níveis de instituição:

10.1. - NÍVEL DE PLANIFICAÇÃO:

Os responsáveis pela APEFA propõem ao Ministério que dela cuida um Plano de Estudo: planificação e justificação do processo educativo. Neste, delimitam os grupos de alunos e analisam suas características psico-sociológicas. Definem os fins filosóficos e políticos da Instituição, e estudam as necessidades do futuro âmbito de vida e trabalho dos alunos, para esboçar o perfil do aluno a ser alcançado.

Estes elementos permitem elaborar objetivos. São de duas categorias; os primeiros dão as grandes direções da ação educativa, e chamá-lo-emos de "objetivos direcionais"; os outros dizem o que se tem que concretamente conseguir em cada etapa da aprendizagem: esses são "objetivos operacionais".

Os objetivos definidos devem prever a ação educativa: delimitar as áreas, seu enfoque, seu conteúdo, os métodos pedagógicos, o âmbito educativo, os horários, o ritmo, etc.

10.2. - O SEGUNDO NÍVEL É O DA REALIZAÇÃO DA PLANIFICAÇÃO NA EFA:

A Equipe de Monitores, a partir da construção do Plano de Formação de sua EFA ou de uma reunião de reflexão, adapta a planificação à região, isto é:

- confronta o diagnóstico geral com a realidade particular de cada aluno e grupo de alunos;
- adapta os objetivos direcionais, vendo aos quais se devem dar maior importância;
- adapta a planificação da ação educativa (em particular os conteúdos).

Cada Monitor, por sua vez, na prática educativa cotidiana, deve seguir o mesmo processo. Para cada etapa concreta da aprendizagem do aluno, tem-se que:

- aplicar o diagnóstico ou parte do diagnóstico;
- escolher a raiz desses objetivos operacionais;
- selecionar, conforme os objetivos:
 - . conteúdos com as idéias organizadoras;
 - . atividades da aprendizagem.

10.3. - A ESSA ALTURA DO PROCESSO COMEÇA A AVALIAÇÃO:

10.3.1. - O Monitor que compreendeu a pedagogia está em perpétua avaliação consigo mesmo; as reações do grupo de alunos na aula, os diferentes exercícios, permitem este controle permanente. Um controle mais organizado de seu curso se faz com as provas de avaliação.

10.3.2. - Por sua vez, a EFA pode avaliar o conjunto de sua educação, pois cada Monitor faz parte de tal avaliação.

10.3.3. - Por fim, porque cada EFA se está avaliando, a APEFA se pode avaliar (e criticar sua própria planificação).

10.4. - Então entramos de novo no nível da PLANIFICAÇÃO, para fazer os reajustes necessários. Por fim, o conjunto das avaliações é um novo diagnóstico para outra etapa da ação educativa. Temos, então, uma sucessão:

Diagnóstico — Objetivos — Ação Educativa — Diagnóstico — Ação Educativa — etc..., referindo-se constantemente à concepção da Educação na EFA.

PAPEL DE CADA MEMBRO DA INSTITUIÇÃO NO PROCESSO EDUCATIVO:

10.5. - O MONITOR:

10.5.1. - O Monitor não intervém diretamente na planificação (exceto se for chamado a um trabalho de reflexão), mas corresponde-lhe inteirar-se e compreender tal planificação.

10.5.2. A nível de realização, o Monitor PARTICIPA com sua equipe na adaptação da planificação da EFA. Mas seu papel mais importante é a nível de sua tarefa educativa diária. O Monitor cria a partir de diferentes recursos.

10.5.3. - Mas a partir de sua criação diária, pode avaliar, e, por isso mesmo, pode participar no reajuste da planificação; tem o peso daquele que experimentou um plano.

10.6. - OS PAIS DOS ALUNOS:

— Encontramos papel semelhante, dentro de seu próprio papel.

10.7. - AS EQUIPES TÉCNICAS DA APEFA:

Estão encarregadas da planificação, do pôr em andamento a execução, controle e interpretação da avaliação no conjunto da Instituição.

10.8. - APEFA, COMO INSTITUIÇÃO POLÍTICA AGRUPANDO AS TEFA:

Também intervém, ajudando, por suas orientações filosóficas e políticas, com o que permite fundamentar o perfil e realizar o diagnóstico.

REGRA DO JOGO EDUCATIVO:

Para que o mecanismo funcione devidamente, algumas regras devem ser respeitadas:

- 10.9. - Não confundir tempo de planificação e reajuste com tempo de realização. Durante o processo não se pode modificar o planificado.
- 10.10. - Uma vez repartidos os papéis de cada um, respeitá-los.
- 10.11. - Tal processo supõe, por parte de todos os membros da APEFA, a participação num processo de formação permanente. Na realidade, já é a parte motriz da formação permanente (ver gráfico a seguir).

PAPÉL DO
MONITOR NO
PROCESSO

COMPREENDE

PARTECIPA

CRIA

O aluno:
Um jovem
situado

PROCESSO EDUCATIVO

Perfil:
O homem
que que
renos
capaci-
tar

Planificação a nível de Instituição (Plano de Estudo): Sessão de Planificação. Equipe de assessoria.

Reciliação a nível da EFA (Plano de formação): Sessão: Reflexão Equipe Monitores

Monitor (cada etapa da aprendizagem)

Diagnóstico → Objetivos → Ação Educativa → Avaliação

Operacionais

escolha de métodos

Adaptação de Conteúdo Método, etc...

Avaliação da EFA

Avaliação plano de estudo da instituição

Confrontação do diagnóstico ou de uma sua parte a uma etapa concreta da aprendizagem

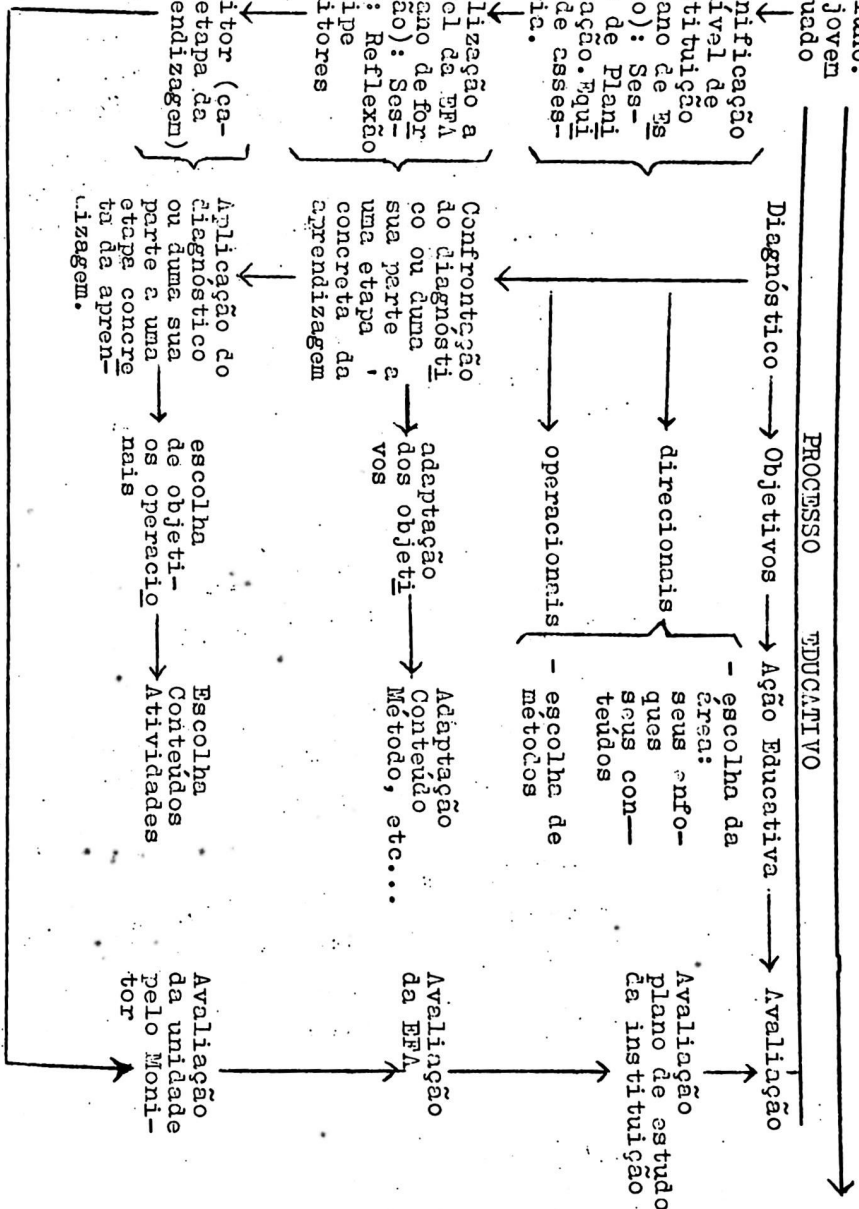
Aplicação do diagnóstico ou de uma parte a uma etapa concreta da aprendizagem.

escolha de objetivos mais

Escolha Conteúdos Atividades

Avaliação da unidade pelo Monitor

AVALIANDO
PARTICIPA
NO REALIZ
DO PL
NO DE ES-
TUDO



11. A FORMAÇÃO DOS MONITORES PELA EFA:

11.1. - Introdução:

Muitas são as reformas educacionais que fracassam - ou que nunca se aplicam pelo problema da formação inadequada dos professores encarregados de instrumentalizá-las. Não se leva sempre em consideração que tais professores foram formados no mesmo sistema que se pretende reformar, não só como técnicos da educação (formação pedagógica), mas também como pessoas humanas (bases humanísticas, normas, hábitos, etc). Qualquer mudança profunda em Educação supõe mudança profunda dos educadores. Por esta razão, pouco depois da criação das primeiras EFA, a APEFA, analisando este problema, decidiu criar um sistema de formação específica para seus docentes: os monitores.

11.2. - Especificidade da função de monitor:

O termo escolhido (monitor, e não professor) quer significar de algum modo a especificidade da função, que poderíamos caracterizar como:

- acompanhar e ajudar aos alunos a descobrir, aprofundar, expressar sua própria experiência e a de seu ambiente humano.
- acompanhar e ajudar a informar-se: obter informação, decifrar, entender, analisar, sintetizar.
- acompanhar e ajudar a relacionar os fatos entre si; o descoberto na vida e no ensino; as contribuições das diferentes matérias de ensino.
- acompanhar e ajudar a trabalhar, pessoal, livre e autodisciplinadamente;
- acompanhar e ajudar a dialogar, a trabalhar e a viver em equipe;
- acompanhar e ajudar a descobrir, familiarizar-se, localizar-se e a enfoc criticamente o mundo contemporâneo, com seus processos de integração social; a valer-se dos meios de comunicação, da ciência, da técnica e da economia; a enfrentar a mudança como fenômeno permanente.

11.3. - PERFIL E BASES METODOLÓGICAS DO PLANO DE FORMAÇÃO DE MONITORES:

O perfil humano e profissional necessário para cumprir com as tarefas de monitor da EFA descritas no capítulo precedente, não se pode alcançar apenas pela assimilação de um conteúdo adequado, desenhado segundo as normas clássicas: o monitor não é, por exemplo, um professor de ciclo básico que ensina matérias adaptadas ao meio rural.

Sua função é diferente. Espírito, objetivos, métodos e meios de sua formação devem adequar-se muito estreitamente com sua futura profissão. Portanto, a organização da formação se fundamenta sobre conceitos básicos, cuja exposição se necessita para entender o Plano de Formação.

11.3.1. - CAPACITAÇÃO PARA UMA PROFISSÃO:

Embora não exclua a possibilidade de mudança de profissão, a capacitação de monitor da EFA é de tipo "formação profissional". Tal escolha traz como consequência as seguintes características:

- O perfil da pessoa capacitada e o curriculum de formação procedem à análise mais rigorosa possível do "posto de trabalho" de monitor da EFA.
- Em consequência, formação e avaliação se farão em função de CONHECIMENTOS UTILIZÁVEIS, APTIDÕES E ATITUDES NECESSÁRIOS na profissão.
- O número de candidatos a formar está determinado em função das necessidades da EFA ou por outras possibilidades reais. No fim da formação a APEFA propõe um cargo de Monitor a cada matriculado.
- A seleção para o ingresso ao ICAM e as avaliações realizadas durante a formação se fazem em função das aptidões para a profissão, aptidões que têm ao mesmo tempo componentes intelectuais, afetivos e físicos.
- A seleção para a entrada deve ser suficientemente precisa e rigorosa para que a maioria das pessoas que iniciarem os estudos possam aceder à profissão se trabalharem normalmente.
- A formação inclui, em todo seu decorrer, estadias profissionais que permitam ao aluno situar-se em sua futura profissão.
- A profissão do aspirante se baseia nas aptidões para a profissão, verificadas no exercício da mesma e não apenas no nível de conhecimento.
- O compromisso de mútua aceitação ao iniciar-se a formação constitui um contrato moral entre o Instituto, o grupo de alunos e cada um deles.

Tais características devem eliminar vários fatores negativos bem conhecidos em todos os sistemas de formação, como indecisão quanto à escolha de uma profissão, alargamento indevido do tempo de estudo, falta de motivação e responsabilidade, individualismo, procura do diploma como fim em si mesmo.

A APEFA, portanto, considera que as deficiências na seleção e avaliação dos futuros monitores trarão consequências mais graves ainda, como deformações, insatisfação, e até fracasso no próprio Monitor, sobre o grupo de Monitores em formação e, mais para a frente, sobre toda a comunidade educativa que constitui a EFA.

Em consequência, o processo de seleção e avaliação não contempla de nenhum modo a mera profissão do aluno monitor como pessoa. Deve-se referir de modo bastante explícito ao perfil humano e profissional necessário para cumprir com a profissão.

11.3.2. - FORMAÇÃO PARA ADULTOS:

A formação para o Monitor da EFA requer uma suficiente naturalidade humana. Seleção e formação devem contribuir para alcançá-la:

- A seleção de matriculados em seus objetivos e métodos deve permitir' eliminar os candidatos que não tenham as condições básicas, nem as possibilidades de evoluir neste campo;
- Os alunos como indivíduos e como grupo, têm uma ampla responsabilidade de no andamento de sua formação e do Instituto.
- A metodologia da formação conta com uma maturidade já adquirida e em situação de progresso: a apelação à experiência de cada um, ao trabalho pessoal e grupal, à investigação, à consulta de documentos, têm mais lugar que o curso dado pelo corpo docente.
- Os conteúdos têm a mesma característica: mais que a memória, se desenvolve a compreensão, o sentido crítico, a metodologia.
- Uma parte importante da formação se faz fora do Instituto, através de experiências de convivências em diferentes situações: profissionais, sociais e culturais.
- Evita-se uma duração demasiadamente longa de estudos teóricos, o que conspira contra o compromisso, necessário para o adulto.

Correlativamente, a formação é de tempo completo e intensivo.

11.3.3. - A VIDA E A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COMO BASE DE FORMAÇÃO.

Chave da educação nas EFA, este conceito rege também a formação de Monitores. Será traduzido concretamente da seguinte maneira:

- O período de estudos que precede o ingresso na profissão é muito breve: um ano.
- Já, durante este primeiro ano, o Monitor realiza quatro estadias com uma duração de aproximadamente três meses e meio (sobre 10 meses de formação). Tais estadias, cujo enfoque é a integração do aluno à realidade do campo, seu descobrimento e sua análise, constitui um ponto de referência e relação para toda a formação.
- Durante o segundo ano, o aluno Monitor se encontra já em posição de residente numa EFA. Todas as bases pedagógicas, psicológicas e sociológicas que adquirirá durante este período, se apoiarão sobre sua experiência.
- O terceiro ano, chamado de especialização, representa uma investigação pessoal guiada sobre um problema profissional do Monitor.

Para a APEFA, este curso representa, na realidade, o PRIMEIRO ANO DE FORMAÇÃO PERMANENTE.

Os dois primeiros anos representam uma iniciação profissional que permite ingressar na profissão, LUGAR DE FORMAÇÃO.

11.3.4. - INTEGRAÇÃO DOS FATORES AFETIVOS:

Os fatores que não pertencem ao domínio cognoscitivo ou psicomotor, embora relacionados com ele, se agrupam atualmente sob o título genérico de "domínio afetivo", e são reconhecidos como decisivos para a realização pessoal, social e profissional do homem. Os planos educativos mais modernos, porém, lhes dão pouca importância, deixam-nos no capítulo da declaração de intenções, ou conseguem poucos resultados em sua prática educativa.

As razões desta carência nos parecem evidentes: a educação se reduz, em geral, a uma transmissão de saber, que tem pouca influência sobre o domínio afetivo; a escola, sistema ou parte da realidade, não pode favorecer um pleno desenvolvimento afetivo; a formação, e depois a profissão de docentes, obedecem às mesmas normas.

Tratando-se da formação de Monitores da EFA, consideramos indispensável uma vida afetiva rica e equilibrada.

Para concorrer ao alcance de tal objetivo podemos citar os seguintes meios:

- O perfil descreverá as características afetivas do Monitor;
- A seleção de entrada e as avaliações levarão em consideração tais características;
- As estadias proporcionarão experiências humanas fora da escola favorecendo a maturidade afetiva.

Permitirão, também, neste campo, avaliações mais objetivas que as que podem ser feitas apenas na escola.

- O compromisso mútuo que rege a formação, a responsabilidade do aluno em todo o andamento da escola, a metodologia do ensino, chamando constantemente ao aluno para uma reflexão e um trabalho pessoal e grupal não imposto, serão também elementos valiosos neste campo.
- Enfim, o internato permite organizar uma vida grupal muito mais ampla que a que se pode conseguir durante o trabalho intelectual.

A totalidade do tempo vivido no Instituto de Capacitação de Monitores — ICAM — é "tempo de educação" organizado enquanto tal. Esta vida grupal será avaliada a nível individual e grupal, pelos professores e pelos próprios alunos.

11.3.5. - FORMAÇÃO POR ETAPAS:

Consideramos que sempre se deve evitar no aluno uma confusão entre os diferentes aspectos de sua formação, que se transformarão uma nhã em setores diferentes de sua atividade docente:

Distinguiremos:

- Uma primeira etapa, de formação básica, que deve conduzir o aluno-monitor a localizar-se como homem e profissional ao serviço do mundo agrário e das profissões agro-pecuárias.

Tal etapa compreende:

- bases de cultura geral;
- bases científicas;
- bases técnicas;
- experiências do mundo agrário.

Esta se desenvolve durante o primeiro ano de formação:

- Uma segunda etapa, de formação pedagógica, preparação direta da tarefa docente de uma EFA (2º ano);

Uma terceira etapa, centrada principalmente sobre a investigação e experimentação, que constitui a iniciação da formação permanente (3º ano):

11.3.6. - FORMAÇÃO INTEGRADA:

Os conhecimentos intelectuais, aptidões para atuar, atitudes afetivas, constituem as partes de unidade da pessoa. Numa formação de tipo "distributiva" ou "acumulativa", cada parte pode ficar justaposta umas às outras. O Plano de Formação do Instituto de Capacitação de Monitores quer promover uma formação integrada, isto é, realizando tal unidade a nível metodológico. Constitui-se dos seguintes meios:

- O perfil que se contempla, não é o de um técnico que precisaria de um certo volume de conhecimentos e aptidões para cumprir sua profissão, mas também o de um educador, pessoa equilibrada e localizada.
- As avaliações também se referem a uma pessoa, medindo uma situação que requer uma integração entre contribuições intelectuais, afetivas e psico-motoras.
- Os trabalhos dos alunos terão sempre um conteúdo REAL, isto é, a estadia com o estudo que comporta: exercícios dos conhecimentos e aptidões adquiridas, necessidade de aquisição de novos conhecimentos e aptidões para informar-se ou produzir informações, raciocinar e criticar, localizar-se física e afetivamente.

11.3.7. - FORMAÇÃO DE UMA MENTALIDADE DE MUDANÇA:

A formação de Monitores será feita para uma situação evolutiva. Numa atuação de mudança, a pedagogia da EPA é uma pedagogia da mudança. Por isso são necessários Monitores capazes de adaptar-se e promover-se a mudança. A procura desta capacitação se fará através dos seguintes meios:

- a) Na avaliação de ingresso e no decorrer da formação se estará particularmente alerta ao processo de desenvolvimento de cada aluno.
- b) A formação estará mais orientada à investigação de um "saber que se está fazendo", que para uma memorização de um "saber acabado".

Isto por três meios:

- A aquisição de métodos de trabalho que permitam a investigação, a ação contínua e a expressão.

- A contribuição de bases científicas que esclareçam as realidades encontradas.
- Um tempo importante de experimentação e de investigação, não apenas no laboratório, mas no campo de ação.
- c) A formação básica pedagógica e de especialização será apresentada realizada como uma iniciação e se prosseguirá com sessões anuais trabalhos de investigação, realizando um processo de formação permanente.

12. EFA E CULTURA POPULAR:

A APEFA se considera não como um mero aperfeiçoamento da escola atual, mas antes como uma experiência de educação popular e comunitária; não só como uma formação profissional mais realista, mas também como contribuição à construção de uma verdadeira cultura nacional

Estas duas afirmações encontram sua expressão concreta nas seguintes orientações:

- 12.1. - Sua ação se dirige aos meios trabalhadores rurais; médios e pequenos produtores, peões, lenhadores, etc., como a um dos setores culturalmente mais marginalizados no país, mas potencialmente muito ricos para o surgimento de uma verdadeira cultura popular.
- 12.2. - Este campo de ação se deve às circunstâncias de sua criação. A APEFA considera que suas bases pedagógicas podem ser aplicadas a outros meios, como para trabalhadores da indústria, artesãos empregados, etc.
- 12.3. - A APERA, que atualmente trabalha com adolescentes e jovens num marco de escolaridade pretende ir mais além neste conceito e adentrar-se numa educação popular e permanente. Já, a partir de numerosas pesquisas, a APEFA está estudando a possibilidade de abrir dois novos setores de trabalho:
 - a formação permanente de ex-alunos das EFA;
 - a formação de adultos a partir de novos problemas profissionais e sociais.

Entre muitos pontos, podemos destacar como característica de uma educação popular, os seguintes aspectos:

- A educação, na APEFA, é um processo de tomada de consciência do vivido, a qual se apóia sobre a análise da realidade que rodeia ao jovem, e em seu próprio compromisso com tal realidade. Um ponto-chave de cada compromisso é a plena participação nas atividades produtivas
- O compromisso do aluno com sua realidade exige o compromisso dos docentes com a mesma. Sua formação, seu estatuto profissional, sua atuação devem expressar tal compromisso.
- Ao compromisso da escola em relação à vida, responde ao compromisso da vida em relação à escola. Por um lado, os alunos, pessoalmente e enquanto grupo, são os responsáveis e agentes de sua própria educação. Por outro lado, as famílias e a comunidade, organizadas na Associação da TFA, orientam, controlam e nutrem o processo educativo.
- A educação que se dá, pela ação, dentro e fora da escola, tem como objetivo a capacidade para uma ação refletida. Portanto, procuram-se os conhecimentos operacionais, os métodos, o saber-fazer, a capacidade para informar-se, continuar educando-se de modo permanente, e se rejeita, em todas as suas formas, ao saber enciclopedista, estático, acabado, puramente teórico.

Esclarecemos que entendemos por ação não o mero "método ativo", ação reduzida ao tamanho da escola, mas também à ação ordinária na própria realidade.

- Um dos traços que caracteriza - a nosso ver - a educação atual, é o divórcio entre a ação (que produz) e a palavra (que ordena). A escola é o lugar onde se faz, progressivamente, a separação entre os que sabem "fazer" (serão rejeitados, ou no melhor dos casos, "tecnificados" para um uso mais racional) e os que sabem "falar": estes terão o poder político.

Estamos, com efeito, convencidos de que "o poder pertence aos que possuem a palavra". Neste momento, os filhos dos "que mandam" já possuem as bases da linguagem, manejo de idéias, abstração, que exigem a mesma. Ao contrário, os filhos de trabalhadores (principalmente quando são rurais) sabem expressar-se (como seus pais), com o que fazem; a palavra fica ligada à ação, o que é, simultaneamente, riqueza e limitação.

Um dos projetos pedagógicos da APEFA, em relação a este problema central da expressão, será:

- Enfatizar a expressão da realidade, como PONTO DE PARTIDA da construção intelectual;

- instrumentalizar um conteúdo pedagógico indutivo: dos fatos aos conceitos, de particular ao geral, o que é, praticamente, um caminho posto ao da escola atual.
- A cultura, considerada, é o esforço permanente de um grupo humano observando, refletindo, criando ou transformando sua própria realidade: isto é, localizando-se, numa história e num espaço, e encontrando sua verdadeira personalidade. Neste sentido:
 - . a mera imitação de uma cultura alheia não é cultura, mas alienação cultural;
 - . a cultura é fabricada por seus protagonistas;
 - . a cultura abarca todo o fazer e do grupo social com todas as suas atividades, não só a vida intelectual ou estética.
 - . Toda cultura é popular, simultaneamente produzida pelo povo e notora do mesmo.

Nestas linhas, o esforço de educação da APEFA quer ser cultural, isto é, pretende abarcar simultaneamente o profissional, o social e político, o intelectual e o físico, o utilitário e o estético, acentuando o que for mais urgente numa determinada situação, mas sem nunca esquecer nenhuma realidade humana.

13. — UMA SITUAÇÃO PARA A ENTRETIÇÃO E PARA O COMPROMISSO:

13.1. — A PESSOA HUMANA

A APEFA, Movimento de Educação, tem uma idéia sobre a Pessoa Humana. Essa idéia, formada através de sua experiência e ainda em elaboração, é esta sua filosofia: irá querer permanentemente o seu agir.

— A pessoa é um ser vivo e algo que trabalha, come, dorme, tem filhos, ganha dinheiro e vive. No dia a dia, há máquinas muito aperfeiçoadas que fazem trabalhos certos quando são programadas, mas permanecem máquinas. No dia a dia, a pessoa é e se torna uma máquina mais aperfeiçoada.

É possível, tudo se faz, porque o quando reflete e decide vontade, isto é, não se contenta com o que no dia a dia se faz, nem se contenta com o que se faz, mas quer entender e agir por sua própria vontade e compromisso.

É possível, tudo se faz, porque o quando reflete e decide vontade, isto é, não se contenta com o que no dia a dia se faz, nem se contenta com o que se faz, mas quer entender e agir por sua própria vontade e compromisso.

Está situada num lugar geográfico com seus condicionmen-
tos: cidade ou campo; calor ou frio; planície ou montanha; humidade ou
seca. Esta situação a marca, faz que reaja duma certa maneira. Mas e-
la, por seu trabalho, modifica este meio físico. Está situada numa his-
tória: seus pais, todos os que a precederam, lhe transmitiram coisas
que fazem sua personalidade atual. Mas ela, por sua situação, faz a his-
tória. A Pessoa é simultaneamente condicionada e senhora do universo.

Nasce numa família, numa comunidade, que lhe ensina como fa-
lar, caminhar, comer, pensar. Descobre-se, toma consciência olhando os
outros, dialogando com eles. A Pessoa é ser social. É Pessoa porque vi-
ve em SOCIEDADE.

Quando age, descobre a realidade física e aos outros: experi-
menta; cria coisas novas, mas, ao mesmo tempo, cresce, se desenvolve,
cria-se a si mesma. A Pessoa se forma na AÇÃO. Age levada por uma for-
ça tremenda, muito complicada: desejo de sobreviver; de compreender; de
felicidade; procura de "algo" maior; mais para a frente. A Pessoa é um
dynamismo permanente. Por esta razão, a reflexão da ANTEPA sobre Educa-
ção não pode ser algo fixo, definitivo: é também dynamismo, uma corre-
te que nasce da prática diária.

13.2. - QUE É EDUCAR?

13.2.1. - Educar não é ensinar. É evidente a caducidade de todos os ca-
tecismos, como corpo de verdades definitivas que se tem que
ensinar e aprender. Quase todos estão hoje abandonados: os
catecismos religiosos, os cívicos (ultimamente Educação Democ-
rática em sua forma clássica), os catecismos morais. Mas é
também evidente que o abandono não corrige a caducidade. A cri-
se atual da Educação é, em boa parte, resultado destes dois
fatos: caducidade e abandono.

Ao mesmo tempo que o moralista afirma a autonomia pessoal co-
mo experiência imperiosa, o psicólogo da educação descobre que o ho-
mem "se forma", "aprende", "se educa". Os agentes exteriores: família,
docente, não são mestres mas, antes, "pedagogos". O conceito de educar
é substituído pelo de "educar-se".

Para nós, a educação será, simultaneamente:

- atenção ao homem concreto, rejeição de um voluntarismo destrutor;
- Tomada de consciência dos impulsos interiores e conformismo exteriores;
- Descobrimto e escolha de valores, concretizado num Projeto para o
Homem e para a Sociedade.

- Aquisição da capacidade para agir, construindo o Homem e a Sociedade que queremos.

Assim poderíamos definir a Educação como: Descobrinmento, reflexão e compromisso.

13.2.2. - Autonomia não significa isolamento. A pessoa se educa em e com sua comunidade. A educação é sempre inter-educação.

A EFA quer uma comunidade educativa, cujos membros: jovens, pais, monitores, sejam simultaneamente educadores e educandos.

13.3. - OS MEIOS DA EDUCAÇÃO:

13.3.1. - A pessoa se constrói, como dissemos, na Ação. A primeira preocupação da EFA será por os jovens e a Comunidade em condições de agir, sendo, assim, os agentes de sua própria educação.

13.3.2. - Mas tal Ação pode ser uma mecânica de condicionamento (mais forte que o ensino) se não for acompanhada pela reflexão e pelo espírito crítico.

13.3.3. - Ação e Reflexão necessitam de uma estrutura adequada. O Plano de Estudo mostra o que pretende ser a EFA como Estrutura Educativa. Tal estrutura poderia ser caracterizada pelos seguintes grandes traços:

- o jovem posto sistematicamente e permanentemente em atitude de interrogar descobrir, analisar.
- O diálogo jovens-família-Monitores, como condição necessária para cumprir com as exigências de formação.
- O trabalho e a vida em equipe durante a semana de aula, com suas exigências pessoais e grupais quanto ao manejo e disciplina própria.
- A tomada de distância que cada jovem realiza no que diz respeito de sua vida normal durante os períodos de aula.
- Tal tomada de distância é para nós um instrumento essencial para a reflexão.
- A possibilidade que cada jovem tem de experimentar, agora mesmo e na realidade, o que é expresso como teoria.
- O respeito à personalidade de cada jovem, a valorização de suas possibilidades e esforços, em todos os campos.
- A expressão pessoal, em todas as suas formas, como traço permanente da Formação.

13.3.4. - Podemos, porém, observar o seguinte:

- A Estrutura constitui a condição necessária, mas não suficiente, para a Educação;
- A Ação não apresenta muita dificuldade para adolescentes, mas não é necessariamente assim para Monitores e Famílias. Eles terão que fa-

zer um esforço permanente para não voltar à escola que conhecemos: a que ensina, afirma, impõe, e toma a ação e a vida como uma desordem.

- A reflexão é muito mais difícil porque compromete, e muito mais num Sistema Educativo como a EFA, onde tem relação direta com o agir, o que motiva ainda mais a atenção.

Examinaremos:

- O campo de tal reflexão;
- O método.

13.4. - SOBRE O QUE REFLETIR?

- 13.4.1. - Naturalmente, encontramos em primeiro lugar as interrogações dos jovens sobre si mesmos: vida afetiva, vida sexual. Ontem preferia ignorar-se tal fato. Hoje, muito frequentemente, tratam-se tais temas de modo um tanto superficial. O primeiro enfoque, então, seria: MINHA VIDA PESSOAL INTERNA: CONHECÊ-LA, DIRIGI-LA.
- 13.4.2. - A vida interna não é um fato isolado. Ao mesmo tempo que a vai descobrindo, o jovem encontra a interrelação. Mas, outra vez, não se pode ficar com alguns aspectos "mais fáceis" (falsamente) como são relação moça-jovem, amizade, etc. A reflexão na EFA deve permitir o descobrimento da VIDA SOCIAL TOTAL.
- 13.4.3. - Tal descobrimento desemboca logicamente sobre a organização da sociedade: O POLÍTICO: em que estamos?, que queremos?, por que?, para que?
- 13.4.4. - Toda reflexão supõe: referência a um SISTEMA DE VALORES, núcleo de toda ação. Isso significa que a reflexão sobre qualquer aspecto refletido: vida interna, social, política, deve acompanhar-se de uma reflexão sobre os valores.
- 13.4.5. - O descobrimento de valores é uma primeira fase. O jovem deve, durante o decorrer de sua formação, escolher, experimentar, construir-se um sistema de valores coerente e aberto.
- 13.4.6. - A maioria dos jovens e famílias que constituem as EFA se referem a um cristianismo muito frequentemente recebido mais que assumido, às vezes rejeitado, ao menos em suas formas tradicionais.

Há necessidade, e a pedido dos jovens e das famílias cristãs, de uma reflexão sobre sua fé religiosa. Pensamos que "

tal descobrimento deve, simultaneamente:

- Respeitar a autonomia do Fato Humano: condutas pessoais, ciais, políticas, valores.
- Mostrar que o cristianismo não tem padrões fixos, nem soluções feitas: exige reflexão e escolha nos três aspectos pressos acima.
- Pode-se agir, entretando, dando outro significado à História Humana, animando as condutas de dentro.

13.4.7. - Em síntese, a Educação na EFA deve permitir a todos uma reflexão e um compromisso livremente escolhido, ao máximo dos desejos e possibilidades de cada um, reflexão e compromisso simultaneamente autônomos e solidários.

13.5. - COMO REFLETIR: ELEMENTOS PARA UMA METODOLOGIA:

13.5.1. - O método. Nesta matéria o caminho pedagógico escolhido pela APTEFA pode ser assim traduzido:

- a) O que acontece? Onde estamos?: - redescoberta de nossa situação.
- b) Quais são os critérios e métodos que me permitem refletir e escolher?
- c) Que escolho? Qual é a minha própria posição? Meu compromisso? E, por que?

13.5.2. - Os autores da Reflexão:

São, é claro, em primeiro lugar, os jovens em formação, como grupo e como pessoa. Mais que nos outros campos, contudo, trata-se aqui de uma inter-educação, na qual se necessita a participação das famílias e da comunidade, dos Monitores como pessoas e como equipe, do Educador religioso, integrando a Comunidade e a equipe de Monitores.

Muito frequentemente, famílias e educadores se encontrarão no mesmo ponto que os jovens: descobrindo as coisas, dando-se conta de que "não haviam pensado". Será importante que haja um questionamento leal, sem autoritarismo nem falsas vergonhas por não saber.

Entretanto, mais importante ainda, se a procura e reflexão devem ser de todos e de cada um, O COMPROMISSO TAMBÉM DEVE SÊ-LO. Pensamos que o compromisso dos educadores é a parte capital da educação.

13.5.3. - Algo sobre as três fases da reflexão:

13.5.3.1. - A primeira fase: descobrimento de nossa própria situação. É, praticamente, o Estado do Estado. Tratar-se-á:

- de utilizar, focalizar ou aprofundar os planos de estudo existentes;
- realizar Planos de Estudo específicos, como por exemplo: sobre a vida religiosa. Evidentemente, isso supõe:
 - . que monitores e famílias descubram mais a dimensão "tomada de consciência" e descobertas de valores do Plano de Estudo;
 - . que os educadores que colaboram (p. ex. para a Educação da Fé) saibam manejar o Plano de Estudo.

13.5.3.2. - A segunda fase: critérios e métodos, será bastante delicada. Tratar-se-á:

- de introduzir aos jovens nas ciências do homem, e no pensamento religioso, filosófico, ideológico, em termos acessíveis, sem ser simplistas nem tendenciosos;
- de ajudá-los a adquirir critérios e métodos para permitir que continuem se formando.

A nível de Fé Cristã, pensamos fundamental o contato direto com a Revelação através da Bíblia, lida com todas as contribuições dos estudos bíblicos.

13.5.3.3. - Mais delicada ainda será a fase: reflexão sobre o compromisso. Pensamos que se deve evitar toda espécie de condicionamento. A experiência mostra, com efeito, que muitos processos de "conscientização" podem ser, realmente, imposição oculta de modelos alheios. A reflexão sobre o compromisso, pensamos, deve marcar-se nas condutas sociais. Uma reflexão mais profunda deve ser espontânea, e sempre requererá, por parte dos educadores, uma grande prudência; cuidado com os mini-psicólogos, ou com os diretores de consciência que projetam sobre os outros suas próprias concepções ... ou deformações!

Toda a elaboração e ação grupal, as avaliações, as reuniões sobre organização e auto-disciplina já trazem meios de reflexão sobre o compromisso. A APFEA, entretanto, sente a necessidade de ir mais longe. DEvem inventar-se os meios, respeitando sempre quatro conceitos-chaves no Movimento EFA em relação à Pessoa:

- autonomia,
- vida social
- localização, e.
- transcendência.

